

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Paula Coatti Ferreira

História e projeto de vida da mulher nordestina em São Paulo: uma análise do sentido emancipatório baseada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO
2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Paula Coatti Ferreira

História e projeto de vida da mulher nordestina em São Paulo: uma análise do sentido emancipatório baseada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social sob a orientação do Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa.

SÃO PAULO
2015

Banca Examinadora:

Às mulheres nordestinas

guerreiras debaixo do Sol

flores acima da terra

que habitam no bairro Parque das Cerejeiras
em São Paulo-SP.

AGRADECIMENTOS

Aos docentes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aos colegas do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Identidade Humana, minha gratidão por colaborarem com meu crescimento acadêmico e pessoal nesta inesquecível jornada de quatro anos.

Ao Prof. Dr. Silas Molochenco e à Prof. Dra. Durvalina Bezerra, meu agradecimento pelo apoio acadêmico e pessoal na docência em teologia, sem os quais não seria possível o sonho da realização deste doutoramento ser concretizado.

Ao amigo-irmão Yong Park, representante da comunidade coreana cristã, para quem agradecer é pouco por tudo que fez por mim apoiando financeiramente cada uma das etapas da minha formação acadêmica, do bacharel ao doutorado.

A CAPES pela bolsa de estudo que me permitiu concluir o último ano do doutoramento.

Às minhas amigas-irmãs, Luciana Riesenfeld, Laura Peres, Margarete Muniz e Sueli Sapia, minha imensa gratidão por todo o apoio, paciência e cumplicidade diária.

Aos meus pais, que há mais de 46 anos me fizeram e ainda cuidam, mais do que a minha gratidão, meu amor, pelo exemplo de vida. Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelas horas de ausência compreendida. Ao meu amado Raboni Yeshua, por todo aprendizado sem palavras.

*Preciso ser um outro
para ser eu mesmo*

*Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta*

Sou pólen sem insecto

*Sou areia sustentando
o sexo das árvores*

*Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro*

*No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço*

*Identidade, por Mia Couto
(in “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”)*

RESUMO

FERREIRA, Paula Coatti. História e projeto de vida da mulher nordestina em São Paulo: uma análise do sentido emancipatório baseada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. 2015. 157f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) PUC-SP.

Esta tese propôs-se investigar o desenvolvimento do sentido emancipatório na dinâmica identitária de uma mulher nordestina, habitante de uma comunidade carente em São Paulo, cuja experiência diária é o enfrentamento de dificuldades diversas, relacionadas à migração, exclusão, gênero e religiosidade, agravadas pelo estigma de miséria e inferioridade, atribuídos socialmente. Tratou da construção contextual de uma “política de identidade de invisibilidade”, criada para legitimar a desigualdade social e categorizar a população brasileira, tendo nos nordestinos migrantes sua expressão mais nítida, a fim de manter a heteronomia garantindo a hegemonia de poder de grupos de controle econômico, ao longo da história do País. Metodologicamente realizou um estudo de caso baseado na coleta da narrativa de história de vida pelo procedimento técnico de entrevista reflexiva, que deu corpo à interpretação qualitativa quanto à identificação das representações que o entrevistado fez de si e do mundo. Com base no sintagma identidade – metamorfose – emancipação avaliou de que forma a construção intersubjetiva indivíduo - sociedade manifesta-se por meio de sua fala, quanto à interiorização e à exteriorização da política de identidade dominante e seus efeitos na sujeição do psiquismo e na manipulação da consciência; como se deu a formação e o desenvolvimento da dinâmica das personagens da identidade e quais as relações estabelecidas com relação à conquista da autonomia e do impulsionar do sentido emancipatório; as emoções e sentimentos mais evidentes na participação da afetividade nesse processo; e, por fim, avaliou as perspectivas de seu projeto de vida.

PALAVRAS-CHAVE: mulher nordestina; migrante; sintagma identidade-metamorfose-emancipação; autonomia; sentido emancipatório.

ABSTRACT

FERREIRA, Paula Coatti. History and life project of the Northeastern woman in São Paulo: an analysis of the emancipatory meaning based on the syntagma identity-metamorphosis-emancipation. 2015. 157f. Thesis (Doctorate in Social Psychology) PUC-SP.

This thesis proposes to investigate the development of the emancipatory meaning in identity dynamics of a Northeastern woman, resident of a poor community in São Paulo, whose daily experience is facing several difficulties related to migration, exclusion, gender and religion, exacerbated by the stigma of poverty and inferiority, attributed socially. Dealt with the contextual construction of an "invisibility identity politics", created to legitimize the social inequality and categorize the Brazilian population, having in the northeastern migrant its clearest expression in order to keep the heteronomy ensuring the hegemony of economic power control groups, throughout the history of the country. Methodologically a case study based on the collection of life history narrative by the technical procedure of reflective interview that gave body to the qualitative interpretation in order to identify the representations that the respondent did of herself and of the world. Based on the identity Syntagma - metamorphosis - emancipation was evaluated in what way the construction of the inter-subjective individual - society manifests itself through his speech, according to the internalization and externalization of dominant identity politics and its effects on the psyche subjection and manipulation of consciousness, how was the formation and development of the dynamics of the characters of identity and what the relationships established with respect to the achievement of autonomy and boost the emancipatory sense; emotions and feelings more evident in the participation of affection in this process; and, finally, evaluated the perspective of their life project.

KEY WORDS: Northeastern women; migrant; syntagma identity- metamorphosis-emancipation; autonomy; sense emancipatory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo da Dinâmica das Personagens de Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	127
Figura 2 – Processo dos contextos provocativos das vergonhas de Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	131
Figura 3 - Processo dos contextos evocativos do extraordinário para Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	135
Figura 4 - Os processos de Gardênia e o sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de Formação das Personagens de Gardênia.....	124
Quadro 2 – As Vergonhas de Gardênia e seus Contextos Provocativos.....	129
Quadro 3 - O Extraordinário para Gardênia e seus Contextos Evocativos.....	132

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado

IDHAD - Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade

IPEA – Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada

MI - Ministério de Integração Nacional

ONGs - Organizações Não-Governamentais Sem Fins Lucrativos

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNDR II - Política de Desenvolvimento Nacional de Desenvolvimento Regional II

PT – Partido dos Trabalhadores

PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SE – Sergipe

SP – São Paulo

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - A INVISIBILIDADE DESVELADA	25
1.1 A Invisibilidade Social como Política de Identidade Brasileira.	31
1.2 A Severinidade como Visibilidade do Estigma da Invisibilidade.	38
1.3 O Feminino como Representação da Severinidade.	45
CAPÍTULO 2 A GARDÊNIA DESVELADA	51
2.1 O encontro de Gardênia	55
2.2 A interpretação de Gardênia.	58
O PREFÁCIO DA HISTÓRIA	59
QUANDO NÃO-ERA, JÁ SENDO	59
A HISTÓRIA	61
QUANDO PASSA A SER INVISÍVEL	61
QUANDO INVISÍVEL, TORNA-SE SEVERINA	77
QUANDO SEVERINA ROMPE COM A SEVERINIDADE	85
QUANDO SE PERCEBE DESATOLADA	96
QUANDO SE TORNA GARDÊNIA	110
QUANDO GARDÊNIA, ELA MESMA	116
2.3 O sentido emancipatório de Gardênia	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE	152

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como proposta investigar o desenvolvimento do sentido emancipatório na dinâmica identitária de uma mulher nordestina, habitante de uma comunidade carente em São Paulo, cuja experiência diária é o enfrentamento de dificuldades diversas, relacionadas à migração, exclusão, gênero e religiosidade, agravadas pelo estigma de miséria e de inferioridade atribuídos socialmente.

O interesse pelo tema vem se desenvolvendo desde 2003 quando iniciei um trabalho voluntário de conscientização em cidadania com a população de uma comunidade carente em São Paulo, e logo pude confirmar não só a predominância estatística de migrantes nordestinos, mas também, o destaque da atuação das mulheres por sua forte expressão identitária no que diz respeito à capacidade de enfrentamento e superação de adversidades, transformação de vida e desenvolvimento de autonomia.

Isso motivou minha iniciação científica em uma segunda área de pesquisa, a teologia, uma vez que me incomodou por demais o risco de alienação proporcionado pela religiosidade, especialmente, marcante nessa população em função da forte herança cultural do catolicismo tradicional colonial e, a partir da década de 1980, de influências do neopentecostalismo emergente no meio evangélico.

Desde então, meu interesse pessoal e acadêmico vem crescendo, sobre como pode, pois ocorrer a conquista de autonomia para essas pessoas, sobretudo diante da carência existente de pesquisas que tenham o migrante nordestino em si como foco. Ainda mais, que não se prenam ao construto imagético desenvolvido historicamente onde o mesmo, “miserável e inferior”, sofrendo de atribuição social de desvalia, é visto como alienado totalmente e irremediavelmente impedido em sua conquista de autonomia; uma vítima sem esperança!

Realizei meu mestrado já com a atuação prática em aconselhamento integral e ensino de conscientização em cidadania com aos migrantes nordestinos, dando continuidade à docência na área de teologia, no ensino superior, motivada então pelo desafio e compromisso de vida de colaborar com a minimização dos efeitos danosos da religiosidade por meio também da mudança da mentalidade eclesiástica. A partir de agora, com o doutorado em psicologia social com foco em identidade, busco contribuir com o melhor conhecimento e compreensão da população nordestina em situação de

exclusão. Assim, encaminhei-me para a realização do doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, considerando a importância histórica e acadêmica da instituição, tanto em sua participação na jornada democrática do País como nos estudos e pesquisas sobre Psicologia Social em geral e sobre a identidade humana.

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, do qual faço parte, desde 2011, desenvolve principalmente pesquisas sobre os problemas sociais brasileiros e, dentre seus pesquisadores, o Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa vem sendo o responsável pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Identidade Humana, cujos estudos atualmente concentram-se no desenvolvimento da Teoria do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação, que adotarei como referencial teórico principal para o desenvolvimento da tese proposta.

Em 1999, esta teoria foi anunciada publicamente por Ciampa no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO (LIMA, 2010). Contudo, podemos considerar que sua construção vem ocorrendo, desde a década de 1970, quando em sua dissertação de mestrado Ciampa (1977) apresentou as relações entre identidade humana e ideologia, de forma a evidenciar a interconexão entre indivíduo e sociedade para a compreensão de vários aspectos da coexistência e interdependência entre a ocorrência da desigualdade, massificação, resistência e busca emancipatória em uma realidade social dominadora e que descaracteriza os indivíduos para uso do capitalismo.

Na época, já era um pesquisador adepto da ótica materialista-histórica dialética para desenvolvimento de uma psicologia social crítica proposta por Silvia Lane (1989), sua orientadora, Ciampa foi formando sua base teórica também nos estudos de Berger e Luckman (2012) e Sarbin & Scheibe (1983). Em um futuro breve iria vincular-se a George Mead (1993) e a Erving Goffman (2001) pela adoção do modelo de representação do papel socialmente estabelecido para tratar a identidade, além do pensamento de Jürgen Habermas, especialmente, por meio de suas obras “Para reconstrução do materialismo histórico” (1983), “Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos” (1990) e a “Teoria do Agir Comunicativo” (2012).

O seu vínculo efetivo com estes últimos autores ocorreu com base na defesa da tese de doutoramento (1986), posteriormente publicada sob título “A Estória do

Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social” (2005); nesta obra, ele elucidou o entendimento da identidade humana como metamorfose.

Tratando da multiplicidade de papéis que a constituem, mas sob a analogia com a ótica dramatúrgica da concepção de personagens¹, a proposta da identidade, como metamorfose de Ciampa foi uma alternativa inovadora para a discussão da Psicologia Social Crítica, sobre o desenvolvimento do sujeito e da sociedade na perspectiva do paradigma da filosofia da linguagem, uma vez que o “vir-a-ser-sujeito” implica a dialética da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade (Ciampa, 1998), mediada pela linguagem cujas transformações dão-se na ocorrência da luta por reconhecimento, em busca de emancipação, diante da dominação institucionalizada. Rompeu-se, portanto, com a visão tradicional naturalista de conceber a identidade como estática, cristalizada, e deu-se a indicação do sintagma identidade – metamorfose – emancipação pela interconexão e co-dependência dos três conceitos no processo constante de transformações, lutando por reconhecimento em busca de emancipação diante da dominação institucionalizada.

Cabe destacar que, além da inovação da compreensão da identidade como metamorfose proporcionada pela tese, Ciampa também rompeu com os paradigmas da metodologia de investigação utilizados até então pela Psicologia Social, de caráter descritivo e estatístico, ao optar pela realização de um estudo de caso pautado na narrativa de uma história de vida (LIMA; CIAMPA, 2012). Esta metodologia possibilita a captura de aspectos da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade, com base na fala do próprio sujeito, cuja interpretação leva à melhor compreensão da relação “singular-particular-universal” e, conseqüentemente, do sintagma identidade-metamorfose-emancipação; o que entendo também ter feito Ciampa identificar-se e aproximar-se cada vez mais do pensamento de Jürgen Habermas.

A teoria social de Habermas fundamenta-se essencialmente no contexto proporcionado pela articulação da subjetividade do indivíduo, objetividade da natureza, a intersubjetividade da linguagem e a normatividade da sociedade. Para Habermas (1990), a linguagem promove a individuação e a socialização concomitante a autoidentificação intersubjetivamente reconhecida é que proporciona o fundamento para

¹ Em linhas gerais, Ciampa teve por base analógica da relação identidade - papéis o pensamento de Stanislavsky, especialmente a partir da obra “A construção da personagem” e do texto “Preparação do ator” (Ciampa, 2005, p.198-199) sobre a relação ator - personagens.

a afirmação da própria identidade, baseada na realização do agir comunicativo (HABERMAS, 1983) no “mundo da vida”.

Habermas (2012) entende que o “mundo da vida” tem um caráter pragmático, pois é o “pano de fundo” compartilhado intersubjetivamente pela mediação da linguagem, que integra uma pessoa à comunidade, sendo este pano de fundo estruturalmente constituído pela cultura, como “reserva do saber”; pela sociedade, como “ordens legítimas pelas quais os participantes da comunicação regulamentam sua pertença aos grupos sociais, assegurando a solidariedade”; e pelas estruturas de personalidade, como “conjunto de competências que tornam o sujeito capaz de fala e de ação”; sendo os três manifestos nos conteúdos semânticos da linguagem cotidiana. Dessa forma, conforme o pesquisador se refere a reprodução do “mundo da vida”, a manutenção de seus componentes estruturais dá-se pelas situações cotidianas de fala dos sujeitos ao mesmo tempo em que influenciam a individuação dos mesmos e seu processo de desenvolvimento de autonomia.

Com o desenvolvimento do capitalismo na Modernidade, dinheiro e poder, tornam-se os mecanismos de coordenação das ações, regendo as interações entre os indivíduos, enfraquecendo, eliminando ou dificultando o processo discursivo-consensual. A razão estratégica predomina em relação à comunicativa nas decisões dos participantes no processo de interação, ou seja, dinheiro e poder passam a ser *medium* de interação da economia e do Estado com, respectivamente, as esferas privadas e públicas da sociedade, deformando as estruturas do “mundo da vida”, que se torna “colonizado” pelo “sistema”, uma vez que a economia e o Estado são os sistemas que garantem a reprodução material e institucional da sociedade.

Uma vez havendo a “colonização” do “mundo da vida” passa-se à desordem social e aos prejuízos aos indivíduos em seus processos de individuação e socialização, em função da assimetria das relações interativas dadas por meio da linguagem, transformando-se em relações de domínio, de subjugação entre pessoas. Estas relações assimétricas (superior-subalterno; patrão-empregado) decorrentes da reciprocidade incompleta na interação dos indivíduos impedem ou dificultam a resolução de conflitos de ação, pela não promoção da competência interativa dos indivíduos (FERREIRA, 2000).

Lembrando-se que para Habermas (1983, p. 67), a consciência (chamada “consciência moral”) é “a capacidade de usar a competência interativa para elaborar

conscientemente conflitos de ação moral relevantes”, entendemos que, em função da assimetria relacional, a capacidade de compreensão de si mesmo é abalada, fundamental para a compreensão da identidade², assim a mesma é de fundo valorativo. Afinal, o indivíduo necessita apropriar-se da compreensão de sua história de vida e das tradições e contextos da pertença à realidade simbólica de um grupo (de sua comunidade de sentido), que determinam sua individuação e seu projeto de vida na simultaneidade com a socialização.

Razão prática e vontade, portanto, também se interrelacionam, pois, aquilo que queremos ou de que necessitamos determina em parte o que devemos fazer, uma vez definidas as metas e preferências dos agentes, pois nossa vontade está estabelecida por desejos e valores e está aberta a outras determinações no que diz respeito às alternativas quanto à escolha dos meios ou à fixação de metas; e por isso, “o outro” corre o risco de ser desconsiderado e tornar-se um objeto a ser utilizado ou um empecilho a ser contornado (FERREIRA, 2000). O “*telos*” da vida do sujeito deve ser referido, então, pelas questões éticas, pois o interesse individual deve harmonizar-se com a vontade alheia, mediante o entendimento recíproco, discursivo-consensual, por meio do agir comunicativo, capaz de permitir o reconhecimento entre os sujeitos como exercício da moral autônoma³ que exige justiça (igualdade da liberdade) e solidariedade (respeito à dignidade de cada um) visando ao bem comum, à saúde social (HABERMAS *apud* FERREIRA, 2000).

Para tanto, é *mister* a igualdade no direito à livre expressão de todos os indivíduos para a construção de diálogo e não para a massificação, mediante a imposição de uma identidade dominante, por isso, para Habermas a conexão entre o Estado de Direito e democracia não permite ignorar desigualdades de condições de vida nem diferenças culturais, ao contrário, dão ao cidadão até mesmo o direito de confrontar sua própria cultura (TAVARES, 2011). No modelo capitalista de modernização, a

² Observo que Habermas utiliza os termos “Identidade Individual”, para personalidade, e “Identidade coletiva”, para sociedade; pressupondo uma moral universalista e passível de revisão periódica, pois todos devem participar dos processos de formação de normas e valores. A identidade individual ou própria, é a autocompreensão como sujeito individuado, cuja fala e ação são autônomas. Para ele, o agir comunicativo proporciona a reformulação das personalidades (identidades individuais) na interação com a sociedade (identidade coletiva) e vice-versa; o que aproxima do entendimento de identidade como metamorfose, de Ciampa.

³ O que Habermas nominou de nível de consciência moral “pós-convencional”, com base na revisão crítica e de aprofundamento dos estudos sobre consciência moral de Lawrence Kohlberg (FERREIRA, 2000).

colonização do “mundo da vida” facilita o estabelecimento de identidades dominantes, pois faz com que as “políticas de identidade”, os processos regulatórios que toda sociedade desenvolve para conformar os indivíduos aos modelos de conduta esperados para a reprodução das estruturas estabelecidas, sejam elaborados de forma a favorecer os grupos detentores de poder político-econômico, criando categorias sociais oprimidas e marginalizadas (ALMEIDA, 2003).

Intencionalmente a imputação de modelos identitários é dirigida pelo grupo de indivíduos que detém o poder político-econômico e impede em maior ou menor grau o “vir-a-ser-sujeito”, mediante o que Ciampa (2005) também conceituou como “mesmice”, a reposição de personagens, onde o indivíduo permanece o que sempre foi impedido da busca emancipatória pela negação da transformação identitária. As possibilidades de crises de orientação, alienação e psicopatologias nos oprimidos aumentam, resultando no bloqueio da autonomia dos sujeitos, da impossibilidade de formação de suas próprias “identidades políticas”, na reivindicação de reconhecimento e direitos (BERGER; LUCKMAN, 1997). O grupo dominante torna-se uma voz que fala por meio dos indivíduos oprimidos, o que pode vir a significar inclusive a definição de um conjunto de atributos depreciativos, inferiorizantes, surgindo assim uma categoria de indivíduos estigmatizada⁴ (GOFFMAN, 2013), caso isso seja interessante para a manutenção da política de identidade vigente.

Quando Ciampa iniciou o aprofundamento de seus estudos sobre identidade, na ocasião de sua tese de doutorado, investigou a história de vida de uma mulher nordestina por ele nominada “Severina”, assim o desafio que a Psicologia Social brasileira enfrenta ficou identificado muito além da proposição da identidade como metamorfose e da posterior indicação do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, pois lhe chamou a atenção o fato de que

⁴ Para Goffman (2013, p.4) há três tipos básicos de estigma: por abominações do corpo (deficiências e deformidades físicas), por atribuição de culpas individuais percebidas, como vontade fraca (homossexualidade, desemprego, tentativas de suicídio, etc.), e os tribais (raça, nação, religião, etc.).

Tanto o Severino do poema, quanto a Severina de carne e osso são típicos. Típicos não só como nordestinos que migram, mas típicos como brasileiros que são violentados, como seres humanos que são explorados em nossa sociedade capitalista. Nem todos somos nordestinos ou migrantes. Mas, em nossa sociedade de classes, somos todos explorados e violentados – alguns mais, outros menos. Principalmente somos por ver barradas possibilidades de concretizar nossa humanidade. Neste sentido, até mesmo poderosos, privilegiados, são também impedidos de se humanizarem. Talvez as ações mais desumanas em nossa sociedade partam desses segmentos da população. (CIAMPA, 1987, p. 92-93)

O desenvolvimento histórico do Brasil aponta para a construção social de uma política de identidade intimamente ligada à legitimação da desigualdade social, pela inegável subjugação às etapas do capitalismo, de forma a proporcionar também o estabelecimento peculiar dos direitos civis, políticos e sociais⁵ subordinados ao mesmo. A população nordestina migrante de baixa renda é um dos principais grupos populacionais subjugados a essa política e estigmatizado pela mesma.

Sabemos que, historicamente, os nordestinos lideram e encorpam o movimento migratório para outras regiões do País, desde o século XIX, especialmente para o Centro-Sul. O motivo principal seria a vida difícil na região do Sertão⁶, onde as secas impossibilitam a sobrevivência pela agropecuária, além do desenvolvimento econômico de outras regiões, em especial, a Sudeste. Assim, sobretudo, entre 1930 e 1980, os nordestinos deslocaram-se, em especial aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, atraídos pelo desenvolvimento industrial gerador de empregos e novas oportunidades (FERRARI, 2005).

No caso do Estado de São Paulo, de 1930 a 1950, a migração nordestina foi essencialmente rural, para atender às necessidades de mão de obra para o cultivo sobretudo de algodão e café, mas também ao de cana de açúcar e a agropecuária. A

⁵ Entendemos como direitos civis: “direito a se dispor do próprio corpo, à locomoção, à segurança” (MANZINE-COVRE, 2007, p. 11-15), “à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei (CARVALHO, 2007, p.9), etc.; direitos sociais: atendimento às necessidades humanas básicas (alimentação, habitação, saúde, educação, etc.); direitos políticos: decisão do homem sobre sua própria vida, sua livre expressão de pensamento e prática política, religiosa, etc., incluindo a deliberação sobre os dois demais tipos de direitos.

⁶ O Sertão Nordestino é a maior zona da Região Nordeste. Inclui os Estados do Ceará, Paraíba, Alagoas, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, chegando à divisa da Bahia e da mesorregião Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais. Possui clima semiárido, com chuvas escassas e períodos longos de estiagem e vegetação de caatinga.

partir de 1951 até 1980, foi urbana, para atendimento da indústria e da construção civil em função do desenvolvimento urbano.

Conforme cita Ferreira (2010), desde as primeiras migrações os nordestinos vêm formando uma interessante massa de trabalhadores homens disponíveis a baixo custo de contratação em especial à construção civil, em função da pouca ou nenhuma capacitação profissional. Já as mulheres nordestinas, dedicaram-se especialmente a atender às necessidades de realização de serviços domésticos, incluindo o cuidado de crianças, trabalhos considerados informais até a década de 1990, pelo entendimento de ausência de necessidade de capacitação profissional, já que eram “naturais” para as mulheres, e cuja regulamentação profissional efetivou-se somente com a criação da PEC das Domésticas, sancionada como Lei este ano de 2015 (BRASIL, 2013a).

Embora a partir de 1981 o meio rural do Sudeste voltasse a atrair os nordestinos para atendimento do cultivo de cana de açúcar que se intensificou, a concentração na região metropolitana de São Paulo (Grande São Paulo) permaneceu. De 1990 em diante tem havido a desaceleração sua migração para o Sudeste, em função da atração para outras regiões e da migração de retorno pelo desenvolvimento do próprio Nordeste, mas São Paulo ainda é o polo mais atrativo (IBGE, 2011).

O perfil predominante do nordestino que migra à São Paulo vem sendo o de condição socioeconômica precária, com pouca ou nenhuma formação profissional, adepto do catolicismo, e de origem étnica miscigenada, proporcionada pelo desenvolvimento histórico social da própria região Nordeste, de integração das matrizes europeia, indígena e africana por subjugação das duas últimas à escravidão. Esse migrante acabou por habitar, sobretudo as regiões geográficas periféricas da cidade de São Paulo, por oferecerem condições de moradia mais barata ou mesmo pela formação inicial da “favelização” por aqueles em condição de pobreza extrema. Mas também habitaram cortiços, formando bolsões não periféricos de ocupação nos bairros do Brás, Bom Retiro, Barra Funda e Mooca para atender à indústria têxtil locada nessas regiões.

Os imigrantes europeus recebidos antes de 1930 eram já qualificados ou semiquualificados, tanto para a agricultura como para a indústria e ocuparam as melhores oportunidades de emprego, tanto no meio rural como urbano, além de encorparem a formação da população paulista em geral e, mais especificamente a paulistana, com destaque para os italianos. Deu-se, assim, a caracterização da cidade de São Paulo, como uma cidade de “população europeia civilizada”, tipicamente italiana, cujo

desenvolvimento urbano e os problemas decorrentes, acentuados por crises econômicas, tais como desemprego, degradação das condições de vida, concentração demográfica e violência passaram a ser atribuídos aos nordestinos⁷.

A pesquisadora Borges (2007) cujos estudos tratam em parte de questões identitárias dos nordestinos migrantes, destaca a permanência da existência do rótulo de “baiano” que foi comumente adotado em São Paulo para descrever qualquer nordestino em função da percepção do sotaque, com a intenção preconceituosa de atribuir o entendimento de alguém, pobre, ignorante, sem educação, não branco (como caráter de desvalia e inferioridade), etc. Darcy Ribeiro (2006) já havia identificado o termo “cabeça chata” no mesmo sentido⁸. Aos poucos se foi construindo também a homogeneização do entendimento da Região Nordeste como “Sertão” árido, sem vida (entenda-se, sem civilidade), e a do nordestino, como o “Severino” retirante pobre, velando a heterogeneidade cultural e econômica local e estigmatizando os indivíduos como “miseráveis e inferiores”, estabelecendo uma identidade cristalizada, atemporal, interessante do ponto de vista político-econômico.

Mas, a partir da década de 1990, a abertura política e econômica trouxe o desenvolvimento de políticas públicas voltadas especialmente para proporcionar a mudança da realidade das regiões menos desenvolvidas (Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste)⁹ e para o atendimento de grupos populacionais excluídos, tais como, mulheres, homossexuais, migrantes e imigrantes, deficientes, negros, etc., grupos nem sempre minoritários de fato, dentre outros; proporcionando a maior politização, em geral, pela atuação de organizações não-governamentais sem fins lucrativos- ONGs (BNDES, 2001). O surgimento de mais partidos políticos, a remodelação da área de educação e saúde, etc. também foram proporcionados. Com isso, as eleições de cargos políticos refletiram mudanças.

A ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT), por meio de Luís Inácio Lula da Silva na presidência da República, durante dois mandatos consecutivos (2003 e 2010), um nordestino de origem socioeconômica proletária, fez a representatividade do povo

⁷ Sabe-se que a xenofobia desenvolvida atribuindo culpabilidade de degradação de condições de vida, e escassez de empregos para os “nativos”, em grandes centros urbanos repete-se em qualquer país do mundo, independentemente da origem étnica dos migrantes, contudo, acaba sendo sempre associada a esta pelas diferenças culturais.

⁸ Os nordestinos oriundos da Bahia e do Ceará são predominantes na migração para São Paulo até os dias de hoje.

⁹ Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), norteadora das atividades do Ministério da Integração Nacional, criado em 1999.

nordestino não poder mais ser ignorada, ao menos nas urnas eleitorais, tendo seu ápice na eleição do segundo mandato consecutivo de Dilma Russef, embora não nordestina, mas também do PT; quando a Região Nordeste foi a que mais lhe atribuiu votos.

Em particular, este último evento trouxe à tona a denúncia do preconceito que ainda permanece, e o exemplo deu-se especialmente pela declaração da estudante de direito Mayara Petruso, no *Twitter*, logo após as eleições, em que dizia que “Nordestisto [sic] não é gente. Faça um favor a SP: mate um nordestino afogado” (JUSTIÇA, 2012). Ela foi processada pela Justiça Federal de São Paulo e cumpriu pena sob a forma de serviços comunitários e pagamento de multa, porém, as manifestações de concordância com a afirmação da estudante propagaram-se pelas redes sociais e não somente as de desgosto, conforme o site “Xenofobiano” denunciou, e a mídia internacional também.

Mais do que xenofobia, o fato reflete a tensão que vem se intensificando desde 2003, diante da ameaça à ruptura da política de identidade dominante, em consequência de várias medidas que o governo vem tomando dos últimos dez anos como, por exemplo, através da atuação do Ministério de Integração Nacional-MI que, em 2007 criou a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, para tratar do desenvolvimento econômico incluyente e sustentável da região, e que vem dando resultados, ao menos quanto ao aumento de participação no PIB nacional (VILLELLA, 2013).

Paulatinamente, o MI ampliou sua atuação fortalecendo-se mais ainda em 2012 com a publicação da Política de Desenvolvimento Nacional de Desenvolvimento Regional II – PNDR II (BRASIL, 2013b), que aumentou o número de projetos voltados para a região Nordeste, englobando o desenvolvimento social (saúde, educação, assistência social, cultura e lazer) e econômico (infraestrutura urbana e rural, transporte, saneamento e condições tributárias favoráveis à implantação da indústria, etc.), além de apresentar dados denunciadores da discrepância entre as regiões. Contudo, apesar de o Brasil ter apresentado o aumento do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH na década de 2000, ainda possui um problemático Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade - IDHAD, tendo os piores índices nas regiões Norte e Nordeste (ONU, 2013). É fato que mudanças estão ocorrendo no País desde a abertura democrática, a partir da década de 1980, mas a população nordestina ainda tem muito pelo que lutar, a começar pela autonomia de sua identidade.

Assim, ao me propor investigar o desenvolvimento do sentido emancipatório na dinâmica identitária de uma mulher nordestina habitante de uma comunidade carente em São Paulo, com base no sintagma identidade – metamorfose – emancipação, pretendo avaliar de que forma a construção intersubjetiva indivíduo - sociedade manifesta-se por meio de sua fala quanto à interiorização e à exteriorização da política de identidade dominante e seus efeitos na sujeição do psiquismo e na manipulação da consciência; como se dá a formação e o desenvolvimento da dinâmica das personagens e quais as relações possíveis de serem estabelecidas com relação à conquista da autonomia e do impulsionar do sentido emancipatório; as emoções e sentimentos mais evidentes na exposição da afetividade nesse processo; e, por fim, avaliar as perspectivas de seu projeto de vida.

Metodologicamente optei, portanto, pela realização de um estudo de caso com base na coleta da narrativa de história de vida. A coletada foi feita pelo procedimento de entrevistas reflexivas (SZYMANSKI, 2002), técnica que provoca um processo de tomada de consciência por parte do pesquisado, desencadeado pela atuação dialógica do pesquisador, mediante o contínuo intercâmbio entre significados e sistemas de crença e valores e de captação de emoções e sentimentos. Por isso, dá corpo à interpretação qualitativa quanto à identificação das representações que o entrevistado faz de si e do mundo, preservando a contextualização para identificação de temas ou categorias emergentes naturalmente, e oferecendo a meu ver o passo a passo da análise interpretativa.

Observo também que embora o enfrentamento complexo das dificuldades diversas da mulher nordestina das comunidades carentes de São Paulo esteja relacionado fundamentalmente às questões de migração, exclusão, gênero e religião, de forma alguma se intentou tratar uma discussão específica sobre cada uma dessas quatro temáticas. A manifestação indicativa de aspectos das mesmas pelos processos intersubjetivos e interpessoais da narrativa de história de vida do sujeito é que interessou primordialmente.

A apresentação da tese, portanto, está estabelecida em duas partes, a primeira tratando, especificamente, da sociedade e dos aspectos do desenvolvimento da política de identidade dominante no Brasil; e a segunda, da dinâmica de identidade de um indivíduo, que represente a categoria daqueles que mais sofrem com tal política, a fim de proporcionar reflexões sobre as possibilidades de desenvolvimento da autonomia e

do sentido emancipatório, para vivência efetiva da democracia no país, e concomitantemente da cidadania.

Assim, em um primeiro capítulo, tratarei sobre a construção contextual do que chamo de uma “política de identidade de invisibilidade”, criada para categorizar a população brasileira, estabelecendo “identidades superiores e inferiores” (ALMEIDA, 2003), tendo nos nordestinos migrantes a expressão mais nítida da mesma, a fim de manter a heteronomia garantindo a hegemonia de poder de grupos de controle econômico, não importando o tipo de governo. Para tanto farei uso sobretudo dos estudos teórico-críticos brasileiros de Jesse Sousa, sociólogo e de Durval Muniz Albuquerque Júnior, historiador; que desenvolvem pesquisas sobre obras diversas da literatura e das ciências humanas brasileiras, que possibilitam perceber por meio da análise discursiva e sociológica a constituição de uma identidade nacional, de brasilidade, da constituição do povo brasileiro, baseada nos aspectos político-econômicos e sociomoraes desenvolvidos ao longo da história do País.

Em um segundo capítulo, apresento o estudo de caso de um sujeito emblemático, representativo dos indivíduos que sofrem mais com esta “política de identidade de invisibilidade”, de forma detalhada quanto à metodologia utilizada, a triagem e o perfil da pesquisada, a constituição técnica da análise interpretativa dos resultados e as devidas reflexões pautadas na teoria do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, de Antônio da Costa Ciampa e da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas, além de aportes de outros autores; visando ao alcance dos objetivos pretendidos e também para refletir sobre novas questões a serem feitas, uma vez que o sintagma identidade-metamorfose-emancipação por si só é movimento, é processo, é mudança constante.

CAPÍTULO 1 - A INVISIBILIDADE DESVELADA

O verbo desvelar possui um histórico curioso na língua portuguesa. Até o século XV, seu significado era o de agir com empenho e dedicação ou mesmo privar-se de sono por dedicar-se muito a algo ou alguém. A partir do século XVIII, amplia-se para fazer conhecer, trazer à tona algo oculto, retirar o véu (HOUAISS, 2015). Curiosamente, a partir do mesmo século XVIII no Brasil, grupos sociais detentores do poder político-econômico *empenharam-se* em construir uma política de identidade que *trouxesse à tona* a diferenciação “natural” entre as populações das regiões geográficas do País, categorizando-as e locando-as em as “atrasadas e ignorantes” ao Norte e as “civilizadas e capazes” ao Sul. No século XIX, esses grupos deixaram mais claro ainda a natureza miserável e inferior, especificamente, do Nordeste compadecendo-se de seus habitantes e acolhendo-os caridosamente como migrantes em outras terras.

No Brasil, parece-me comum a diferença que existe entre o uso que se faz das palavras no cotidiano para seus reais significados no dicionário. Considerando-se a construção intersubjetiva indivíduo - sociedade mediada pela linguagem pode-se brincar muito com a imaginação. Mas, nesta tese, pretendo usar o termo desvelar de modo a conciliar o léxico ao cotidiano no *empenho de trazer à tona* o subjetivo e o intersubjetivo dos aspectos sobre o desenvolvimento da política de identidade dominante no Brasil e da dinâmica de identidade de um indivíduo que represente a categoria daqueles que mais sofrem com tal política, a fim de proporcionar reflexões sobre as possibilidades de autonomia e do desenvolvimento do sentido emancipatório, para a vivência efetiva da democracia no País, e, concomitantemente, da cidadania.

Na obra “Cidadania no Brasil: o longo caminho”, José Murilo de Carvalho (2007) apresenta detalhadamente como o processo histórico do desenvolvimento político-econômico brasileiro é marcado pela implantação sucessiva das etapas do capitalismo – mercantilismo, liberalismo e monopolismo – de forma a proporcionar também o estabelecimento peculiar dos direitos civis, políticos e sociais subordinados ao mesmo, em função dos devidos interesses dos projetos de poder com base,

sobretudo, no tipo de colonização por exploração e sucessão posterior de ditaduras civil (Vargas) e militar, bem como dos interesses de nações estrangeiras¹⁰.

Do ponto de vista étnico cultural, já se tinha no marco acadêmico de Darcy Ribeiro, por exemplo, compilado posteriormente na obra “O Povo Brasileiro”(2006), o reconhecimento do desenvolvimento da população ocorrido, inicialmente, baseado na fusão das matrizes indígena, africana e europeia (lusitana), por exploração e subalternização, mediante submissão violenta ao regime de escravidão das duas primeiras à terceira. A imposição religiosa do cristianismo-católico-apostólico-romano, foi uma das principais ferramentas de coersão e naturalização do processo de sincretismo e de miscigenação. O desenvolvimento populacional também ocorreu em função das demandas do processo capitalista e de suas consequências, e com o passar do tempo, incorporou outras etnias imigrantes.

Em suma, a colonização brasileira iniciou-se na etapa mundial de transição do capitalismo mercantil para o liberal, a fim de servir economicamente, assim, pode-se dizer que se estabeleceu um tipo de Estado de Nascimento diferenciado pela etnia, mantido e justificado pela escravidão. Da passagem da etapa mundial do capitalismo liberal para o monopolista, foi interessante favorecer o surgimento dos direitos civis e políticos, mesmo que manipulados, como também colaborar direta ou indiretamente com o advento das repúblicas no Brasil. Já as ditaduras civil e militar que se seguiram no País e propiciaram o surgimento dos direitos sociais, acompanhavam o capitalismo monopolista tecnocrata e sua massificação.

Quando, na década de 1980, o Brasil reinicia sua jornada em direção à democracia, de forma desafiadora para o processo de cidadania de seu povo, tem-se de forma pioneira em Milton Santos (2007) a captação e descrição de um cenário bem complexo até a época; onde ele afirma existir o “não-cidadão”¹¹ do Terceiro Mundo, um consumidor, não um homem livre pautado nas grandes migrações¹², sobretudo, de

¹⁰ Portugal, Inglaterra e Estados Unidos da América, sobretudo.

¹¹ Visão também compartilhada por Manzine-Covre (1986), e típica da década em questão.

¹² Consideramos pertinente observar que Santos (2007) chama a atenção para o fato *desterritorialização* ser também um processo de *desculturalização*, uma vez que o território (espaço físico) é onde se dá a comunhão, a solidariedade orgânica, e a vivência dos valores de uso e não os de troca. Ou seja, as migrações fizeram os brasileiros passar de um *regime orgânico* para um *império organizacional*.

nordestinos e nortistas para os principais centros urbanos do Sudeste¹³ que, historicamente, vêm detendo o poder, desde o séc. XIX. Formaram-se metrópoles para atender ao modelo conduzido pelo “milagre econômico”, tanto no fornecimento de consumo de trabalho como na formação de consumidores de massa dos produtos e serviços propriamente ditos.

Quando, porém, o homem está preso aos próprios bens/serviços que cria, está alienado; é um homem submisso aos objetos produzidos e, na visão de Santos (2007), isso é um ópio social pior (mais eficaz) do que as religiões foram no passado mundial; pois reduziu seu espaço¹⁴ a uma função, mas curiosamente isso acabou por acrescentar a própria comercialização da religião no caso brasileiro, quando na mesma década, de 1980, emerge efetivamente o mercado religioso com a “teologia da prosperidade”. Trazida pelo neopentecostalismo¹⁵, tornou-se uma nova oferta de esperança de ascensão econômica diante da condição de vida dos habitantes das periferias urbanas, em especial, migrantes em situação de exclusão social.

As deficientes condições de saúde, educação, habitação e segurança do povo brasileiro, acrescidas da corrupção pública e privada, que permanecem, evidenciam uma situação de injustiça social, alimentadora de disparidades, com base no controle socioeconômico e político. O crescimento e a diversidade de causas atendidas pelo Terceiro Setor, a própria multiplicação das organizações não-governamentais, ONGs, e o desenvolvimento de políticas públicas no Brasil, a partir da década de 1990, são alguns dos muitos comprovantes da preocupação com essa realidade, mas, por outro lado, também de uma evolução da mesma, embora sob uma prática inegável de democracia mesmo que embrionária¹⁶.

¹³ Para Ferreira (2010) movimento que se inicia junto ao desenvolvimento da industrialização brasileira a partir de 1930 e que, com o desacelerar da economia em 1968, provocou a formação das favelas (hoje denominadas comunidades carentes). Cabe lembrar que a “Revolução de 30” do início do período é reconhecida como a “Revolução Burguesa”, por Florestan Fernandes e Luiz Werneck Vianna, dentre outros sociólogos.

¹⁴ “Espaço” no sentido filosófico - como o próprio Santos (2007) define - e pode-se entender como o campo de exercício da humanidade, portanto, incluindo o físico, o de estrutura de valores, etc.

¹⁵ Para conhecimento detalhado, sugerimos a leitura da obra “Protestantismo Tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira”, do Prof. Dr. Gideon Alencar (2005).

¹⁶ Observamos que, até o momento, a última materialização dessa vivência democrática é o conjunto das manifestações ocorridas em março de 2015, cuja marca maior é a polarização pró e contra o quarto mandato do Partido dos Trabalhadores – PT no governo do País, dentre outras reivindicações como reforma política, combate à corrupção, etc.

No processo de aprendizado democrático, os avanços vêm permitido que nos últimos 30 anos ocorra a expansão dos direitos políticos, civis e sociais¹⁷, mas também é inegável o crescimento do crime organizado para o tráfico de drogas, os escândalos de corrupção no setor público e privado, o aumento dos índices de violência, a permanência da precariedade dos serviços de saúde e educação, mesmo diante da afirmação do atual governo da melhoria das condições de vida que propiciaram a emergência de uma nova classe média brasileira da “ralé”¹⁸. A desigualdade social permanece uma realidade, um marca instituída de brasilidade.

Em paralelo, no meio acadêmico, partir da década de 1960, sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais, economistas, cientistas políticos e historiadores, dentre vários pesquisadores¹⁹ passaram a desenvolver novos estudos e reavaliar teorias, conceitos e metodologias de interpretação da realidade social, não se atendo à historiografia como foco principal, mas, sim, buscando a história discursiva, atentando à hermenêutica e às intersubjetividades, considerando a emergência das teorias fundamentadas na filosofia da linguagem; o que proporcionou, sobretudo, a releitura da relação entre desenvolvimento econômico, espacialidade geográfica, visibilidade social e identidade, do ponto de vista individual e coletivo.

O “periférico” passou a adquirir então novo significado, abalando em definitivo as abordagens naturalistas e comportamentais, tornando possível rever o paradigma clássico da ideia de desigualdade periférica, da teoria da modernização, para a discussão da democracia contemporânea e da cidadania e, conseqüentemente, de políticas de identidade e de identidades políticas, como possibilitam fazer, por exemplo, os estudos dos teóricos críticos brasileiros Jesse Sousa (2009), sociólogo, e Durval Muniz

¹⁷ Nesse período tivemos, quanto aos direitos políticos, por exemplo, a conquista das eleições diretas, o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, a eleição por 16 anos consecutivos do PT-Partido dos Trabalhadores no governo (8 anos de governo de Luís Inácio Lula da Silva e 4 anos de Dilma Rousseff, que iniciou novo mandato, de mais 4 anos, agora em 2015), as recentes manifestações populares de insatisfação (julho de 2013 e março de 2015); sobre os direitos civis, a instituição de leis como Maria da Penha, o Estatuto da Criança, União Estável, etc. Somente quanto aos direitos sociais que ainda as conquistas não se deram de forma expressiva, mas incluem o aumento de acesso às vagas nas escolas públicas, o crédito estudantil para acesso ao ensino superior, o Programa Bolsa Família, etc.

¹⁸ Termo definido por Florestan Fernandes e apropriado por Jessé Souza (2009), que nomina a população em situação de exclusão social, pertencente às classes D e E (padrão IBGE de classificação), e mestiça, tendo ascendência sobretudo na população escrava negra e indígena.

¹⁹ Alguns exemplos: teóricos críticos estrangeiros como os filósofos Charles Taylor, Jürgen Habermas e Michel Foucault, os sociólogos Erving Goffman, George Mead e Axel Honneth, a cientista política Nancy Fraser, dentre vários outros, etc.; e os nacionais surgidos posteriormente, que tratam a realidade brasileira em suas pesquisas, como por exemplo, os psicólogos sociais Silvia Lane, Antônio da Costa Ciampa, Bader Sawaia e Neuza Guareschi e, mais recentemente o sociólogo Jessé Souza, os filósofos Caesar Sobreira e Rodrigo Mendes Ferreira e o historiador Durval Muniz de Albuquerque Souza, etc.

Albuquerque Júnior (2011), historiador, cujas obras estarei utilizando especialmente na construção deste primeiro capítulo, também pelo fato de pesquisarem a realidade brasileira.

Os trabalhos desenvolvidos por Souza (2009) compreendem sobretudo a reconstrução da interpretação crítica do processo de modernização brasileiro para tratar a desigualdade social, confrontando o paradigma clássico e propondo a reinterpretação por uma “teoria de valores”, tratando o conceito de modernidade múltipla como mais adequado a explicar as peculiaridades existentes no País quanto à sua população. Como desdobramento, tratou também por meio de suas pesquisas a discussão sobre a recém chamada “nova classe média brasileira”, baseada em pesquisa qualitativa realizada em todo o País, fazendo uma importante abordagem do novo regime de trabalho do capitalismo financeiro que ocorre mundialmente mostrando a “economia emocional” que o sustenta.

Já Albuquerque Junior (2011) tem o foco de suas pesquisas voltado especificamente à compreensão do que se chama de Nordeste brasileiro, alertando sobre a indiferença pela historicidade e o perigo dos discursos monológicos de poder. Por intermédio da releitura dos processos historiográficos e da proposta de análise da história discursiva, ele acaba apresentando uma inovadora desidentificação com as memórias regional e nacional constitutivas de um estigma até hoje adotado para referenciamento do que é o Nordeste e quem são os nordestinos.

Ambos fazem uma revisão crítica de obras clássicas de autores nacionais²⁰, tanto consideradas importantes pela literatura como pelas ciências humanas na constituição de uma identidade nacional, de brasilidade, em razão da importância na compreensão da constituição do povo brasileiro, com base nos aspectos político-econômicos e sociomoraes. Sem negar o mérito dos autores estudados por eles e a importância de suas obras, Souza (2009) e Albuquerque Junior (2011) procuram compreendê-los em seus contextos sociohistóricos mas, exatamente por esse aspecto, ao fazerem uma análise teórico crítica e discursiva os mostram como parte integrante da construção das políticas

²⁰ Souza (2009) pesquisa: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Luiz Werneck Vianna, Maria Sylvia de Carvalho Franco. Albuquerque Júnior (2011) além de Freyre e Fernandes estuda Antônio Candido, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Mario de Andrade, Jorge Amado, Luís da Câmara Cascudo, José Lins do Rego, Ascenso Ferreira, Ariano Suassuna, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Cassiano Ricardo, Alcântara Machado, José de Alencar, etc. Nos estudos, também são referendados jornalistas expressivos como Oliveira Vianna, Lourenço Filho, Joaquim Inojosa; artistas como Luiz Gonzaga, Zé Dantas, Humberto Teixeira; e pintores: Cícero Dias, etc.

de identidade, que têm em comum, especialmente, a população de nordestinos migrantes de baixa renda.

Assim, o que quero tratar neste capítulo com base nesses autores é a apresentação da construção do que chamo de uma “política de identidade de invisibilidade”, entendendo-se a invisibilidade, como uma metáfora da “recusa intencional de percepção” (HONNETH, 2004, p. 138), como expressão de desprezo por parte daqueles que pertencem às categorias sociais mais abastadas, que detêm o poder político-econômico e social, com relação aos menos abastados ou excluídos, como se ignorassem sua existência, ou mesmo limitassem-na apenas à força de trabalho elementar, como uma máquina qualquer, um objeto de uso necessário para a vida cotidiana fluir. Política de identidade esta criada para categorizar a população brasileira, estabelecendo “identidades superiores e inferiores” (ALMEIDA, 2003), tendo nos nordestinos migrantes de baixa renda a expressão mais nítida da mesma, a fim de manter a heteronomia, garantindo a hegemonia de poder de grupos de controle econômico, não importando o tipo de governo.

O processo da construção da identidade brasileira desde o início do desenvolvimento histórico do país ocorre intimamente ligado à legitimação da desigualdade social, pela inegável subjugação às etapas do capitalismo, cujos aspectos sociológicos quando analisados sob a ótica da história discursiva, e não mais exclusivamente pela historiografia, permitem avaliar a amplitude dessa violência simbólica, desde a naturalização do escravo, passando pela construção do não cidadão, chegando à instituição da “nova classe média” brasileira. Entendo que hoje temos um grande desafio para viabilizar a conquista da identidade pessoal autônoma sobretudo por parte dessa população, para a vivência legítima da cidadania e construção efetiva da democracia que envolve, de fato, todas as categorias sociais existentes no País.

É fundamental a compreensão, portanto, da construção contextual do que chamo de uma “política de identidade de invisibilidade”, como política de identidade brasileira, evidenciando os aspectos específicos que envolvem a predominância e a importância da população nordestina migrante de baixa renda, como um dos principais grupos populacionais subjugados a essa política. Trata-se do primeiro passo para a investigação da possibilidade de pessoas em situação extrema de condições de exclusão e de estigmatização, conseguirem vivenciar a dinâmica do desenvolvimento do sentido emancipatório, foco da minha tese, acredito que, por isso, também contribuinte da

reflexão sobre as possibilidades de viabilização da identidade pessoal autônoma em contextos semelhantes aos da realidade brasileira.

1.1 A Invisibilidade Social como Política de Identidade Brasileira.

Da colonização à modernização do Brasil, é possível identificar dois grandes períodos de formação social, bem retratados por intermédio do trabalho do sociólogo Jessé Souza (2012), especialmente em sua obra “A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica”, que apresenta os aspectos peculiares para a compreensão da “política de identidade de invisibilidade” e suas consequências na esfera cotidiana do indivíduo, em sua identidade, que desejo tratar no decorrer desta pesquisa.

O primeiro período é marcado pela instituição do patriarcalismo familista poligâmico maometano²¹, de economia agrária e escravocrata, em que se desenvolve o poder personalista, de caráter autárquico do domínio senhoril. Baseado na análise sociológica e discursiva da obra “Casa Grande e Senzala”²², publicado em 1933 por Gilberto Freyre, Souza evidencia por sua teoria crítica a ambiguidade da argumentação desse autor, sobre o dado período, pois Freyre identificou como orgulho nacional a peculiaridade social brasileira da mestiçagem e da construção de uma cultura democraticamente híbrida, que permitia a possibilidade efetiva da mobilidade e diferenciação social, o que, na verdade, foi uma estratégia de domínio que implicou a subordinação e reprodução social sistemática da baixa autoestima na formação do povo.

A plasticidade atribuída por Freyre aos portugueses foi a de constituir a família nuclear, integrando-a com os bastardos e dependentes, além dos escravos domésticos e da lavoura, de forma que se associasse o desenvolvimento do acesso aos bens materiais

²¹ Para Freyre (*apud* SOUZA, 2012, p. 110-110), foi o resultado do contato dos portugueses com escravocratas maometanos para quem a concepção de escravidão é de um sistema doméstico ligado à família. Contudo, cabe destacar que nem Freyre nem Souza atribuem qualquer forma de violência aos mouros, maometanos; nem aos portugueses como caráter étnico.

²² Freyre contextualizou essa obra na produção agrária, açucareira, da Zona da Mata nordestina, precisamente pernambucana, como referencial do passado colonial brasileiro, caracterizando toda a sociedade brasileira e tendo sua decadência, como marco da diferenciação Norte-Sul, como destacado por Albuquerque Junior (2011, p.114).

com a adoção dos ideais valorativos do opressor pelos dominados para sobrevivência. Assim, promoveu-se “uma sociabilidade entre desiguais que mistura cordialidade, sedução, afeto, inveja, ódio reprimido, ressentimento e, praticamente, todas as nuances extremas da emoção humana” (SOUZA, 2012, p.104); que permitiu o abandono gradual da vigilância e do uso da violência para garantir o domínio, uma vez internalizada a vontade do opressor pelo oprimido, como se fosse própria. Exemplos de destaque desse processo foi a atuação de mestiços, como feitores e capitães do mato.

É fundamental ressaltar que Souza compreende tal tipo de sociabilidade resultante sobretudo da ausência de instituições acima do senhor territorial, cujo comportamento prático resultante é regulado pelo “código de virilidade” (2012, p.123) diante da falta de uma esfera moral autônoma institucionalizada; ao contrário da afirmação de Freyre de que é expressão natural e unicamente do espírito do sistema econômico do qual derivou o sadismo.

De fato, ainda no período colonial, essa sociabilidade alcançou também as relações com os dependentes, de qualquer cor, que não eram escravos nem senhores, que viviam de ocupações menores ligadas ao processo econômico²³. Tais pessoas, somadas aos ex-escravos e a alguns familiares mestiços dos senhores de engenho, chegaram a representar dois terços da população nacional até meados do século XIX. Formando uma massa de pessoas não escravas, mas sem qualificação nem atuando em atividades consideradas fundamentais para a economia, foi-se identificando um grupo cuja existência moral e política é de “presença ausente” de escravidão (CARVALHO FRANCO *apud* SOUZA, 2012, p.122), a futura “ralé”, que se consolidou no segundo período de formação social, o do patrimonialismo, dirigido pela instância estatal.

A transição entre um período e outro de formação social retrata a transição do poder pessoal, do personalismo e do familismo, para o poder impessoal, das instituições que chegam com a independência (formação do Estado nacional). A partir da análise crítica sociológica e discursiva da obra de Florestan Fernandes, sobretudo, em seu livro “A revolução burguesa no Brasil”, publicado em 1975, Souza apresentou o “choque cultural” ocorrido na transição dos diferentes contextos dos dois períodos de formação social, especialmente após a independência (1822), diante de uma reeuropeização que implanta as práticas institucionais capitalistas do Estado e mercado, como a brusca

²³ Tropeiro, vendeiro, sitiante, capanga, matador, meeiro, etc.

transformação do poder pessoal em impessoal, com a emergência do burguês, como um produto econômico e não como produto de uma visão de mundo revolucionária da vida social, o que ocorreu em toda a Europa.

No entanto, Florestan Fernandes apesar de ter consciência desse processo, interpreta-o sob a ótica da “escola do patrimonialismo”, enfatizando a “excepcionalidade paulista” do final do século XIX (SOUZA, 2012), embora sua obra apresente uma mudança em âmbito nacional, e seja fato de que em outros centros urbanos do País já vinha ocorrendo a modernização desde 1808.

Voltando a Gilberto Freyre, Souza trata também da obra “Sobrados e Mucambos”, publicada em 1936, que apresentou a vida urbana na primeira metade do século XIX, sob o impacto da reeuropeização, para destacar a importância da chegada de D. João VI, como marco de reorientação (ou orientação efetiva) da vida política e social, dando maior ênfase aos interesses urbanos em detrimento dos rurais. Por consequência, tanto da transição do rural para o urbano, do patriarcal para o patrimonial, o conhecimento baseado na experiência foi sendo desvalorizado em prol do conhecimento acadêmico (e a valorização do talento individual); o que, em suma, é o ponto marcante de toda uma mudança de mundo material²⁴ e simbólico, que trouxe, dentre outras coisas, a valorização burguesa e capitalista do mérito e desempenho individual.

Possibilitou o surgimento do “elemento médio, sob a forma de uma meia-raça”, o “mulato bacharel” (FERNANDES *apud* SOUZA, 2012, p.141), que é meio-branco meio-negro e tem um conhecimento intermediário para ocupações econômicas intermediárias. Mais uma vez, destaca-se o olhar de Freyre reconhecendo a ascensão do mulato, como um paradigma da “mestiçagem” e da cultura “democraticamente híbrida”, não desmerecendo a inquestionável relevância de suas obras como um todo, mas observando as mesmas como parte de uma ótica do contexto sócio-histórico teórico do próprio Freyre.

Algo diferente ocorreu com os negros e, por isso, é preciso retornar a Florestan Fernandes para que, pela análise discursiva de outra obra, “A integração do negro na sociedade de classes”, publicada em 1964, continue-se identificando-se aspectos desta formação social, tão peculiar ocorrida no Brasil. Fernandes estudou o período específico

²⁴ Arquitetura, moda, artes, culinária, etc.

entre 1880 e 1960, tendo seu horizonte empírico focado na cidade de São Paulo, de forma a observar as dificuldades de adaptação dos seguimentos marginalizados “na mais burguesa e competitiva das cidades brasileiras” (SOUZA, 2012, p.154).

Embora seja bem conhecido por sua importância, esse estudo detalhado sobre as condições de abandono às quais os ex-escravos foram deixados e as conseqüentes mazelas advindas da inadaptação social, Souza capta algo que não foi percebido por Fernandes que é de ordem fundamental para a ótica de meu estudo aqui pretendido. Trata-se da construção psicossocial de “um preconceito que se refere a certo tipo de *personalidade*” (SOUZA, 2012, p.159, grifo nosso), independentemente da cor da pele. Souza percebe que as condições de inadaptação social dos negros identificadas por Fernandes são comparáveis às dos dependentes rurais brancos, embora seja inegável o mérito da marginalização continuada desses indivíduos e dos mulatos provada por sua pesquisa, pois entendo que não nega o preconceito racial existente, mas amplia a percepção da esfera de elaboração da violência simbólica estigmatizada.

Ao reconhecer que essa população sofria de “ausência da unidade familiar como instância moral e social básica” (SOUZA, 2012, p.156), por diversos e complexos problemas psicossociais provenientes do abandono social²⁵, Fernandes identificou a continuidade da mesma política escravocrata que provocava propositadamente a disfunção familiar para controle dos subjugados. É importante destacar aqui que, já nesse estudo, se evidencia a maior chance que as mulheres tinham de ser absorvidas pelo mercado de trabalho por meio dos dos serviços domésticos, onde nem homens negros nem imigrantes (italianos) entravam significativamente; ou elas encaminhavam-se para a baixa prostituição. Assim, mais do que apego à hierarquia social anterior (senhor/escravo) que produz racismo, há o acréscimo da hierarquia valorativa do racionalismo ocidental moderno, que desenvolveu um “habitus precário”²⁶ (SOUZA,

²⁵ Para Freyre (*apud* SOUZA, 2012, p.155-156), falta de “vontade” de ocupar-se com funções degradantes por lembrança do passado, insuficiência industriosa e poupadora, sem ânsia por riqueza, vulnerabilidade para comportamento reativo e ressentido em relação às demandas de trabalho da nova ordem, inconstância no trabalho pela indisciplina contra a supervisão, fascínio por ocupações “nobilizantes”, etc. A isso se somava a anomia familiar, sobretudo, provocada pelo sexo e o vício do álcool, resultando na facilitação de ocorrência de incestos e abusos sexuais diversos, sobretudo de crianças e mulheres, etc. A jovem mãe solteira, o vagabundo, a prostituta e o ladrão vão sendo associados à essa população e formando um estereótipo com diversos estigmas, sendo compreendido, como “tipo de personalidade”.

²⁶ Conceito que Souza (2012) nomina baseado na influência dos estudos sociais de Charles Taylor e Pierre Bourdieu, e que se remete ao entendimento da criação de circunstâncias materiais e psicossociais, perpetuadas intencionalmente pela disseminação de concepções morais e políticas.

2012, p. 159) justificador, perpetuador e alimentador da existência de uma “ralé” até a contemporaneidade.

Complementando a reflexão realizada principalmente na primeira parte da obra supracitada de Florestan Fernandes, Souza (2012) também recorre à obra “Liberalismo e sindicato no Brasil”, publicado em 1976 por Luiz Werneck Vianna, para tratar o marco representado pela Revolução de 1930, como reforçador da formação da “ralé”. Ambos os autores tratam-na como uma “revolução burguesa encapuzada” ou “revolução passiva”, mas Werneck destaca a crise do liberalismo do final do século XIX e começo do século XX, como a preparação para a instalação de um Estado autoritário e modernizador. Até aquele momento, o liberalismo formalista puro associara no plano da lógica de dominação uma elite agrária exportadora conservadora a uma estrutura federalista descentralizada que proporcionava a alternância de poder entre a elite de alguns estados ricos, já com destaque para São Paulo.

Contudo, pressões de cunho democratizante dos movimentos operários urbanos e de setores “médios”, forjados pela própria expansão do Estado e do mercado, além dos militares e de setores agrários ligados ao mercado interno, acabaram por gerar a crise. A grande favorecida foi a industrialização (consequentemente, os grandes centros urbanos do Sudeste e sua elite industrial sobretudo), pela formação de “unitarismo organicista” (WERNECK *apud* SOUZA, 2012, p.148), como ideologia política de aversão a formas de interesse particulares. Fez-se do corporativismo um sistema ideal para o Estado conciliar frações de classes dominantes e de setores médios urbanos, com uma dimensão repressiva às classes subalternas sutilmente mitigadas por concessões reais (alguns benefícios sociais e trabalhistas) e por uma ideologia que enfatizava a unidade e a grandeza nacional, além da organicidade.

Assim, manteve-se o monopólio da terra nas regiões dominadas pelos latifúndios voltados ao mercado interno, inviabilizando a reforma agrária e mantendo a exclusão dos trabalhadores rurais (benefícios sociais e trabalhistas negados) e a permanência de relações primitivas nas regiões menos desenvolvidas, especialmente, Norte e Nordeste. As migrações intensificaram-se e consolidaram-se como solução para uma grande parte da população brasileira dessas regiões.

Não é meu objetivo aqui tratar o desenvolvimento econômico que fez o País tornar-se a oitava maior economia do mundo até 1980, alternando períodos de democracia e autoritarismo, mas, sim, o que isso promoveu na formação social do povo

brasileiro, especialmente, na consolidação de uma massa de excluídos, com participação significativa de nordestinos. Embora Souza tenha tido o intuito de apresentar por meio de seus estudos a tese de que as práticas modernas (institucionais e sociais) foram anteriores às ideias modernas (ideias e visões de mundo) no Brasil, fazendo singular a construção do capitalismo periférico, ele não desconsidera os fundamentos do mercado e do Estado na constituição da hierarquização de indivíduos e categorias sociais de acordo com os imperativos funcionais, como creio ficar claro.

O que se desvela é o aspecto limitante que tal situação proporciona quanto à “impossibilidade da articulação consciente da visão de mundo e do comportamento cotidiano que essas mesmas práticas institucionais e sociais envolvem” (SOUZA, 2012, p.131). Ou seja, a hierarquia classificatória (ou desclassificatória) dos indivíduos é produzida sob a aparência de estado natural, de neutralidade, onde princípios são estabelecidos supostamente como universais, aceitos e indiscutíveis, como por exemplo, a noção de desempenho diferencial; e, assim, fez da meritocracia um fundamento importante da dominação simbólica da construção psicossocial de estigmatização de um “tipo de personalidade”, de “subgente” e de “subcidadão”, oculta sob um caráter etnicista, regionalista e sexista mais evidente, mas, de fato construindo a invisibilidade social pela negação da autonomia moral dos indivíduos, pela negação do procedimento racional e democrático de direito, atribuindo o fracasso à culpa individual²⁷ (SOUZA, 2009), dando-lhes uma identidade construída por grupos dominantes e impedindo o processo de conquista de identidade política.

O liberalismo que se consolidou até 1980 no Brasil, e permanece como cultura mundial, traz o economicismo como subproduto, e estabeleceu “o mercado como reino paradisíaco de todas as virtudes e o Estado identificado com a corrupção e o privilégio” (SOUZA, 2009, p.16), que, no caso brasileiro, é uma visão reducionista da explicação da desigualdade social e da continuidade da formação, desenvolvimento e manutenção da exclusão.

No pensamento de Souza²⁸ são evidenciados dois pontos em especial, que quero destacar por fim, por acreditar que sejam fundamentais para meu estudo. O primeiro, é a

²⁷ Culpa por atribuição de falta de vontade de estudar, preguiça de trabalhar, etc., e outras afirmações moralistas típicas da constituição de valores capitalistas, de cunho burguês europeu.

²⁸ Obras “A ‘ralé’ brasileira: quem é? Como vive?” e “Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?” (SOUZA, 2009;2012).

inviabilidade de se continuar atribuindo a identificação da classe social dos excluídos, daqueles que se tornam invisíveis socialmente, apenas pela posição econômica fundada na crença da meritocracia, como faz o liberalismo conservador; ou apenas pela ótica do marxismo tradicional, identificando-a como o proletariado tradicional em ascensão à classe média, o que acredito promover na forma populista a vitimização aprisionadora dos indivíduos ao estigma instituído, e o reforço do economicismo pelo foco na questão da renda. O outro ponto, é quanto à importância da relação teoria e empiria, para de fato dar voz ao público em questão, não sob a ótica positivista meramente quantitativa e totalitarista, e sim ouvindo sua narrativa de vida, onde de fato podemos captar os aspectos morais e sociais omitidos, ignorados e a normatividade subjetivada, sendo os mesmos fundamentais para a compreensão das possibilidades de viabilização do processo de identidade política.

Embora Souza (2012) não trate diretamente da participação da população nordestina nas obras citadas, seus estudos deixam evidentes aspectos específicos que envolvem a predominância e a importância da população nordestina, como um dos principais grupos populacionais subjugados à política de identidade de invisibilidade e, portanto, também destacando a objetivação e subjetivação da mesma na vida desses indivíduos, sob as consequências da subalternização para a sobrevivência como escravo, agregado, migrante; pela dialética naturalizante da meritocracia e da vitimização pelo fenótipo, gênero e origem geográfica.

Da colonização à modernização do Brasil, dos primórdios da economia agrária açucareira e algodoeira, rural e escravocrata, concentrada sobretudo na região Nordeste do País, à consolidação da economia industrial urbana e proletária, que se deslocou para o Sudeste, a população nordestina teve (e ainda tem) uma participação ativa seja como uma das principais resultantes da fusão das matrizes negra, indígena e europeia; seja na necessidade de migração do meio rural para o urbano e, depois, do urbano nordestino para o urbano sulista; sempre em função da concentração geográfica das necessidades do tipo de produção e de mão de obra da etapa do capitalismo vigente.

A identificação mais acurada da importância da participação dos nordestinos na constituição do grupo populacional de excluídos, pela construção e manutenção da política de identidade de invisibilidade, é possível de ser feita pela investigação do reconhecimento da existência e nomeação do estigma identitário do “Severino” e da “Severina”, instituído a todos os indivíduos nascidos na região Nordeste do País, como

referencial de miséria (como ignorância natural) e de inferioridade (desvalia humana) do migrante que busca a sobrevivência, tornando-se generalização de um jeito irremediável de ser e viver, que denomino aqui de “severinidade”.

Cabe, portanto, um olhar mais detalhado sobre as falácias e intenções da constituição da “severinidade”, muito além da generalização²⁹, pois se, por um lado de fato, há a existência de migrantes nordestinos oriundos do sertões áridos em busca de sobrevivência; por outro, é inegável o interesse político-econômico para consolidar o discurso sobre essa “ignorância e desvalia humana irremediáveis” a fim de alimentar a concentração de poder na região Sudeste, especialmente, pelo fomento da migração para obtenção de mão de obra barata e validação de preconceitos diversos, da estigmatização, conformando uma parte da população a aceitar irremediavelmente, essa realidade como seu “destino natural”, “sua sina” e condicionando os demais a vê-los como tal, como trato a seguir.

1.2 A Severinidade como Visibilidade do Estigma da Invisibilidade.

O historiador Albuquerque Junior, em sua obra “A Invenção do Nordeste”(2011), fruto de seu doutoramento em história, sob a ótica foucaultiana reconhece que o Nordeste³⁰ e o nordestino “miserável e inferior” vêm sendo historicamente construídos mediante um discurso (linguagem) repetitivo de estereótipos imagéticos, baseado nas relações de espacialização (objeto histórico) de poder e saber, da subalternização ao Sudeste, com destaque para São Paulo.

Até a primeira metade do séc. XIX, essa construção deu-se como identidade espacial, entre os antigos Norte e Sul, pelo discurso naturalista³¹; e na segunda metade, instituir-se o Nordeste como região, mas não como inscrita na natureza, geográfica, e sim como produto de práticas e discursos constituintes de visibilidade e dizibilidade

²⁹ O estigma em si já marca o migrante em busca de sobrevivência como ignorante e sem valor humano. A generalização para toda a população de origem nordestina só agrava a questão.

³⁰ Região reconhecida a partir de 1969, como formada pelos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe (IBGE, 2010b).

³¹ Diferenças consideradas baseada na variação de clima, vegetação, composição racial da população, etc.; para explicar as diferenças de hábitos e costumes, práticas sociais e políticas.

regionalistas, como espacialização das relações de poder, distinguindo-se aquelas “civilizadas” (São Paulo, Rio de Janeiro) das “atrasadas” (as outras), desde as origens étnicas atribuídas (Sudeste europeu, Nordeste afro indígena) que foram relacionadas como causa principal das diferenças.

A instituição sociológica do Nordeste – e, conseqüentemente, a do nordestino “miserável e inferior” – nasceu, na verdade, da reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, como construção de uma totalidade político-cultural, onde a “indústria da seca”³² passou a ser a atividade mais lucrativa, com base nos conchavos políticos da elite para manter privilégios de subsídios financeiros junto ao poder público, desde 1877. A repressão ao cangaço e ao messianismo, movimentos populares, tornou-se símbolo do “combate à ignorância”, que deveria ser feito para “civilizar” a região; e a própria produção literária e artística³³, dos intelectuais regionais colaborou para construir uma memória, inventar tradições, e encontrar uma origem para atribuição de sentido, criando “uma fábula espacial de lirismo e saudades” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.91).³⁴

A partir da década de 1930, o Nordeste vai se consolidando como negação da modernidade e do sistema capitalista, “região da miséria e da injustiça social; *lôcus* da reação à transformação revolucionária da sociedade” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 47), pela introdução do marxismo no Brasil por meio do movimento operário, que, posteriormente, alcança intelectuais do Partido Comunista chegando aos acadêmicos na década de 1940.

Mas, conforme Albuquerque Júnior (2011), o pensamento marxista era de leitura positivista³⁵ e, assim, o discurso tradicionalista permaneceu à medida que aprofundou a

³² Termo criado por Antônio Callado, jornalista do “Correio do Amanhã”, na década de 1960, para definir a estratégia política desenvolvida pela elite econômica de produtores do Nordeste, de utilizarem-se do problema das secas sazonais para justificar a atrofia econômico social da região e fazer uso de subsídios financeiros do setor público. Posteriormente, a estratégia somou-se aos interesses da elite do Sudeste para o estímulo das migrações a fim de atenderem ao desenvolvimento industrial.

³³ Albuquerque Júnior(2011) menciona, em um primeiro momento, Antônio Cândido, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato; em um segundo momento, a sociologia de Gilberto Freyre e a literatura e as artes de Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, etc.

³⁴ Especialmente cita Luiz Gonzaga e Ariano Suassuna.

³⁵ O autor supracitado refere-se ao trecho do texto “Formação da sociologia brasileira”, do ex-militar e intelectual influente do Partido Comunista Nelson Werneck Sodré, como exemplo, onde há menção à responsabilidade do sociólogo estabelecer as linhas mestras da evolução humana, dentre outras expressões de caráter nitidamente positivista.

elaboração regional³⁶, desta vez, pela evidência do Nordeste dos sertões, da fome, da miséria; não mais o dos engenhos de açúcar e das senzalas. Uma das preocupações foi a criação da cultura nacional-popular não alienada, mediante a associação com a visão revolucionária, porém, a mesma deu-se com a participação considerável da classe média, burguesa e urbana; sobretudo a partir da década de 1950.

Mesmo com a produção literária e artística das décadas de 1950 e 1960 em diante, mostrando o cangaço e até o messianismo, como movimentos de resistência popular, com personagens populares emblemáticos intencionando a representatividade social, acabou por se promover não intencionalmente a criação de estereótipos, presos à categoria social do discurso imagético construído pela lógica do poder, favorecendo-o.

A combinação resultante é a instituição do que era antes um conjunto de problemas sociais específicos de alguns locais, em determinados períodos, envolvendo alguns grupos sociais, tornado como a descrição de um dado espaço geográfico inteiro e sua população como um todo. A construção discursiva permeada por interesses do poder público e de setores privados, revolucionários ou conservadores, intensifica e consolida até a contemporaneidade o espaço mitológico do Nordeste como sertão; e sua população, de Severinos e Severinas, como de miseráveis, ignorantes e inferiores, cuja única salvação é a migração para a civilização, um grande centro urbano, com usinas (Pernambuco), com cacau (Bahia) ou com café e indústria (Rio de Janeiro e São Paulo).

Albuquerque Júnior (2011) destaca também que a repetição de enunciados de forma regular – e acréscimo, integrada (literatura, mídia, educação) - tornou-se a estratégia de estereotipização em que o discurso de vitimização é reproduzido pelos próprios nordestinos, sendo essa a força do estereótipo, pois é objetivado quando subjetivado por aqueles que são seu alvo, criando assim uma “realidade”. Passa então o discriminado a participar da discriminação, reforçando sua construção. Assim, instituiu-se uma identidade cristalizada, estática, a-histórica do Nordeste e do nordestino, sendo São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia as áreas onde se concentrou o discurso historiográfico, para construir a história do Brasil, como um todo. Por trás da aparente homogeneidade e continuidade da denominação regional, entendida

³⁶ Aqui o autor citado dá como referência as obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Portinari, João Cabral de Melo Neto, etc. E mesmo modernistas como Mário de Andrade (ex.: *Macunaíma*) buscavam superar a segmentação regional para a construção de uma identidade homogênea pela tradição, exatamente sem o compromisso de rompê-la, sob a bandeira do *nacionalismo*.

como fronteira espacial natural, o heterogêneo e o descontínuo sócio-histórico são velados.

A heterogeneidade nordestina pode ser retratada, em parte e a título de exemplificação, pelo que o próprio IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010a) que apresenta a miscigenação da população, que é a segunda maior do País (27,7%)³⁷, com mais de 50 milhões de habitantes, sendo composta por 62,7% pardos, 28,8% brancos, 8,1% pretos e 0,3% indígenas. A predominância declarada de população branca está nos estados de Pernambuco (36,6%), Paraíba (36,4%) e Rio Grande do Norte (36,3%); a da população preta encontra-se na Bahia (16,8%), Maranhão (6,6%) e Piauí (5,9%); a população indígena, no Maranhão (0,9%), na Bahia (0,3%) e Paraíba (0,3%); e a parda, no Piauí (69,9%), Maranhão (68,6%) e Alagoas (67,7%). A miscigenação étnica e cultural entre o índio, o preto e o branco não é uniforme e em algumas regiões atribui-se a predominância de caboclos (Ceará, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte e nas Regiões Oeste e Central de Pernambuco); de mulatos (Bahia e Leste de Pernambuco) ou de cafusos (Maranhão).

O descritivo quantitativo, contudo, não é suficiente para desvelar a variedade etnogênica³⁸ formadora da população nordestina. Historicamente, o Nordeste acolheu estrangeiros brancos de origem portuguesa, holandesa, francesa, e espanhola já no primeiro século da colonização. Também recebeu escravos de diversas origens étnicas africanas, além de ter a presença de diferentes povos indígenas nativos (*náua*, *matipu*, *kaxixó*, *apium*, *kariri*, *kalabaça*, *tabajara*, *tapeba*, *pitaquary*, *tremembé*, *kanindé*, *tupinambá* e *kalankó*) que já habitavam o vasto litoral da região. Estudos genéticos autossômicos, contudo, têm confirmado cada vez mais a impossibilidade de se categorizar a população pelo fenótipo para afirmar a ascendência, havendo herança genética europeia em mais de 75% da população da região (CALLEGARE-JACQUES et al., 2003) e mais de 80% da população do Brasil em geral (LOPES, 2009).

³⁷ A primeira é o Sudeste (42%). Além disso, o Nordeste é a terceira em densidade populacional (32 hab/km²). Curiosamente, o IBGE (2014) também identificou quanto à renda que, em 2013, dos 10% mais pobres da população brasileira, 76,01% são pretos ou pardos e 23% brancos; e, dos 1% mais ricos da população, apenas 14,6% são pretos ou pardos.

³⁸ Refiro-me ao sentido mais recente atribuído à palavra *etnogenia*, significando o processo de formação de grupos sociais pela combinação de caracteres de raça e cultura.

A variedade etnogênica inclui sotaques, hábitos alimentares e vocabulários variados³⁹, dentre outros aspectos culturais, mas, um dos efeitos de aparente homogeneidade da região é a adoção do cristianismo como religião. O Censo demográfico de 2010 (IBGE, 2012) indicou que 88,60 % da população nordestina declaram-se cristãos, sendo 72,20 % católicos e 16,40 % evangélicos; embora se saiba do sincretismo religioso existente, cujos efeitos incluem a definição de uma religião oficialmente declarada, mas a recorrência à prática de outras concomitantemente. É um retrato evidente dos efeitos da colonização escravagista, que se utilizou do catolicismo tradicional como ferramenta de subjugação, e também, mais recentemente, do crescimento evangélico a partir da década de 1980, influente pela proposta *neopentecostal* da teologia da prosperidade junto às comunidades carentes dos principais centros urbanos de todo o País (JACOB et al., 2003).

A riqueza da etnogenia nordestina também é responsável pela produção de inúmeros e variados tipos de talentos da literatura, da música e das artes em geral, que faço questão de recordar aqui, como Arthur Azevedo, Castro Alves, Ariano Suassuna, Ferreira Gullar, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Aluísio Azevedo, Manuel Bandeira, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, José de Alencar, João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Gregório de Matos, Joaquim Nabuco, Tobias Barreto, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Paulo Freyre, Milton Santos, João Ubaldo Ribeiro, Dias Gomes, Catulo da Paixão Cearense, Luiz Gonzaga, João Gilberto, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa, Elba Ramalho, Alceu Valença, Zé Ramalho, Djavan, Frank Aguiar, Alcione, Raul Seixas, Tom Zé, Ivete Sangalo, José Wilker, Arlete Salles, Chico Anysio, Chico Science, Carlinhos Brown, Lázaro Ramos, Pitty, Renato Aragão, Wagner Moura, etc. Seus trabalhos são avidamente consumidos pelo restante do País, na forma de livros, CDs, DVDs, programas de televisão, etc., sobretudo, pelos habitantes das capitais do Sudeste, que não os consomem pelo fenótipo ou categoria social aos quais pertencem seus autores.

Mas, não se podem esquecer as categorias socioeconômicas abastadas do próprio Nordeste, que além de consumir, produzem também políticos e empresários, como:

³⁹ Parte da variedade etnogênica inclui as religiões não somente o catolicismo (português e espanhol), o protestantismo calvinista (holandês) e a diversidade de crenças espiritualistas nativas dos povos ameríndios e da umbanda e do candomblé africanos, mas também, conforme Sobreira (2010, p. 174-175) o judaísmo (português-marrano, fugitivos da Inquisição) e o islamismo (africanos escravos, da Guiné e Nigéria).

Assis Chateaubriand, Antônio Ermírio de Moraes, Antônio Carlos Magalhães, Antônio Carlos Magalhães Neto, José Sarney, Roseane Sarney, Renan Calheiros, Eduardo Campos, dentre outros. Em contrapartida, das menos abastadas surgiram Luiza Erundina, o já mencionado ex-presidente Luis Inácio Lula Da Silva; e das gerações mais recentes da representação popular, Tiririca, dentre outros cujos nomes são conhecidos apenas nas localidades de atuação por não terem o estrelato global (entenda-se: da rede Globo) consigo.

Tratando-se de representação popular, a literatura de Cordel não poderia deixar de ser mencionada. Fruto da herança europeia portuguesa, produzida no Brasil, desde a primeira metade do século XIX, sobretudo em Pernambuco, na Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, retrata temas diversos como a vida cotidiana, fatos históricos, lendas, episódios da vida de Lampião, romances, dentre outros. Ganhou visibilidade e reconhecimento somente a partir da década de 1980, em São Paulo e no Rio de Janeiro, a ponto de fundar-se a Academia Brasileira de Literatura de Cordel⁴⁰ (Rio de Janeiro) em 1988. Se o reconhecimento é de fato pelo valor literário da produção humana dos nordestinos “do povo”, ou se é um reconhecimento às avessas para delimitar o espaço de pertença deste gênero à parte das academias brasileiras de letras, é outra questão.

É preciso mencionar outros elementos culturais populares que foram absorvidos pelo Sudeste e reconhecidos pelo potencial de consumo como o forró, que virou “universitário”; a capoeira⁴¹, que adentrou algumas academias como uma prática esportiva exótica; pratos típicos, como o “baião de dois”, o “escondidinho” e o bolinho de aipim e aipim frito, que se tornaram itens da gastronomia de botecos refinados participantes de concursos; e o crescente turismo religioso⁴², além do de lazer. Outros produtos acabaram por ter a presença limitada às Casas do Norte, que conservam a nomenclatura “regional” de antes do século XIX, como lojas que atendem aos migrantes nordestinos saudosos, fora de suas terras de origem, com itens mais simples e populares, incluindo desde sementes e biscoitos típicos até fumo de corda. Outro espaço de resistência cultural ou de restrição.

⁴⁰ <http://www.ablc.com.br/noticias.html>

⁴¹ Observo que faço a distinção aqui da presença da capoeira em atividades realizadas por ONGs e em escolas públicas de ensino fundamental e médio, de cunho realmente de preservação e difusão cultural da herança africana.

⁴² Santa Cruz dos Milagres (Teresina-PI), Basílica de São Francisco (Canindé-CE), Padre Cícero (Juazeiro do Norte-CE), Romaria da Terra ou das Missões (Bom Jesus da Lapa - BA), Festa Bonfim e Lavagem do Bonfim (Salvador-BA), etc.

A riqueza etnogênica que origina esses diferentes produtos culturais mostra que a economia nordestina não se limita à criação de poucas cabras e alguns bois cadavéricos no sertão árido, como a “severinidade” difundiu. Embora a região do Sertão seja a de maior extensão, há no total quatro tipos de regiões geográficas⁴³, com climas e vegetações⁴⁴ variados, além de cinco bacias hidrográficas.⁴⁵ A região que foi o berço da economia do Brasil e seu principal centro financeiro até o século XVIII, parece querer retomar seu lugar, apesar de sofrer periodicamente com as secas que são uma realidade de parte de seu território.

O Nordeste é constituído por nove estados, que abrangem 18% do território nacional (terceira maior área do País) sendo responsáveis por fazer da região a que mais cresceu economicamente desde 2002, atingindo 13,5% de participação no PIB nacional em 2013. Também apresentou a maior taxa média de crescimento do PIB Per capita (3,12%) entre 2002 e 2010, com a região Norte, e a do Sudeste foi de 1,81% (VILLELLA, 2013). A econômica é diversificada incluindo o turismo, a petroquímica, a agricultura latifundiária voltada, especialmente, ao cultivo de cana-de-açúcar, de grãos e frutas para exportação, tecnologia de informação, biotecnologia, neurociência, etc.; sem falar no crescimento da produção acadêmica em suas universidades, de escolas públicas entre as melhores do País na obtenção de prêmios em educação.

Por outro lado, a qualidade de vida da população ainda não é boa, a região é a que apresenta os piores números de IDHAD, como já informado na introdução desta tese. Também possui a maior taxa de feminicídios (GRACIA, 2013); a de trabalho infantil ocupando crianças de 10 a 17 anos, sobretudo no meio rural (IBGE, 2013), a de analfabetismo de pessoas com mais de 15 anos (sobretudo pretos e pardos), a de necessidade de melhoria de infraestrutura em saúde e educação, e ainda lidera os deslocamentos migratórios para outras regiões do País, sobretudo ao Sudeste, embora desacelerando (IBGE, 2011c).

De fato, cabe fazer algumas questões, como por exemplo, se a política de identidade de invisibilidade estaria sendo rompida no Brasil como um todo e, conseqüentemente, a “severinidade”, como fruto de um processo efetivamente

⁴³ Do litoral para o interior do País, tem-se, respectivamente, a Zona da Mata, o Agreste, Sertão e Meio-Norte.

⁴⁴ Climas: semiárido, tropical, litorâneo úmido e semiárido úmido; vegetações: Mata Atlântica, Mata dos cocais, Cerrado, Caatinga e as matas ciliares e litorâneas.

⁴⁵ Bacia do São Francisco, do Parnaíba, do Atlântico Nordeste Oriental, do Atlântico Nordeste Ocidental e do Atlântico Leste.

democrático que se iniciou? Ou os habitantes do Sudeste estão reconhecendo a importância do Nordeste e dos nordestinos por acolherem mais de uma geração de seus filhos nascidos em suas terras, “severinizando-as”? Ou a elite socioeconômica do País resolveu quebrar a “severinidade”, mas manter a política de invisibilidade e deslocar os interesses para o Nordeste em função do esgotamento de infraestrutura do Sudeste? Ou tudo vai ser mantido como está, a política de identidade de invisibilidade e a “severinidade”, e os produtos nordestinos são apenas mais um tipo de consumismo típico da globalização pós-moderna? Especificamente sobre a “severinidade”, seria ela uma questão de discriminação racial ou socioeconômica, de exclusão, arditamente maquinada? Ou ambas? Provavelmente uma ou um pouco de todas essas questões que estejam acontecendo pela dialética do materialismo histórico. O meu interesse aqui, é refletir sobre os efeitos na dinâmica da identidade do humano, o humano “severizado”, que de um jeito ou de outro é quem sofre o impacto na vida cotidiana, no Sudeste, sobretudo em São Paulo.

1.3 O Feminino como Representação da *Severinidade*.

A representação do feminino migrante nordestino vem se deslocando na literatura, por exemplo, da figura da retirante sofrida Sinhá Vitória, da obra “Vidas Secas” (1938) de Graciliano Ramos, passando pela impetuosa Tiêta, empresária de profissionais do sexo em “Tiêta do Ageste” (1977), de Jorge Amado; chegando à doméstica monossilábica Macabéia, de “A Hora da Estrela” (1987) de Clarice Lispector. Das páginas dos livros, foram todas para as telas do cinema e da televisão, expuseram em parte a realidade de muitas nordestinas, Severinas de carne e osso que se encontram no Sudeste.

As memórias retratadas por elas sobre a vida no Nordeste são repletas de necessidades materiais, opressão pelo masculino, abuso sexual, mas também da solidariedade conterrânea, da alegria das festas com comidas e músicas típicas, de filhos criados sem pai, e da busca religiosa, como fonte de resistência, fortalecimento e esperança quando em outras terras do Sudeste. Em boa parte, são diferentes da

representação do feminino não migrante, de lá do sertão, exuberante na sensualidade e na sexualidade da Gabriela, de “Gabriela Cravo e Canela” (1960) de Jorge Amado, ou mesmo, da delicadeza onírica contraposta à força de temperamento de Açucena, protagonista da telenovela “O Cordel Encantado” (2011), de Duca Rachid e Thelma Guedes.

Embora a ficção colabore com o estereótipo, com o estigma da “severinidade”, nem sempre intencionalmente, acaba por retratar em parte a construção sócio-histórica da mulher migrante nordestina, marcada por sua coisificação como força de trabalho, procriadora ou objeto sexual. Voltando às suas origens, a mulher do sertão é retratada no e pelo próprio Nordeste, a partir do século XIX, na literatura de cordel, ou em seus próprios livros de memórias, testamentos e inventários, quando rica, pertencente à elite cultural, detentora de joias, escravas e terras. Já as pobres livres, quebradeiras de coco, lavadeiras, rendeiras, apanhadeiras de água em riacho, parteiras ou lavradoras têm sua existência cantada nas cantigas populares, mas, analfabetas e lutando por sobrevivência, não deixaram nenhum registro sobre o que pensavam, sentiam ou falavam (FALCI, 2010). Quanto às escravas, sobre elas só podemos imaginar o que passavam tendo seus filhos, companheiros e familiares sendo vendidos, e a submissão às relações sexuais forçadas; ou por meio de alguns raros testamentos de filhos contando sobre, quando e como foram separados de suas mães; ou de testamentos de senhores reconhecendo os filhos bastardos e indicando a mãe ainda escrava para serem alforriados.

Podemos dizer que, boa parte da população do Nordeste, é miserável ou de baixa renda, tem ascendência da mulher escrava ou da pobre livre. O perfil fortemente estratificado e patriarcal da sociedade constituída no Nordeste, mesmo enfrentando a decadência econômica, a partir da segunda metade do século XIX, manteve quase toda a elite em sua posição graças à “indústria da seca” e outras variáveis do desenvolvimento. Na região, a população feminina constituiu-se, primeiramente, das escravas índias e negras e de suas filhas, bastardas ou não; para só depois virem as mulheres e filhas dos estrangeiros colonos ou aventureiros em terras novas.

Só a partir do século XIX, que a natalidade começa a crescer expressivamente junto à miscigenação. A violência física (surras, açoites) e a não física (abandono, desprezo, malquerer) são praticamente instituídas contra a mulher (adulta, adolescente ou criança), pois a escolha matrimonial não se baseava em afinidade sexual e afeto, mas, nas relações econômicas. As escravas eram meros objetos sexuais de seu senhor ou

reprodutoras de mão de obra, e poucas amaziavam-se com outros escravos conseguindo manter-se juntos. As ricas casavam-se pelo acerto entre as famílias, para manter a posição social e tinham seu valor associado ao recato (inclusive sexual), à rígida vida religiosa católica, à geração de muitos filhos e à aceitação silenciosa (ao menos, perante o marido) dos bastardos e de suas mães. Já a pobre, livre ou alforriada também tinha na instituição do casamento sua condição moral estabelecida, porém, voltada à formação da parceria de trabalho para a sobrevivência e as oportunidades de encontros davam-se na igreja, nas festas locais ou religiosas, devendo ser de decisão rápida. Quando não conseguia um marido, ser amante (cunhã) de algum homem já casado, mas, de boa posição, era prestígio para ambos. Eram comuns os adultérios, os abandonos de esposas em busca de mulheres mais novas, e os raptos consentidos, que punham em risco a honra da família – fosse pobre ou rica - e tinham por solução ou casamento, ou a morte do raptor e a instituição da desonra à mulher (FALCI, 2010). O casamento religioso foi instituído como sinal de status moral e econômico, diferenciando gente de não gente.

Falar das relações de gênero sobretudo no Nordeste é relatar a violência, tal qual Chauí (1985) descreve que, de fato não é a transgressão da normatividade, mas, sim, a instituição da assimetria das relações interativas, o estabelecimento da relação hierárquica de desigualdade, visando à dominação, opressão e exploração efetivadas na passividade e no silêncio. Uma assimetria que não escolhe categoria social, credo ou etnia para ocorrer nas realidades extra e intrafamiliar, acompanhando o que se identifica em pesquisas contemporâneas, no que se referem aos determinantes serem variados de origem econômica, política, social, de história de vida e estruturas individuais, sendo um fenômeno biopsicossocial, com especificidade histórica. Essa violência, denominada de “estrutural”, influencia as práticas de socialização “naturalizando”, tanto a situação do oprimido como a do opressor quanto ao desempenho de seus papéis (MINAYO, 1994). No caso do Brasil, remonta aos primórdios de sua colonização, a instituição do “código de virilidade” para os homens na posição de senhores de escravos, proprietários das terras, que deu fundamento à cultura diante da falta de uma esfera moral autônoma institucionalizada, como já dito. As mulheres nordestinas e, conseqüentemente, seus filhos adolescentes e crianças pagaram mais caro por isso, sobretudo, pelo fato do Nordeste ter sido o berço da colonização e seu centro financeiro até o século XVIII, portanto, berço da formação do que chamamos hoje de “povo brasileiro”. Outras mulheres, em outras partes do País viveram os mesmos tipos de problemas, mas no

Nordeste deu-se a maior concentração de população escrava e livre de baixa renda pelo histórico de desenvolvimento do capitalismo.

A violência contra a mulher nordestina migrante, contudo, recebeu novas formas para a antiga invisibilidade social, com a entrada no mercado de trabalho do Sudeste. A partir da década de 1990, vem sendo cada vez mais evidente a presença delas como força de trabalho em diversas áreas, além dos serviços domésticos, atuando como atendentes de telemarketing, manicures, serventes de escolas, faxineiras, vendedoras de loja, cozinheiras, merendeiras, auxiliares de enfermagem, repcecionistas, doceiras e microempresárias em diversas áreas, mas, não necessariamente recebendo o devido reconhecimento.

O processo democrático iniciado na década de 1980, passou a refletir na feminização dos fluxos migratórios. No que diz respeito aos migrantes nordestinos vários aspectos estão envolvidos, desde a falta de oportunidade de trabalho na região Nordeste mais enfática às mulheres até mudanças na própria condição feminina, de desejo de ruptura da situação de opressão, violência e discriminação (D'ÁVILA NETO; NAZARETH, 2009). Em 2013, os migrantes nordestinos representavam 36,90% do 19 milhões de habitantes da região metropolitana de São Paulo, e as mulheres já representavam 55,5% do total dos que residem há mais de 3 anos, sendo estes 40,20% na condição de não ter completado o ensino fundamental, dos quais 59% são baianos. (SÃO PAULO, 2014). Com relação à população em idade produtiva (73,7%), de 30 a 60 anos de idade, os migrantes nordestinos junto aos nortistas formam a classe mais baixa⁴⁶, cujo rendimento médio é de R\$ 1.000,00 (um mil Reais) *per capita* por domicílio. Os baianos têm a maior proporção de empregados domésticos (21,1%) e os cearenses, a de mais baixa inserção nessa condição (10,1%), destinando-se mais ao empreendedorismo formal e informal.

A partir de estudo específico sobre o trabalho doméstico remunerado e suas relações com as desigualdades de gênero e raça, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2011b) apresenta o mesmo, como sendo um legado do histórico patriarcal e escravocrata do País, tendo convergido para as desigualdades cumulativas de gênero e raça. Remunerada ou não, é uma atividade percebida como feminina,

⁴⁶ O IPEA considera ainda como *classe média* os de ganho entre mais de um salário mínimo e até três salários; e classe alta, os com mais de três. A probabilidade de um nordestino ou nortista pertencer à última *classe* mencionada, é de cerca de 5%, conforme o próprio instituto (SÃO PAULO, 2014).

permanecendo desempenhada majoritariamente por mulheres negras⁴⁷. Em termos quantitativos, o emprego doméstico é um mercado que passou de 5 para 6,6 milhões de trabalhadores(as), de 1998 a 2008; representando 15,8 % do emprego da população feminina do País e 21,1% das mulheres negras ocupadas. A média de anos de estudos desses trabalhadores(as) subiu de 4,45 para 5,94 anos em uma década e, em 2008, apenas 25,8% possuíam carteira de trabalho assinada. As faixas etárias predominantes são de 30 a 44 anos (41,77%) e de 45 a 59 anos (26,20). A renda mensal média em qualquer idade era de R\$ 350, 77⁴⁸ em 2008.

Os números continuam a desvelar parte da situação, mas ainda se oculta a violência do não reconhecimento da humanidade dessas pessoas nas relações do cotidiano, demarcando a invisibilidade no trato intrapessoal. O reconhecimento é mais do que um padrão normativo, ele é atribuição de valor ao outro manifesto em atitude, inclui um aspecto performático (gestos e comportamentos) que evidencia a intenção propositada de “não ver” aquele de *status* social considerado insignificante, por isso invisível, negligenciando-o ou ignorando-o para humilhar (HONNETH, 2004).

Invisibilizar o outro é um ato simbólico de violência, que comunica o desprezo e reforça a delimitação da posição de pertença às categorias institucionalizadas, é visibilizar a imposição de um estigma, é tentar aprisionar o outro em uma identidade pressuposta e denegrida. É um “não-ver” que se dá rejeitando a presença em ambientes comuns; delimitando entradas e saídas, horários e vestimentas categorizados; definindo e restringindo a espacialização das moradias; atribuindo a culpa da violência, da falta de condições de higiene e limpeza das áreas públicas e da depreciação da infraestrutura de transportes, saúde e educação públicos a uma população específica, de uma origem regional específica, especialmente, se forem mulheres, as responsáveis pela gestação e educação do grupo marginalizado.

A mulher migrante nordestina vem sendo aprisionada em uma identidade carregada de não reconhecimentos. É invisível por sua etnogenia, é invisível por seu gênero, é invisível por seu tipo de trabalho, é invisível por sua condição econômica. Ela incorpora a “severinidade”, é a visibilidade do estigma da invisibilidade em sua pior atribuição de irremediavelmente “miserável e inferior”. Como alguém nesta condição pode desenvolver a autonomia identitária e ser capaz do exercício da verdadeira

⁴⁷ Inclui os afrodescendentes em geral.

⁴⁸ No nordeste era de R\$ 235,66.

cidadania para construção da democracia, é comumente impensável pela sociedade que a institui. É preciso partir, então, para a captura de aspectos da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade, com base na fala do próprio sujeito, cuja interpretação leva à melhor compreensão da relação “singular-particular-universal” e de como se desenvolve o sentido emancipatório.

CAPÍTULO 2 A GARDÊNIA DESVELADA

O desvelar de aspectos da política de identidade de invisibilidade brasileira instituidora da “severinidade” foi o primeiro passo para que pudesse atentar-me aos aspectos da construção social da realidade no que se espera das atitudes dos indivíduos estigmatizados. O passo seguinte será o desvelar dos aspectos da construção intersubjetiva com base no próprio indivíduo, o que apresento neste segundo capítulo, por meio do estudo de caso de Gardênia, sobre o desenvolvimento do sentido emancipatório baseado no sintagma identidade – metamorfose – emancipação.

Conforme apresentado na introdução deste estudo, a identidade como metamorfose é compreendida, como processo de construção dialética histórico-social, de articulação entre a subjetividade do indivíduo, a objetividade da natureza, a intersubjetividade da linguagem e a normatividade da sociedade, cujas transformações, dão-se na ocorrência da luta por reconhecimento, em busca de emancipação, diante da dominação institucionalizada. Assim, o sintagma identidade-metamorfose-emancipação é construção intersubjetiva indivíduo-sociedade, mediada pela linguagem, o que evidencia a relação “singular-particular-universal”, e faz da identidade efetivamente uma categoria síntese no estudo da psicologia social, como Lane (1995a) apontou com base nos estudos de Ciampa.

O atualmente denominado Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, do qual Ciampa faz parte, iniciou suas atividades na década de 1970 (LIMA; CIAMPA, 2012), sob a direção de Silvia Lane, tendo adotado na época as categorias fundamentais do psiquismo humano, consideradas mediadas pelo pensamento e pela linguagem – atividade, consciência e personalidade – com base na sistematização dos estudos de Vigotsky por Leontiev. Contudo, até a década de 1990, para os pesquisadores do programa, ainda sob a diretriz de Lane, a categoria Personalidade foi substituída por Identidade, diante do entendimento desta como metamorfose por Ciampa (1987), que levou a reconhecer a semelhança com o entendimento de processo contínuo que Leontiev adotava para a personalidade, sem, contudo sofrer adoção de significados idealistas atribuídos historicamente à primeira (LANE, 1995a).

Acrescentou-se, ainda, o reconhecimento da Afetividade, como uma nova categoria do psiquismo humano, pautada nos inúmeros estudos dos pesquisadores do programa, que indicaram a natureza social e o caráter comunicativo das emoções, dentre eles, os de Friedman (1985); Sawaia (1987) e Takahashi (1991), além de aportes teóricos importantes, sobre a diferença entre as emoções e os sentimentos, e também da relação entre emoção, linguagem e pensamento de Agnes Heller e Henry Wallon; e diante disso, foi inevitável reconhecer a identidade como categoria síntese, uma vez que a afetividade, estando intimamente relacionada à motivação, que leva ao agir e à atividade (LANE, 1995a).

Nesta ótica de coexistência e interdependência dessas categorias do psiquismo humano, tendo a identidade-metamorfose como categoria síntese, e o objetivo primordial de investigar a dinâmica processual do desenvolvimento do sentido emancipatório com base no sintagma identidade-metamorfose-emancipação, havia ainda a condição de interesse de meu estudo ser feito pela análise da história e do projeto de vida de uma mulher que vivencia o estigma da “severinidade” no Brasil. Portanto, optei realizar um estudo de caso, com coleta de dados por meio de narrativa autobiográfica, uma vez que a subjetividade a ser analisada, interpretada com base na fala do sujeito é, de fato, o ponto central de meu objeto de pesquisa, mediante o que será identificado pela relação “singular-particular-universal”, manifestante da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade.

Quero acrescentar, ainda, que, ao optar por uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso, espero colaborar com a aceitação e compreensão maior do mesmo como procedimento de pesquisa em psicologia, compartilhando da ótica de outros pesquisadores mais experientes, como por exemplo, González Rey⁴⁹, sobre a necessidade do reconhecimento da subjetividade não como uma organização intrapsíquica que se limita ao indivíduo, mas, sim, como “um sistema aberto e em desenvolvimento que caracteriza também, a constituição dos processos sociais” (GONZÁLEZ REY, 2011). Dessa forma, também optei por fazer a coleta da narrativa autobiográfica pelo procedimento da entrevista reflexiva, de abordagem fenomenológica, conforme vem sendo desenvolvida por Szymanski (2002), ao longo de sua carreira como pesquisadora.

⁴⁹ Acrescentamos também Giorgi (1978), Martins e Bicudo (2008), Minayo (2010), Bardini (2011), dentre outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de abordagem fenomenológica.

O processo de entrevista reflexiva de Szymansky considera o caráter da própria interação social pesquisador-pesquisado, na influência do curso e do tipo de informação que aparece, pois não descarta a relação emoção-ação durante a pesquisa, nem tampouco a intencionalidade de promover confiabilidade por parte do pesquisador e a de ser ouvido e considerado verdadeiro por parte do pesquisado, indicando o caráter ativo do último. Mas, destaca a importância da condição de busca de igualdade de poder na relação pelo diálogo, no estabelecimento de uma compreensão mútua de mundo pela aceitação do pressuposto de “que todo saber vale um saber” (FREIRE *apud* SZYMANSKI, 2002, p.13), tratando-se de respeito pelos saberes da experiência. Esse último aspecto é fundamental para compreender-se a proposta essencial da entrevista reflexiva quanto à exigência que o ato de narrar proporciona ao entrevistado, de ter de organizar seu pensamento e de uma forma inédita, pois o significado é construído na interação com o outro, o entrevistador.

Inicialmente, a referida construção se dá pela apresentação de uma questão desencadeadora, antecipadamente planejada pelo entrevistador diante de seu (s) objetivo (s) de pesquisa, na realização de um primeiro encontro, e na ocorrência posterior de questões de esclarecimento, focalizadoras, de aprofundamento, em outros encontros, intercalados pelas devidas devolutivas das transcrições das falas do entrevistado, para que este último possa voltar à alguma questão discutida e articular uma nova narrativa pautada na narrativa do pesquisador (SZYMANSKI, 2002). Constituem-se, assim, em entrevistas semidirigidas, porém, sem roteiro fechado; ao contrário, o roteiro é construído durante o desenvolvimento do mútuo interesse dialógico entre pesquisador e pesquisado. Assim, é também um processo de intervenção, pois desencadeia a tomada de consciência pela atuação do entrevistador, uma vez que o mesmo explicita sua compreensão do discurso do entrevistado e, por isso, constitui-se em um desafio para o pesquisador permanecer atento aos processos psicológicos envolvidos, especialmente, na expressão de compreensão, nas sínteses periódicas a serem oferecidas, no uso atento do vocabulário do próprio entrevistado, etc.

Quanto à análise dos dados expressos na transcrição das entrevistas, decidi pela hermenêutica, pela interpretação do sentido, porém, sem adotar especificamente um único dos procedimentos técnicos propostos por Girogi (1978), Szymansky (2002), Martins e Bicudo (2008) e Gadamer *apud* Minayo (2010), mas, sim, tomando alguns

dos passos em comum a todos eles⁵⁰; e acima de tudo, construindo um caminho de pensamento próprio com base no que emergiu dos conteúdos da fala transcrita do pesquisado, tendo por diretriz os fundamentos teóricos da tese proposta, já apresentados.

Antes de tudo isso, porém, cabia definir como se daria a escolha da pessoa a ser entrevistada e procurei a observância da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade, não apenas entre mim e a pessoa a ser entrevistada, mas também, entre esta e aqueles que me fariam chegar até ela, fazendo uso dos vários aspectos já evidenciados pela percepção da própria política de identidade de invisibilidade, instituidora do estigma da “severinidade”, como deixarei claro a seguir.

Em um primeiro momento, então, estabeleci que os sujeitos a serem triados para a escolha de um único com quem realizar o estudo de caso, deveriam corresponder ao perfil de ser uma mulher, entre 40 e 60 anos de idade, moradora de comunidade carente do estado de São Paulo, preferencialmente na metrópole ou em cidades próximas, que tenha migrado para o Sudeste, a partir da década de 1980, para atuar como trabalhadora doméstica; vinda do meio rural de alguma cidade da região Nordeste do País e adepta do cristianismo (católica ou evangélica). Deu-se também preferência, porém, não exclusividade, às mulheres oriundas dos Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, pela predominância estatística como migrantes em São Paulo, conforme apresentado no primeiro capítulo e que tivessem filhos.

Em seguida, passei a contatar pessoas próximas a mim, cujo convívio deu-se por razões de relacionamento de trabalho (funcionários e voluntários de ONGs, alunos, etc.) ou de ordem pessoal, mas, que sabiam de minha atuação na área acadêmica; e cujas condições socioeconômicas são de possibilidade e hábito de contratação de trabalhadores domésticos, em especial, diaristas ou mensalistas. Foram mulheres, paulistanas, acima de 40 anos de idade, de origem étnica variada, em cuja abordagem eu apenas falei sobre o perfil geral (faixa etária, origem, tempo de migração) de entrevistadas que procurava para a pesquisa de doutorado e, intencionalmente, disse ter interesse em conhecer uma história de vida diferenciada do que “normalmente se conhece”, sem, contudo detalhar o que queria dizer com isso. Recebi indicações de

⁵⁰ Como, por exemplo, a leitura atenta das transcrições para a identificação de um sentido geral e, depois, das unidades de significado, transformação da fala do sujeito em linguagem psicológica, subdivisão em categorias emergentes nos conteúdos, identificação de expressões/palavras repetidas, etc.

pessoas para entrevistar “que tem uma cabeça boa, nem parece nordestina”, “que é bem inteligente, educada e até estudou”, “que até está na até na faculdade”, “que deixou de ser empregada e virou dona de negócio, olha só!”, etc. Minha intenção foi a de instigar as paulistanas a indicarem pessoas que de alguma forma (ou de várias) incomodavam a normatividade instituída interiorizada por elas, de São Paulo.

Consegui, então, marcar com quatro delas e realizar uma primeira entrevista individual, explicando a proposta da pesquisa de campo, sua importância dentro do projeto de pesquisa do doutorado e a observância de sigilo e respeito à entrevistada. Partiu-se da pergunta “quem sou eu?” (provocativa de percepção identitária) para que elas iniciassem sua narrativa de história de vida. Optei por deixar cada entrevistada escolher tanto o local de realização das entrevistas como um pseudônimo para si, o que acredito já revelar algo sobre as mesmas. Após a transcrição de cada entrevista, e uma primeira leitura atenta, uma delas destacou-se pela riqueza e indícios de autonomia que eu entendi apresentar de antemão, sob as mais diversas formas, desde a escolha do pseudônimo e do local, como o tipo e a forma das falas sobre os sofrimentos vividos e vencidos, personagens evidentes, autopercepções de mudanças, evidências da normatividade social subjetivada, como um todo e a relação com o estigma da “severinidade”, etc. Tudo indicava a possibilidade de se realizar um estudo de caso emblemático frente à pretensão da tese e decidi aprofundar-me no processo da pesquisa com essa mulher, autodenominada “Gardênia”, que apresento detalhadamente a seguir.

2.1 O encontro de Gardênia

As entrevistas com Gardênia para a coleta da narrativa de história de vida foram realizadas no período entre setembro de 2012 e junho de 2014, na cidade do Guarujá-SP, em uma casa onde a entrevistada trabalha, desde que chegou de sua terra natal a São Paulo. Ela tinha 53 anos na ocasião, agora 55 para 56, nascida (28/09/1959) em Estância - Sergipe, mas mora e vive em Guarujá, na comunidade da Maré Mansa, na periferia do bairro Praia de Pernambuco. É solteira, católica, sem opção política declarada, e tem

duas filhas, uma de 13 e outra de 17 anos. Descreve-se como “descendente de pai negro e mãe filha de bugres, de índios”, quando perguntada sobre sua origem étnica.

O pseudônimo definido por ela foi “Gardênia”, que se refere ao nome de um arbusto resistente, com cerca de 1m 50 de altura, folhas grandes e verde-escuras, flores brancas e bem perfumadas, cujo aroma lembra o de jasmim e floresce na primavera-verão. Há um exemplar plantado no jardim de fundo da casa, local das entrevistas, onde Gardênia presta serviços desde que chegou a São Paulo, mas a família proprietária do imóvel não é mais a mesma nem os únicos contratantes de seus serviços. Nomeou suas filhas de Flor-1 (a mais velha) e Flor – 2 (a menor).

Para esta pesquisa foram utilizados dados coletados por meio de diário de campo e informante. A primeira anotação realizada no diário de campo foi exatamente o comentário informal da entrevistada sobre a relação entre o pseudônimo escolhido e o exemplar da planta existente na casa: ela e a planta, ambas, floresceram ali desde que chegaram; gostam da primavera-verão; e a brancura e o perfume das flores a remetem à pureza de coração que acredita ser a obrigação de todos procurarem ter e viver. Ela é uma pessoa sensível, delicada, embora resistente e forte, segundo ela mesma, e por isso, identifica-se muito com a planta também. Como será percebido ao longo da apresentação da análise interpretativa das entrevistas, pela própria fala de Gardênia, a casa é um local marcante para ela, pois, desde sua chegada ali acontecimentos significativos passaram a ocorrer em sua vida, incluindo-se, a geração de suas filhas.

O contato inicial com a entrevistada foi feito por meio de uma informante denominada aqui de Virgínia e, que é a atual dona da casa supracitada. No total, foram realizadas três entrevistas reflexivas, havendo uma média de 8 meses de distância entre cada uma, período este destinado à transcrição e realização das devolutivas junto a Gardênia. Na primeira entrevista, explicou-se a proposta da pesquisa de campo, sua importância dentro do projeto de pesquisa do doutorado e a observância de sigilo e respeito à entrevistada. Partiu-se da pergunta “quem sou eu?”, para que ela iniciasse sua narrativa autobiográfica e optei por não fazer nenhuma intervenção. Somente nas duas últimas entrevistas é que fiz perguntas de esclarecimento, focalizadoras e de aprofundamento; terminando a terceira com a pergunta “quem você quer ser?” (provocativa de percepção de projeto de vida).

A análise interpretativa dos dados deu-se em uma **primeira etapa** com a realização da escuta atenta, transcrição e leitura de cada uma das entrevistas. Observei

que, na narrativa autobiográfica da primeira entrevista, Gardênia apresentou a organização de alguns eventos espontaneamente de forma cronológica, tendo por foco sua relação com o trabalho: aos 8 anos de idade, quando começou a trabalhar para a subsistência da família; aos 20 quando mudou do mangue para o centro da cidade de Estância – SE, em busca de melhores condições de trabalho e de remuneração; em 1991, aos 31 anos quando veio de Estância – SE para o Guarujá – SP, trabalhar e morar em uma casa de família, almejando uma remuneração melhor; aos 38 quando se tornou mãe pela primeira vez, e a vida pessoal abalou a produtiva; aos 42, quando se tornou mãe pela segunda vez, e a vida pessoal desenvolveu a produtiva; em 2005/2006 quando foi retomar seus estudos, e a vida produtiva nunca mais foi a mesma, pois tornou-se trabalhadora autônoma. Conseqüentemente, houve a apresentação transversal das relações de poder envolvidas entre pais e filhos, homens e mulheres, dirigentes e subordinados, paulistanos e nordestinos, adultos e crianças/jovens.

Nas segunda e terceira entrevistas, houve a mudança de foco da narrativa, que passou a ser diretamente sobre os relacionamentos interpessoais, independente das situações promotoras dos mesmos, embora, aprofundando detalhes da cronologia da primeira entrevista e acrescentando alguns novos eventos, uma vez que se deu o processo de devolutivas entre elas e foram feitas perguntas, além de terem sido consolidadas a empatia e a confiança na relação pesquisadora-pesquisada. Detalhes impactantes foram narrados por meio da reprodução de diálogos memorizados; de manifestação de choro que, por vezes, interromperam as gravações; do tempo de pauta, que passou a ser o psicológico; da autocompreensão adquirida sobre o próprio desenvolvimento de sua história de vida, etc. Nas entrevistas, o aprofundamento das relações de poder passou então a evidenciar as categorias de conteúdo, que entendi serem quatro principais: gênero, trabalho, migração e exclusão. Nessa primeira etapa, também foi possível identificar e nominar as personagens de Gardênia, mediante a percepção do contexto narrativo emergente, sobretudo na primeira entrevista, porém, para compreensão adequada da dinâmica entre as mesmas e clarificação de suas relações com outros atores, seria necessária a organização cronológica geral da história de vida narrada para conciliação do aprofundamento oferecido pelas outras entrevistas; o que foi feito posteriormente.

Em uma **segunda etapa**, procurei fazer a releitura das transcrições de forma a atentar-me à sintaxe e significância das expressões e das palavras descritivas que se

repetiram, observando o contexto da ocorrência, para verificação da associação às emoções, às pessoas mencionadas por Gardênia, às situações vividas, às personagens e, sobretudo, à interpretação de sentido geral. Contudo, logo em seguida, em uma **terceira etapa**, estabeleci a organização cronológica geral da história de vida, a fim de uma vez integrada às percepções de sintaxe e significância verificar também as evidências de interconexões entre as categorias que indicassem o desenvolvimento do sentido emancipatório com base no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Finalmente, definindo uma **quarta etapa**, parti para a construção textual e diagramática detalhada, com base nas interconexões do todo investigado que indicaram processos específicos, para a apresentação de Gardênia, aqui, como vem a seguir.

2.2 A interpretação de Gardênia.

A escrita da interpretação de Gardênia construída por ela e por mim segue a cronologia temporal da história de vida narrada e não a divisão das categorias de trabalho, gênero, migração e exclusão, para que não se perca a percepção da dinâmica das personagens, que pauta o desenvolvimento do sentido emancipatório. Contudo, tais categorias aparecem imbricadas na dinâmica e permitem a evidência de detalhes sobre cada uma delas, que serão tratados mais a frente. Diante disso, é necessário falar um pouco mais a respeito da identidade enquanto metamorfose e sua concepção pela dinâmica das personagens.

O entendimento da identidade enquanto metamorfose, de Ciampa (2005), implica em compreender a expressão do “Eu” através de várias personagens e a articulação entre as mesmas. Cada uma delas representa em parte o “Eu”, perante outro (s) ator (es) social (ais) através do papel representado, pressuposto. É um processo constante de formação e transformação do sujeito em meio às condições materiais e históricas (Ciampa, 1998), em busca de reconhecimento perante o outro para validação de sua atuação, que pode resultar em cumprir com a normatividade de forma aprisionadora ou a de reelaborar a vivência da mesma em autenticidade ou mesmo a de rompê-la.

Assim, pode ocorrer *mesmice*, um movimento de reposição de atuação de uma dada personagem, um aprisionamento em função de algum interesse ou conveniência de favorecimento do capital, não do humano; provocando a aparência da estagnação, a cristalização da identidade, chamado de *fetichismo* da personagem (Ciampa, 1987). O oposto, a *mesmidade*, é o movimento que possibilita tornar-se outro, possibilita a *alterização* e expressa a idéia de um salto qualitativo, pelo acúmulo de mudanças quantitativas, graduais (LIMA, 2010). A dinâmica constante das personagens, entre movimentos de pressuposição, reposição e *alterização* da identidade enquanto metamorfose ocorre pela busca emancipatória em meio ao contexto social; a luta pelo “vir-a-ser-sujeito” na dialética entre a individualização e a socialização. Assim, cada indivíduo deve desenvolver uma história única, identificada tanto como “uma singularidade dotada de direitos individuais quanto uma universalidade que expressa a coletividade” (LIMA, 2010). A construção da intersubjetividade por meio da linguagem é o caminho dessa história, para cada um de nós, mas é a de Gardênia que vamos contar:

O PREFÁCIO DA HISTÓRIA

QUANDO NÃO-ERA, JÁ SENDO

Nascer vem antes de viver

[...] O patrão dela [sua mãe], seu Nivaldo, disse “você não está doente! Está tomando esse remédio para o quê?” [...] e a barriga dela crescendo. Acho que ela sabia... E o patrão dizia “Acho que você está grávida!”; e ela dizia “Não é possível! Vinte anos de casada e eu nunca engravidei!” – ela tinha uns trinta e poucos na época. [...] E o patrão disse “Você está grávida sim e pare de beber esse remédio porque você vai matar a criança!”. Aí meu pai arrumou uma droga de uma mulher! E minha mãe disse “Agora eu mato essa pestinha porque por causa dessa cobrinha – ela não sabia se era homem ou mulher, então chamava de cobra – ele está me trocando por outra!”. [...] E tudo era o Nivaldo Silva! Esse homem era demais! Ele disse “Ele está trocando porque ele é safado! Você sabe que o seu marido é um cachorrão! Você vai ter a menina!”. E ele aconselhava, aconselhava, aconselhava; [...]... aí meu pai disse assim “olha, o que foi que essa maldita bebeu!” – porque lá todo mundo xingava – “olha, só o que foi que ela bebeu!”; “Meu Deus, ela vai morrer!” Aí, o homem tinha um jipe, botou ela no jipe e correu! [...] Ela não comia e só tomava remédio para me matar. O médico ficou tiririca com ela! Aí, ela ficou com medo. Veio pra casa, terminou o pré-natal, terminou tudo bonitinho, eu nasci! [...] E tudo isso ela me falou! Eu disse assim “a senhora não gostava de mim né?” E ela disse “Ah, eu queria que você me perdoasse! Você não guarda mágoa de mim, né?”. Eu disse “Não! Pode ficar tranquila que eu não vou ficar com raiva da senhora, nunca! Não tenho mágoa. Eu também te judiei, né? Fiz ficar

com 5 dias de dor, ninguém merece!”. [...] Ela disse que ficou muito amargurada porque meu pai arrumou uma negona, Raimunda, que pariu um filho dele [...] Disse que o dia que eu nasci – ele estava morando na casa dela, com a mãe dela lá – meu pai veio embora, para a casa de mamãe. Aí, quando chegou mamãe disse “eu não quero você aqui!”. E tudo foi esse Nivaldo Soares!... Que disse “Você vai ficar com ele, sim! Ele vai ficar dentro de casa sim porque precisa registrar a menina e precisa dar de comer para sua filha!” O Sr. Nivaldo Soares gostava muito deles! Aí, ele ficou dentro de casa e disse “Eu vou deixar a Raimunda!”, e deixou mesmo!

Gardênia ainda estava sendo gerada e já teve sua identidade pressuposta em função de um primeiro papel, que lhe foi atribuído, de provocadora de traição e do possível abandono de lar por um marido. A primeira personagem a surgir é, então, a “Gardênia – pestinha cobrinha”, sem gênero definido nem humanidade, é bicho, é praga destituída de fala. Mas, já possui um defensor na pessoa de um “patrão-cuidador”, como outros que aparecerão em sua história, e que reconhecem sua humanidade, para além de proteger, aconselhar, incentivar e ensinar, resolvendo situações diversas; sobretudo figuras masculinas, contrapondo-se ao “pai-patrão”, tirânico, agressivo, mas em duas raras vezes, mulheres (“patroas-cuidadoras”). Ela vai indicá-los com a expressão “Tudo foi Fulano (a)!”. O “tudo” refere-se ao esclarecimento das situações, e à sugestão de solução. Informações e a articulação das mesmas.

A presença de um médico-educador em marcos decisivos na vida de Gardênia também é interessante: na sua gestação e nascimento, nas gestações de suas filhas, na gestação de sua neta como será visto à frente; mas, esse estava no Nordeste e, provavelmente, era nordestino. Um nordestino diferente do que a política de identidade de invisibilidade estigmatizou na “severinidade”. Mas, ela diz que se vingou de sua mãe, já que a fez sofrer dores de parto, como veremos a afirmação repetir-se adiante. Curiosamente, observamos também que a mãe de Gardênia ficou 20 anos sem engravidar, segundo ela, o que pode indicar a prática do abortamento ou um controle contraceptivo, ou ambos.

Será visto que até o final da análise da narrativa de Gardênia, ela perdoa a mãe baseada no desenvolvimento da sua conscientização do ser mulher, do apossar-se do feminino, identificando-se com a mesma luta de vida da mãe, de muito trabalho e cansaço, com a marca negativa do masculino nas experiências afetivas, e com a realização da maternidade consoladora e parte dos eventos e situações promotoras de reação e mudança.

Como teimou em nascer

[...] Mas, eu era tão teimosa, que não morri, né? Nasci! [...] Eu sou a mais velha de dez filhos. Agora tem quatro mortos e seis vivos. Lembro que ela disse que eu chorava das 5 da tarde até meia-noite, e ela não conseguia dormir. [...] ela fazia umas redinhas de saco [...] Furava um buraco na parede, ficava um torno qualquer e me balançava. [...] E berço, nunca tive. Nem eu nem meus irmãos. Aí, um dia ela disse que estava com tanta raiva e tão cansada que ela deu um balanço e eu caí por detrás de um baú. Daí, como ela disse que eu me calei, ela disse “Deixa lá essa desgraçada que eu quero dormir” – bem assim que ela falou! - e papai disse “A menina se calou de vez, com o balanço que você deu! Será que não aconteceu alguma coisa, não?”, ela disse “Não aconteceu nada!”. “Então tá bom!”, ele disse, e foram dormir. Quando foi 7 horas da manhã, ela disse que era o horário de eu acordar para mamar, todo dia. E eu não acordei. [...] Daí ela gritou “socorro, Nunum!” – que o nome dele era Manuel Messias, mas o apelido era Nunum – “essa menina não está aqui!”. [...] Depois que ela lembrou “O baú!”. [...] Ela disse que eu estava por detrás, dormindo. [...] Então, eu fiquei até às 2 horas da tarde dormindo. Tudo isso é o que ela me conta. Eu tinha 3 meses de nascida, na época. Quando eu acordei, ela disse que eu estava bem, que eu chorei legal, dei risada com 3 meses, ela disse “Bom, tá tudo certo!”.

A teimosia da “Gardênia – pestinha cobrinha” em nascer e permanecer viva continua e resiste até mesmo a um provável estado breve de coma. Caracterizada como “desgraçada”, Gardênia atribui o ocorrido ao estado de raiva e cansaço da mãe e descreve uma aparente preocupação por parte do pai. Tudo isso foi ouvido por Gardênia de sua própria mãe, um momento de partilha e cumplicidade geracional do feminino; mas, veremos que é uma relação entre mulheres e não mãe e filha. Podemos afirmar que o nascimento de Gardênia mudou algo na mãe, como ficará mais evidente, pois após 20 anos sem ter filhos, tem outros nove depois dela, e o marido não a trocou por outra, como temia na primeira gravidez.

A HISTÓRIA

QUANDO PASSA A SER INVISÍVEL

Como inicia sua vida

Minha história de vida vem desde os 8 anos de idade. Eu fui nascida numa família muito (palavra dita com ênfase) simples e meu pai era um homem meio... como é que eu quero dizer...meio...a gente hoje em dia, a gente chama de...ignorante, né? Mas, noutro tempo a gente chamava de bruto... de estúpido...de cretino...Era uns nomes meio grosseiros...Os filhos quando estavam passando pros 8 anos, ele começava a enfiar os filhos na roça, no cabo da enxada, pra trabalhar de enxada. E, aí, eu cortava lenha de machado, eu roçava de foice...eu carpia de enxada...eu ia pra maré pescar, eu saía de

casa meia-noite e eu chegava 5 horas da manhã...com um balde... chamava cicofo. Cicofo era um cestinho que minha mãe fazia, de cipó, ela fazia bonitinho, aquela coiso redondinho, em cima ela fazia boquinha pra gente por o siri, caranguejo, tudo que a gente pescasse na murrinha, na maré. Não era mar...o mar ficava distante...ficava como daqui em São Paulo...por exemplo. Ficava bem longe. Nós não morávamos numa ilha, nós morávamos num...num...galho de maré...chamava-se maré. E aí, bem, aos 8 ano de idade eu fui...eu comecei a enfrentar minha vida aos 8 ano de idade....

A narrativa de Gardênia revela seu entendimento, de que passa a viver, a existir, a partir do momento em que se torna útil, é recrutada e obrigada a trabalhar, aos 8 anos de idade, sob a tirania de seu pai. Sua existência é ignorada até entrar na idade da produtividade, definida pelo seu “pai-patrão”, e sua infância é negada. Ela só passa a existir, a ter vida e ser alguém, a partir do momento em que é capaz de trabalhar, de produzir fora do lar. Surge a personagem “Gardênia - útil e funcional”. Ao falar sobre quem ela começou a ser, situa as condições de vida, o local e o tipo de vida familiar, voltada à subsistência; onde cada um passa a existir quando assume uma função produtiva: a mãe fazia os utensílios sob a forma de mão de obra (filhos) e material de trabalho⁵¹), Gardênia pesca e cultiva a terra. O controle geral e tirânico é do “pai-patrão”, ao menos dentro do lar, sobre a família. Para Gardênia, o sentido da vida antes de se saber viva, era teimar em sobreviver; ao entender-se viva, quando inicia sua produtividade fora do lar, passa a ser enfrentamento. A personagem “Gardênia – pestinha cobrinha” desaparece, diante da oposição de papéis com a “Gardênia – útil funcional”, pois, o da primeira representou um problema, mas, o da segunda, solução para a sobrevivência da família.

Crescendo na invisibilidade

O nosso sítio era como daqui (Guarujá) a São Vicente [...] Então era muito longe para a gente andar. E ela começou a ter muito filho e os filhos começaram a ficar doentes. Foi tanto, que morreram dois de uma vez! [...] Por que ela saía de casa assim, tipo, umas 4h30 da manhã, e chegava no outro dia umas 10 horas, 11 horas, porque era muito longe onde ela ia trabalhar. Ela passava dois dias e uma noite fora. Então adivinha o que ela acordava para os meninos? Aos 7, 8 anos de idade, eu fazia pirão, eu botava água no fogo com açúcar, quando a água fervia, eu botava farinha dentro e dava para eles comerem. [...] Como é que pode meu Deus! Eu vinha rolando o pilão até o fogão e subia até em cima, me sentava, e aqui (gesto indicativo de posição frontal) era a boca do fogão. E aí eu ia pedindo madeira para o José – esse que morreu mês passado, e eu botava a lenha, botava um pouquinho de querosene, o fogo pegava e, daí,

⁵¹ Não foi possível encontrar a palavra cicofo, mencionada por Gardênia como o nome de um cesto feito artesanalmente com cipó trançado. Para ela, sua mãe aprendeu com a avó, que era indígena.

eu ia fazer esse pirão. Daí, eu esquentava a carne, eu tinha medo da panela pesada, que ela deixava cheia, e eu dizia “se eu esquentar a carne, eu não vou poder tirar do fogo”, então, eu dava fria para eles [...] Tudo isso eu fazia, e quer dizer, eles se criaram mal alimentados! Aí, o nosso Nescau era banana, laranja, manga, caju, castanha, porque tudo isso tinha muito (palavra dita com ênfase), graças a Deus! Então, os nossos pirulitos, os chocolates, as nossas balas – porque hoje elas (referência às filhas) comem tudo isso – eram as frutas. E farinha o tempo todo! Feijão, de vez em quando. Arroz, nunca! Massa, nenhuma! Macarrão, nada, nada. Não sabia o que era isso. Na fazenda, nunca existiu. Aí, quando ela (mãe) chegava 2, 3 dias depois, dizia “como é que estão os meninos?”; e eu dizia “Tão bem, mãe! Tão tudo aí, tá vendo aí?”. Assim eu fui crescendo; fui crescendo nessa lida minha, e ainda ia para a roça, limpava mandioca, plantava milho, manáiba... Sem adubo porque meu pai não podia comprar adubo; e o meu pai dizia assim “vai para o pasto” [...]

O marco inicial de vida aos 8 anos de idade para Gardênia, como apresentado, evidencia aqui não só o trabalho infantil (e escravo) na roça e no mangue sob a tutela do “pai-patrão”, mas também a maternidade compartilhada com a mãe, como parte das responsabilidades da “Gardênia – útil e funcional”. Ela acaba por culpar-se da morte dos irmãos, entendendo que se alimentavam mal, embora houvesse carne, frutas, feijão, mandioca, milho, farinha, açúcar, peixe e frutos do mar. Seu conceito de comer mal inclui não haver macarrão nem arroz, típicos da alimentação no Sudeste, de São Paulo, da mesma forma que o falar mal, como também surgirá adiante. O que aparece em maior evidência é a falta de conhecimento de como aproveitar e preparar devidamente os alimentos, provavelmente, pela sua pouca idade e, talvez, a possibilidade de a quantidade de comida ser insuficiente para uma família com dez filhos. Além disso, as condições precárias de vida, certamente, aumentavam a possibilidade de doenças. O nascimento de Gardênia mudou a realidade familiar, despertando para a percepção de filhos serem mão de obra para o “pai-patrão”, ajuda e cumplicidade para a “mãe-omissa”, mesmo com a primogênita não tendo idade nem responsabilidade para tal.

A invisibilidade incorporada

Quando eu tinha só duas irmãs – a Joana Batista e a Maria Natália – então, essas duas meninas com o cabelo popular deste tamanho (gesto indicando volume muito acima da cabeça) [...] o que é que eu fazia: eu ia pro riacho [...] que não dava pra afogar ninguém, eu ia pro riacho com sabão de solda, que ela chama-se de sebo, porque fazia do sebo do boi, e eu pegava aquele sabão fedorento [...] elas tinham piolho, num cabelo popular porque meu pai não deixava cortar os cabelos daquelas meninas. A minha mãe queria cortar, ele não deixava; aqueles cabelos meio ruins porque nossos cabelos não são bons, hoje, eles estão lisos porque eles estão cheio de química, de produto... [...] Eu tinha tanto capricho com isso, com essas minhas duas irmãs, que o piolho acabava!

Porque uma vez – e não foi minha mãe que me ensinou, porque ela nunca me ensinou nada! Minha mãe só trabalhava, só trabalhava, parecia um macho! Porque meu pai trabalhava, mas era meio... Entendeu? [...] Uma senhora chamava-se Madô. [...] Aí, foi quando ela disse “Vixe Senhora! Está branco de lêdea! Meu Deus do céu vai fazer ferida na cabeça das meninas!” e foi que eu disse “E como é que eu faço com isso?”. Daí ela disse “vem cá!” e ela foi, molhou o cabelo da menina, e disse assim “Você pega assim, ó, de pouquinho em pouquinho e vai puxando, até o final do cabelo” – o cabelo deste tamanho (gesto indicando, aproximadamente, meio metro).

Na infância de Gardênia, o “cabelo popular” ou os “cabelos meio ruins” eram difíceis de ser tratados dos piolhos pela precariedade de suas condições de vida, a falta de produtos adequados, de higiene e de instrução. Mas, em seu entendimento, de quem já vive há mais de vinte anos em São Paulo, a dificuldade também é porque o tipo de cabelo, o “popular”, é que é ruim. Felizmente sempre aparecia alguém para socorrer Gardênia, ensinando-a e capacitando mais e mais a personagem “Gardênia-útil e funcional” e, assim vai sendo repostada. Contudo, cabe observar que Gardênia, hoje, segundo ela⁵², apenas tem seu cabelo tratado com xampu, creme e gel, usando-os presos para trabalhar e solto nas outras situações. Diz que não faz alisamento, pois seu cabelo não é muito crespo, provavelmente, em função da ascendência também indígena – o que chama mais ainda a atenção sobre o entendimento dela da situação narrada.

A visibilidade de Deus

A minha mãe falava muito (palavra dita com ênfase) em Deus. Falava não, fala! Quando um filho tinha uma doença, uma coisa assim séria ou senão quando a terra estava muito seca, que estava se acabando tudo, e a gente não podia plantar, aí ela se ajoelhava no terreiro sozinha (palavra dita com ênfase) – eu acordava e via ela pedindo pra Deus, com as mãos postadas assim (gesto de mãos unidas em prece) dizendo “Meu Deus, nos ajude! Meu Deus, bote chuva!”; “Meu Deus, faz dos meus filhos, filhos de Deus, filhos santos, obedientes.”; “Me ajude! Olha para os seus filhos aqui na Terra!”; “Olhe por mim, meu Deus!”. Então, eu me criei vendo aquilo! [...] Por causa dela! [...] ela se ajoelhava e agradecia a Deus! Aprendi com ela, aprendi com ela! Por causa disso! E como eu via, eu criei naquela fé... como ela pedia as coisas... Por exemplo, quando a gente estava doente, ela dava o remédio e pedia para Deus curar, e a gente ficava boa. Quer dizer, eu nem ligava no remédio, eu ligava na palavra dela e dizia “foi Deus que me curou”, porque ela pedia. [...] Meu pai, eu nunca vi chamar Deus. Ele era muito arrogante, muito assim... Machista! Sabe? Ele era o dono da verdade, ele punha uma arma na cintura, um revólver, uma coisa assim, uma espingarda nas costas, uma foice na mão. Então, quer dizer, esse era o Deus dele! [...]

⁵² Afirmação em continuidade ao relato aqui apresentado, mas que não achei necessário reproduzir a transcrição.

Recorrer ao extraordinário é um hábito aprendido por Gardênia (tradição e memória) e que inclusive serve de referencial de distinção de atitude diante da vida, entre sua mãe e seu pai: humildade solitária *versus* arrogância opressora. Mas, Gardênia apegar-se a Deus (como ela mesma dirá) bem mais tarde, já em São Paulo, diante dos desafios da adaptação ao trabalho e à maternidade, o que fará surgir outra personagem. Esse apegar-se de Gardênia também irá diminuir à medida que se desprende da normatividade social e começa a exercitar a ação comunicativa, como promotora de conscientização, e um dos indícios aparece neste relato, quando ela observa que “nem ligava no remédio... ligava na palavra dela”. Apesar disso, em conversa informal registrada no diário de campo, após a segunda entrevista, Gardênia mencionou que batizou as filhas na Igreja Católica-Apostólica-Romana e as fez cumprirem a primeira comunhão, por costume (tradição, mais uma vez). Nenhuma de suas filhas frequenta a igreja, nem ela.

O perigo de conhecer o dinheiro

[...] Quando eu estava com 15 anos certinho, eu disse “mãe, quero conhecer dinheiro” – porque eu não conhecia dinheiro – meu pai não deixou e minha mãe bateu em mim. Aí eu pulei lá para o meio do terreno, bem longe deles, e chamei ele de tudo quanto é nome! – Deus me perdoe, porque naquele tempo eu não precisava fazer isso, mas meu pai era muito ignorante! – xinguei ele todinho e disse que se ele não deixasse a minha mãe me ensinar a conhecer dinheiro, que eu ia embora para a cidade e ia dar parte dele. Não sei como passou isso pela minha cabeça! Eu disse “eu vou chamar a polícia!”. Aí, a mamãe disse assim “Tá vendo aí? Você está fazendo com que ela se revolte contra você”. Aí, ele parou! “Tá bom! Ensina, ensina! Pode ensinar ela a mexer com dinheiro.”

No engendramento familiar, as relações de opressor-oprimidos são bem complexas na casa de Gardênia. Há facilidade da ocorrência de violência quando o “pai-patrão” sente-se ameaçado de perder domínio e poder. A “mãe-omissa” é cúmplice porque também o teme, por isso, participa da opressão; e somente cede, pelo exemplo deste episódio, diante da perspectiva de perder Gardênia para a cidade e o companheiro para a polícia. Gardênia aprende que precisa fugir da violência (física e não física), e já indica que a personagem “Gardênia – oprimida em fuga” começa a ser formada. Ela vai surgir, como será apresentado, por *conflito* da personagem “Gardênia – útil e funcional” na percepção do contraste entre a realidade familiar – com atores que interagem com Gardênia, mediante violência, desprezo e exploração – e a social, com atores que a

respeitam, defendem, ensinam, cuidam e protegem. Por outro lado, Gardênia apresenta também reação de enfrentamento, um lampejo da “Gardênia - com fome de vida nova”, que surgirá em seguida, após a “Gardênia – oprimida em fuga” firmar-se. Ela diz não saber como veio à sua mente a ideia de dizer ao pai que iria embora para a cidade e denunciá-lo à polícia. Provavelmente, sua mãe ou algum conterrâneo já havia ameaçado denunciar pelos maus tratos à família, como será visto, a seguir. A palavra “certinho” aparecerá sempre que Gardênia descrever algum fato, acontecimento, em que houve um forte marco emocional de enfrentamento e novas conquistas.

Sua dignidade

[...] Como os caras para quem eu vendia já eram conhecidos dela (mãe), os caras pegavam e até davam dinheiro a mais e dizia “Leva e entrega para a sua mãe! Não dê para o seu pai!”, porque como eles davam dinheiro a mais – os moços que compravam farinha, peixe, mandioca, fruta, coco, laranja, nos armazéns e nas casas deles – então, eles eram os atacadistas, e eu chegava com os animais carregados e eles me davam o dinheiro. E eu dizia que se eu não desse para o meu pai, ele ia bater na minha mãe. Mas, eles diziam para dar para ela, que ela pegaria o dinheiro que dava a mercadoria e entregaria a ele; e o dinheiro que sobrasse era para comprar vestido para mim. Porque eu chegava rasgada, já de peitinho e tudo, e eles diziam “você está suja e precisa de dinheiro para comprar sabão, sabonete, perfume”. [...] E daí, quando eu chegava em casa eu dava o dinheiro para ela e ela tirava o tanto que ele dizia que dava e mandava eu entregar para ele. Ela ficava com o resto e me dava uma besteirinha e dizia para que eu dissesse que ia juntando para ele não desconfiar quando eu aparecesse com alguma coisa. Daí eu comprava chinelo, vestido, comecei a comprar sabonete, perfume vagabundinho, mas era gostoso, e eu fazia tudo isso. Aí, absorvente, eu nunca soube o que era! Minha mãe dizia “compra para ela, que ela já virou mulher” [...] ele dizia “Não! Corte um saco e faça os quadradinhos de pano para ela usar”, e aí mamãe fazia isso, e eu tinha que lavar aquela porcaria todo o dia! (fala exaltada). E, por aí, eu fui. [...]

A ajuda e a cumplicidade entre Gardênia e sua mãe foram se desenvolvendo para a sobrevivência de ambas perante o “pai-patrão”, contando com a colaboração de outros homens que conhecem e rejeitam a atitude dele e tentam proteger a família, especialmente, a mocinha, que requer até cuidados de higiene pessoal. A situação dela é de total falta de dignidade de vida. O primeiro tipo de relação de trabalho aprendido e vivido por Gardênia é o de escravidão: mal tem suas necessidades básicas atendidas e não tem acesso ao fruto de seu trabalho, trabalho esse que é extenuante. A expressão de indignação tem seu ápice junto à lembrança de lavar os panos. A personagem “Gardênia - oprimida em fuga” vai se desenvolvendo.

Seu custo

[...] Porque xampu, tudo isso existia porque eu chegava na farmácia e como eu não sabia ler, eu perguntava para as meninas da farmácia, para quem estava no balcão, o que era. Graças a Deus toda vida eu encontrei gente que me explicava coisas! Dizia o que era perfume, o que era remédio, o que era xampu, o que era condicionador... Na farmácia do seu Eliezer tinha uma menina gordinha, nova, essa menina me explicava tudo! [...] Uma vez o seu Eliezer fez ele comprar. Eu fiquei assim triste ele disse “Ela vai levar tudo!”. Aí ele “mas não precisa, ela lava com sabão, tem óleo de coco”, e ele disse “E isso é coisa de uma mulher usar? De uma menina botar no cabelo, Nunum?!?” O homem era um negão que ficava tiririca com isso! Ele disse “ela vai levar tudo e você vai pagar! Porque se eu quiser dar para ela, eu posso dar, mas não vou dar! Você vai pagar tudinho!” Aí ela fez um kit e ela foi lá e botou amarelo, vermelho, verde, azul, e disse assim “As cores você conhece, então o amarelo é para lavar, o vermelho para pentear, o azul é para hidratar...” Ela me disse tudo e “está aqui o perfume, mas o perfume não precisa marcar por causa do cheirinho”. Chegou em casa, ele me bateu! Acredita? Ele disse que se eu voltasse na farmácia do homem e pedisse as coisas de novo... Daí, eu nunca mais voltei na farmácia do homem!

Este trecho da narrativa, dentre outros, indica que embora a família de Gardênia fosse de baixa renda, de economia de subsistência, a precariedade de suas condições de vida devia-se, em muito, à tirania do pai e nem tanto pela escassez extrema de recursos. Mais uma vez outra pessoa, um homem intervém para enfrentar o “pai-patrão”, e reivindicar o mínimo de condições de vida que Gardênia necessita e pode ter. Também mais uma vez, uma figura feminina a ensina e socorre, diante de questões cujo aprendizado entendemos-se que deveria começar no seio familiar. O “pai-patrão”, como de costume, apela à violência quando na intimidade do lar, sem estranhos presenciando. A realidade do lar diz que Gardênia só existe se produz; a realidade da cidade diz que ela existe, além de produzir, e tem necessidades que precisam ser atendidas (roupa, xampu, sabonete, etc.). A percepção dessa realidade vai fortalecendo (repondo) a personagem “Oprimida em fuga”.

Uma oportunidade

Daí, eu disse “agora eu quero escola! Eu quero aprender a ler!”. Aí foi uma briga! Mesmo assim eu fui para a escola, porque eu era teimosa! Eu acho que puxei uma parte dele! [...] Eu estava com 16 anos... Ele matou um cara e ficou fugitivo, ficou pelo mundo, e eu lembro que quando ele voltou, ele voltou depois de 3 ou 4 anos, e foi nessa época que ele estava fugitivo que eu aproveitei para aprender a ler. Entrei na escola e comecei a ler e estudar. Quando ele voltou ele mandou eu sair da escola. Ele respondeu processo, mas não ficou na cadeia... o cara que ele matou também tinha antecedente, e eu sei que ele se livrou. [...] Quando eu estava com vinte 22-23 anos, ele comprou uma casa na cidade. Aí eu disse “papai, eu quero trabalhar na cidade! Eu não quero mais

trabalhar em roça, eu não quero mais trabalhar no cabo da enxada, nem na maré” [...] Aí ele disse “Ah! Você não vai!” e correu atrás de mim pra me dar com uma vara. Mamãe também era teimosa e disse a ele “compra logo a casa que eles querem estudar e trabalhar”. Aí, ele comprou a casa, eu vim embora e arrumei um emprego. [...]

Apesar da cronologia de Gardênia ser um tanto confusa, percebemos que sua luta para estudar é antiga, surgindo uma primeira oportunidade só aos 16 anos, com o afastamento do “pai-patrão” de casa pela prisão. Desde a adolescência, tentou ir à escola, mas só efetivou os estudos já em São Paulo, com as filhas grandes, como será apresentado. O estudo e a cidade também representaram uma ameaça ao poder do “pai-patrão” que, voltando a seu posto, reagiu com violência como era seu costume; mas que, provavelmente, foi cedendo em vista do declínio acentuado da agricultura de subsistência na década de 1980 no Brasil, como um todo em função do crescimento da urbanização nos centros, além das secas comuns no Nordeste.

Aqui cabe observar que os atos de fala no contexto familiar original de Gardênia são sempre perlocucionários, de agir estratégico, com predominância do domínio por parte do “pai-patrão”, associa-os ao uso recorrente de violência física; mas, aos poucos Gardênia vai aprendendo a reproduzi-los, o que traduz a “teimosia” que a identifica com o “pai-patrão”, e não com a “mãe-omissa”, apesar desta também ser descrita como sendo teimosa. A personagem “Gardênia - com fome de vida nova” está surgindo por *conciliação* do desempenho de papéis/personagens, da “Útil e funcional” com a “Oprimida em fuga”, diante dos interesses e de fatos da realidade (familiar e social). O sentido da vida é enfrentamento, como Gardênia já disse, e suas personagens precisam se unir para livrarem-se da violência doméstica, do trabalho escravo e mudarem, agora, do manguê para a cidade; e futuramente, do Nordeste para o Sudeste.

As coisas do “Norte”

[...] Quando eu me lembro das minhas coisas do Norte... Da minha terra... Então, nossa festa era lá! Nós íamos assim tipo 9 horas da manhã e só vinha tipo 10, 11 horas da noite. Adivinha como é que meu pai ia? Todo homem lá, numa boa! Se tinha arma, nós não víamos. Estavam tudo à paisana, tudo bonitinho, tudo calçado, tudo limpinho, arrumado... O meu pai, com uma espingarda desse tamanho (gesto indicando um metro), um revólver e um facão. (breve silêncio) Eu fui crescendo vendo aquilo... Quando eu via o pai das outras meninas sem nada disso, eu olhava pra ele assim e dizia “quero morrer!... Eu quero morrer!”. E toda vida, eu fui à frente... da minha crença, do meu... nascimento... Toda vida eu fui à frente! Todo mundo se calava, mas eu não! [...] e eu digo “É! Está vendo os outros homens, aí? [...] Só você com essa penca de arma! Com facão, com revólver, com espingarda! Você é o Lampião? Você é

o Lampião aqui do Rio Fundo?”... Ele ficou assim me olhando... E desse dia pra cá ele quando ia pra o Rio Fundo, ele levava arma, levava revólver, mas todo escondido aqui por dentro (gesto indicando o interior da blusa no corpo). O facão e a espingarda ele deixou de levar... Ah! Ainda tinha uma peixeira! Uma peixeira que ia aqui atrás (gesto indicando a parte de trás da calça, nas costas), uma peixeira dessas grandes, que usa pra cortar carne aqui; tinha uma faca daquelas que ele metia aqui atrás. Horrível! Aquilo era horrível!

Em um raro momento de lazer descrito na narrativa de sua história de vida, aqui transcrito em parte, Gardênia relata animada uma festa no povoado de Rio Fundo, que ocorria periodicamente na casa de um comerciante e reunia as pessoas moradoras do entorno, e detalha as comidas e bebidas típicas. Mas, a descrição da saudade das coisas do “Norte”, de sua terra, desemboca de forma contrastante na lembrança desagradável, vergonhosa, de como o seu pai vestia-se e comportava-se. A vergonha aparece aqui pela primeira vez, embora não reconhecida nem nominada como tal. Trata-se da vergonha por *indignação*, que Gardênia manifesta sobre a postura de seu pai, de intimidação, agressividade e violência, frente à sociedade, e não só em casa.

Descrevendo sua emoção como desejo de morrer, por outro lado, Gardênia não deixa de afirmar sua coragem de falar ao “pai-patrão” o que achava que deveria falar, entendendo isso como estar à frente de seu tempo, porque não é costume um filho/filha, falar a verdade a seu “pai-patrão” pelo risco de violência que isso representava. É interessante observar que a atitude pública do “pai-patrão” de Gardênia não é o padrão dos demais homens da região e seu comentário parece ter surtido efeito de autopercepção nele, pois o mesmo passou, ao menos, a esconder algumas armas e a deixar em casa outras. Tornou-se um “cangaceiro” mais discreto, já que não é Lampião, como a filha o lembra.

O “código de virilidade”

A minha mãe um dia perguntou, e disse “Você! Você é o pior galinha de todos os homens! Você andou com várias mulheres, que tinham... Todo mundo tinha pai! Ou você acha que as mulheres com quem você andou não tinham pai? Como é que você não quer que os homens cheguem perto da sua filha? Assim como você andou com as filhas dos outros, os outros tinham que andar com a sua filha! Ou você acha que...” – aí ela falava em Deus! – *“Deus já deixou pra nós fazermos assim! Já deixou pra nós fazermos os nossos filhos, eles se criarem, se casarem, fazerem a casa deles e irem embora, e nós ficarmos na nossa!”. [...] Tinha dia que ele escutava! Tinha dia que ele batia as mãos no facão, e ela corria. Senão, ele cortava ela todinha de facão! [...]*

Gardênia não mencionou explicitamente nada sobre ter passado por abuso sexual (incesto) em sua infância em momento algum de sua narrativa, mas em um dos intervalos de uma das entrevistas, exatamente quando havia tratado sobre sua sexualidade, foi anotado no diário de campo seu comentário ao desligar do gravador as coisas que ela passou na infância, mas, sobre as quais não iria falar de jeito nenhum. Aqui, ao comentar sobre as atitudes opressivas e violentas de seu pai, Gardênia narra a tentativa de intervenção de sua mãe, para fazê-lo mudar de atitude com relação a deixá-la namorar, apelando inclusive à autoridade de Deus. Mas, ela descreve uma fala um tanto dúbia de sua mãe, pois traz sutilmente o foco prioritário para um desejo de que o “pai-patrão” sentisse na pele o que fez com outras mulheres, filhas de outros homens, e que Gardênia pudesse logo sair de casa. Um misto de ciúme e mágoa de mulher com zelo materno-religioso normativo, e este último aparece depois para fortalecimento argumentativo, o que no caso, às vezes, funcionava para evitar a violência doméstica, às vezes, não. Parece-me mais um indicativo também de que Gardênia possa ter passado por abuso sexual do “pai-patrão”.

A visibilidade do masculino

Aos 20 anos, eu noivei...nunca tive um namorado...nunca tive nada...aí eu digo “vou fica dentro de casa, vou fica pra tia...estou ficando pra tia”. Já tinha quase 20 anos e meu pai não deixava eu pegar namorado...num deixava eu arrumar ninguém, mais eu arrumava, mas meu pai não queria...porque eu nunca vi uma coisa daquela, meu pai...ixi!!!...eu trabalhava... (ele) disse “não quero cabra!”. Eu noivei com um cara que eu não queria, mas o cara teve peito, foi...foi corajoso e disse: “se você quiser casar comigo eu vou lá e enfrento ele (pai) e peço você em casamento”. Como eu queria sair de dentro de casa eu digo “vá lá e faça isso; se você fizer, eu caso contigo” e ele foi lá... fez isso...e ele (pai) teve que aceitar...e me deu o rapaz em casamento e tudo mais.

20 anos é muito tempo para Gardênia que já anseia por mudança, por sair de onde está, da vida que enfrenta (não vive), desde os 8 anos e que a faz não poder ter nada nem ninguém. O anseio por liberdade mantém a personagem “Gardênia - oprimida em fuga” sendo repostada, vai fortalecendo o surgimento da “Gardênia – com fome de vida nova”. É assumido o risco de casar com alguém que ela não queria, mas, que se tornou a solução por “ter peito”, a coragem que ela ainda não tinha de enfrentar o “pai-patrão” que não queria saber de perder o instrumento de trabalho, útil e funcional para outro proprietário. Cada vez mais vai ficar contextualmente nítido o significado que a palavra coragem tem na narrativa autobiográfica de Gardênia: conseguir enfrentar e

romper com a normatividade social interiorizada por ela e, assim, realizar atos ilocucionários de fala, desenvolvendo-se para o exercício do agir comunicativo. No caso, a primeira percepção da coragem que Gardênia precisava ter e não tinha era a de romper com a normatividade do grupo familiar, sobretudo quanto aos filhos subjugarem-se aos pais para o trabalho escravo (na roça ou cuidando de irmãos) e das relações conjugais serem de subalternização do feminino à liderança tirânica e violenta do masculino; expressões que lhe traziam dificuldades de vida a serem enfrentadas e eram personificadas no “pai-patrão”. Mas, o casamento não precisou acontecer, o “pai-patrão” morreu antes.

O dia da justiça

E quando ele morreu, que os filhos do homem mataram ele, 5 anos depois que ele deu três tiros no homem, mataram ele. Eu me lembro como se fosse hoje [...] Ele vinha subindo... eu tô quase vendo!... Eram umas árvores bonitas... Chamava-se Jardim Novo a praça; a igreja era na frente. [...] Então, ele (pai) vinha por debaixo desse jardim, do mercado – que o mercado era embaixo e a praça em cima – ele vinha com os três quilos de peixe na mão. E o menino estava dentro de uma casa, de um senhor chamado... era Nivaldo Silva... [...] mas, o menino estava dentro da casa do Nivaldo Silva, mas foi mandado pelo Nivaldo Soares, que não tinha coragem de matar ele; que tinha muita raiva de meu pai que quando saiu do terreno dele, brigou com ele de facão, ele correu do meu pai... Foi a maior confusão!

Embora Gardênia não estivesse presente quando seu pai foi assassinado, ela descreve a cena contada por sua mãe, com requinte de detalhes do lugar e das pessoas que conhecia bem e “quase vê” o evento acontecendo novamente. O “pai-patrão” foi assassinado por vingança de morte, arquitetada em função da raiva antiga daquele primeiro “patrão-cuidador” (Nivaldo Soares) que evitou o abortamento de Gardênia por sua mãe. Tudo indica que o “pai-patrão” era uma pessoa temida também fora de casa, não acostumada a resolver as situações de forma dialógica, e sim pela violência imposta. Pelo que Gardênia já descrevera anteriormente, ele apresentava-se como um cangaceiro assemelhado a Lampião; provavelmente, era matador de aluguel.

A justiça

Daí vinha o Genésio... Era um taxista, um rapaz moreno, alto e disse “Dona Benina o que está acontecendo aqui? Seu Nunum foi baleado?”. Ela disse “Foi!”. Aí, ele ligou para o pronto-socorro – que não tinha pronto-socorro na Estância – e os médicos disseram assim “Não tem ambulância, não tem nada” [...] Pegou ele e disse “Entra no taxi!” aí mamãe entrou, ele pegou ele. Como ele era gordo, o sangue não saiu, a

gordura tapou os três buracos de bala! [...] Aí ela botou a cabeça dele no colo, que ele estava sentado, aí ele começou - ela disse que ele começou! – a pedir perdão do dia em que ele casou com ela até aquele dia. E a dizer pra ela não ficar com raiva e... [...] “Diga pros meus filhos que eu amo meus filhos, que eu nunca disse pra eles, mas que eu amo meus filhos, que eles me perdoem, diga pra Gardênia se casar, diga pras outras filhas que elas façam o que quiser...”. Porque sempre, sempre, eu fui a castigada dentro de casa! Então, tudo dele era comigo, tudo dele era comigo! “Diga pra Gardênia se casar, arrumar um bom marido e se casar...” [...] mas mamãe disse assim “Mas, você não vai morrer!” e ele disse “Ah! Não sei... Talvez tenha chegado minha hora” [...] E o carro indo pra Aracaju. Que ficava longe! Como daqui quase em São Paulo! E o Genésio ia voando!

Gardênia descreve toda a cena da morte de seu pai com requintes cinematográficos, detalhando, como se estivesse vendo a cena, embora nunca a tenha presenciado. A praça e a igreja do Jardim Novo apareceram pouco antes na narrativa de Gardênia, ao lembrar-se das flores e árvores, que tanto apreciava nas poucas vezes em que ia à cidade nos momentos de lazer. Ao descrever o evento do assassinato de seu pai, incluindo a trama, a mando de uma das pessoas que mais ajudara sua família, ela une a memória do local que gostava com a narrativa de redenção ouvida de sua mãe ou de Genésio e quase vê a cena acontecendo novamente.

Sutilmente também é retratada uma situação que ainda permanece em muitas cidades brasileiras, a carência de serviços básicos de saúde. Não havia um pronto-socorro em Estância, e o de Aracajú não dispunha de ambulância. Talvez a morte do “pai-patrão” pudesse ter sido evitada, mas para ele chegara “a sua hora”. Há forte expressão da normatividade social, de cunho religioso, quando o “pai-patrão” tenta se redimir diante da morte, pois chegou a sua hora, e Gardênia destaca as recomendações feitas, especialmente, a ela, de que case, mas com “um bom marido”. Finalmente, foi feita justiça, para aquela que foi a mais castigada, transmite-nos Gardênia, e a punição do “pai-patrão” é a morte. Foi o momento de maior emoção dentre as três entrevistas, tendo Gardênia chorado muito.

A última obrigação

Aí, olhou pra mamãe assim e disse “Adeus, Benina”. (silêncio prolongado, acompanhado de choro) É... Não é fácil, não! (silêncio prolongado, acompanhado de choro). Ele pediu assim (com a voz embargada de choro), ele pediu “Genésio, você pode buscar meus filhos em Estância?” (breve silêncio, acompanhado de choro). Disse (com a voz embargada de choro) “Posso!”. (silêncio prolongado, acompanhado de choro). [...] Aí ele falou pra mamãe “Você me perdoa?”, “Tá bom, tá perdoado”. “Por que eu não quero ser um homem sujo como aqui na Terra. Pra onde eu for, eu quero

ser outro homem.”. O Genésio disse que ela não chorou, ela não chorou de jeito nenhum. Aí disse que quando ele terminou de falar ela olhou assim pra ele e disse “Vá, Deus acompanhe!”.

Tudo que Gardênia chorou na entrevista durante essa parte da narrativa sua mãe não chorou nem no dia do acontecimento, de acordo com ela. O perdão de Benina indica mais uma obrigação religiosa, um costume, para que o marido deixe de ser “um homem sujo” que reconheceu ser. Ou, um ato de submissão, que pode ser o último ou não.

O preço da remissão

[...] Os órgãos dele pegaram tudinho, acredita? Sem perguntar pra ninguém se podia pegar? Porque estava tudo perfeito! O Rim, coração, fígado... Ele era forte! E era novo, tinha o que? Uns 70 anos? Até a pele dele tiraram, aqui das costas. Tiraram tudo, tudo... As córneas tiraram tudo! E depois o Genésio disse que tinham doado tudo. Aí quando mamãe soube disse assim “Que bom que depois de morto, ele fez o bem!”. O Genésio disse que ela queria processar o hospital, e ela disse “Não! Ele fez muito mal aqui na Terra. Ele foi muito mau. Que bom que agora ele fez um bem. Não vou processar o hospital, não.” E o Genésio disse “Tá bom”. [...] Daí foi o carro da funerária na frente e nós, com o carro do Genésio atrás, e esse homem não cobrou um tostão! Nós quisemos pagar, ele não aceitou. E depois foi ele que disse tudo, que foi Nivaldo Soares que mandou matar, foi ele que disse que os homens tiraram todos os órgãos dele, tudo foi esse Genésio! Ele procurou saber de tudo esse homem! E o Genésio queria fazer justiça, mas mamãe disse “Deixe pra lá! Meu marido procurou muita coisa! Deixe pra lá, deixe pra lá.”. Aí o Genésio deixou.[...] Mas, daí o Genésio foi lá – era um rapaz novo, de uns 30 anos, mas era Deus aquele rapaz! – “Ela vai ter que aposentar”. Muito filho pequeno e a aposentadoria dele ficou pra ela, porque ele (Genésio) foi levar todo os registros de nós... [...] Foi o Genésio!

Genésio é mais um do grupo de pessoas que aparece para acudir, ensinar ou aconselhar na posição de “patrão-cuidador” ou de controlador da situação, ao longo da narrativa de vida de Gardênia. Repete-se a expressão “Tudo foi Fulano(a)!”. Sua ajuda foi tão importante para a sobrevivência da família que Gardênia o diviniza, pois afinal o extraordinário sempre aparece nos momentos impossíveis da vida dela, como será visto repetir-se. Não se sabe o que ocorreu no hospital, enquanto Genésio buscava os filhos como último pedido de Nunum, se Benina foi consultada ou não sobre a doação dos órgãos. Pela narrativa de Gardênia, houve abuso por parte do hospital, mas sua mãe entende como justo o ocorrido, já que o marido foi muito mau e fez muito mal. Não há choro aqui, só gratidão. Permanece a normatividade de cunho religioso e a situação de abandono e abuso que a população carente comumente vive no Brasil.

A primeira migração: do mangue-roça para a cidade

[...] quando ele morreu, ele tinha comprado uma casa na cidade...nós morávamos mesmo num roçã dentro de mato lááá....pra dentro do cafundó do Judas... Aí, ele comprou a casa na cidade... eu vim embora pra cidade...ele morreu! ...e quando ele faleceu, eu... como é que diz....eu vi que o jeito da cidade, era tudo diferente. Tinha festas, tinha balada, como hoje é chamado....mas que chamava-se discoteca, e aí eu fui me desenvolvendo com...arrumei amiga, eu arrumei, arrumei...coisa, escola pra estudar e aí eu peguei e meti os pés no rapaz. Não quis casar. Por aí, eu fiquei na cidade durante uns 10 anos.

A vida afastada da cidade já não era suficiente para prover o sustento da família, por isso, a primeira migração, do mangue-roça para a cidade, mas, ainda no Nordeste. A jornada de Gardênia em busca de liberdade acelera-se diante da descoberta de outro tipo de vida, a partir da morte do “pai-patrão”. Surge a possibilidade de uma vida onde se pode ter diversão, amigos e estudo, a vida fora de casa e na cidade. Onde ela foi se desenvolvendo como diz e, por isso, não precisa mais do casamento, da tutela de outro homem, de por em risco essa conquista a mais de liberdade. Surge em evidência a “Gardênia – com fome de vida nova”, junto à “Útil e funcional” e a “Oprimida em fuga”, está última alertando sobre a ameaça que pode significar o casamento, que não acontecerem mais.

A extensão da invisibilidade

[...] eu achei uma senhora chamada Mônica – ô mulher de Deus! Essa mulher morreu de câncer 1 ano depois – aí eu fiquei na casa dessa mulher, que me ensinou a cozinhar, a lavar direito, me ensinou a passar... Tudo foi essa senhora! Daí ela disse assim “o que é que está acontecendo com você?”. Eu disse assim “Deixe eu falar pra senhora, eu não sei nada disso”. Porque eu via as roupas dela tudo grã-finas... Cada lençol enorme! E eu não tinha lençol. Eu não conhecia. Ela disse “Ah, meu Deus!” e a filha – ela tinha uma filha professora, que trabalhava em Aracaju – ela disse “Mãe, ensina pra ela, porque a senhora já está de idade! Ensina pra ela te ajudar”. Aí, a senhora foi lá e me ensinou tudinho! Ela tinha até tanquinho, naquela época. Ela me ensinou a lavar, na hora de passar, ela montou a mesa com o ferro e me explicou tudo direitinho! [...] Antes de 1 ano, a fábrica me chamou, e eu disse “Dona Mônica a fábrica me chamou!” e ela disse “Vá embora, vá com Deus!”. Aí, eu ficava pensando, e ela disse “o que é que tá pensando?”. Eu disse “eu não sei, eu não conheço nada das máquinas”, e ela disse “assim como teve minha filha e eu aqui fora pra te ensinar, vai ter alguém lá dentro também pra te explicar porque você é muito esforçada! Vá se embora! Vá com Deus!”. [...]

O primeiro trabalho assalariado de Gardênia foi de fato em uma casa, como empregada doméstica, e o primeiro desafio a vencer foi aprender os serviços que nunca

fizera em um ambiente diferente do seu, da roça, onde utensílios industrializados e eletrodomésticos são novidades. Há roupas sofisticadas e até lençol – uma novidade para Gardênia. A personagem “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” está sendo gestada. Novamente, vemos repetir aqui como em outras partes da narrativa de Gardênia a expressão “Tudo foi Fulano(a)!” e associada ao extraordinário (“mulher de Deus”), quando é alguém que interviu para acudir, ensinar, aconselhar, na posição de “patrão-cuidador” ou de controle da situação, aparentemente, impossível de se resolver.

Assim foi com a Dona Mônica, como supracitado; com Nivaldo Silva, que foi o primeiro a defender a vida de Gardênia ainda no ventre de sua mãe e a orientar seus pais em como proceder com a chegada do primeiro filho e com a dificuldade matrimonial e Genésio, o taxista que socorreu seu pai baleado antes de morrer e orientou sua mãe quanto ao pedido de aposentadoria por viuvez. Será também com a mãe de Dona Tereza (“mulher patroa sem paciência que nunca aparece”), que foi a primeira a ensinar Gardênia a lidar com os serviços domésticos e a alimentação em uma casa paulista; a Dona Virgínia, que incentivou Gardênia a voltar a estudar, a ler, a dar livros para suas filhas e a cozinhar melhor; o Afonso, o primeiro homem a despertar a sexualidade de Gardênia e a ensiná-la a ter prazer; que aparecerão, posteriormente.

Chefe ou feitor?

[...] Aí, eu fui pra fábrica e quando cheguei lá o cara disse assim “você vai trabalhar naquela esteira ali” [...] Aprendi a fazer isso. A máquina era uma carreira! Pra eu escolher o maracujá na máquina, eu ficava louca! [...] Pra tirar aquilo, mas mulher (!) era um sacrifício! 5 iam de um lado, 5 do outro na esteira e não dava conta! E ele dizia “o suco vai sair ruim! Não pode deixar passar um podre!” Mas, eu consegui! [...] Daí, ele disse “agora você vai trabalhar... para pôr na serra que corta”. Quando eu cheguei, que eu olhei, tremi na base! Cheguei a ficar tremendo, e ele disse “que é?”, e eu disse “não vou fazer isso!”. Mas, esse feitor – lá a gente chama feitor, mas, aqui é chefe, né? – era um rapaz muito legal! Ele ficou do meu lado e disse “olha, é só você apontar o abacaxi”. A máquina era tão rápida que ela puxava o abacaxi pra dentro. Duas mulheres chegaram a perder a mão! Olha onde foi parar! (gesto indicando a altura do cotovelo). [...] Era impressionante aquilo ali! Nossa Senhora! Eu aprendi a fazer tudo isso. [...] então, tudo que o feitor me mandava fazer, eu fazia rápido, e o dono ficava lá de cima olhando para tudo que é mulher que trabalhava rápido, que não fumava, e todas que ele via que era rápida, inteligente, no serviço, e que não fumava, e não ia ao banheiro quatro, 5 vezes no dia, ele colocava em outro setor. [...] Beleza! Aprendi! Fiquei lá em cima 7 anos certinho, na máquina, quase 9. Daí, eles deram um corte na fábrica e muita gente foi embora. [...] E eu, fui no meio! Aí, quando ele veio, ele disse “Gardênia, você está no meio desse corte porque você é solteira, você não tem filhos, você tem casa própria” [...]. Com 3 meses, ele me chamou de volta. Aí, eu fiquei na fábrica mais uns 2 meses, e aí eu soube de umas conversas de um “ex” meu lá

dentro... Por causa desse cara, saíram umas conversas muito feias a respeito da minha pessoa, e eu não gostei. [...] Aí, eu vim embora para aqui (São Paulo). [...] Eu me empreguei e fiquei por lá uns 8 anos, depois eu vim embora pra aqui, e quando eu cheguei aqui eu tinha uns 38 anos. Eu já estou com uns 20 anos aqui... Eu vou fazer 21, dia quatro de abril! Ó! Jesus! 21 anos aqui!?! [...] A cabo de uns 10 anos eu vim embora pra aqui... pra São Paulo. Eu trabalhei numa fábrica durante 8 anos, eu era, operadora de máquina...e a fábrica faliu e aí...eu perdi o meu emprego, eu vim embora pra cá. Eu já tinha aqui 3 irmãos, aí eles vieram e disseram “Não! Vem embora pra cá”, e eu vim justamente pra essa casa. [...]

Há 20 anos, certinho. Quan...aí eu peguei, peguei meu dinheirinho que eu tinha, minhas coisinha que eu tinha...que eu tinha umas coisinha...dei tudo...larguei tudo pra lá, mas não tinha casa, morava com minha mãe.

O trabalho na cidade (centro de Estância), fruto da primeira migração de Gardênia, faz da interação entre as personagens “Útil e funcional”, “Oprimida em fuga” e “Com fome de vida nova” promover o surgimento da “Que pena, mas aprende rápido”, sobretudo para garantir a adaptação necessária para a conquista do sucesso da mudança. Sucesso esse que a faz perceber cada vez mais que é capaz de aprender, de se desenvolver e sonhar com uma mudança maior. A nova personagem surge por assim dizer, por *adaptação* de outros papéis/personagens aos novos fatos da realidade social e vai desenvolver-se mais e consolidar-se no Sudeste, em São Paulo

O tempo cronológico descrito por Gardênia não deve ser considerado à risca, mas, sim, o psicológico. Ao descrever seus 8 anos de fábrica, como operadora de máquina, existe a possibilidade de esse período ser uma associação aos 8 anos de idade, quando surge a “Gardênia - útil e funcional”, uma vez que não há coerência cronológica no todo da história, considerando-se sua idade (52 anos, na primeira entrevista em 2012), a referência à situação de ter ficado noiva e descoberto a cidade com 20 anos de idade e a menção primeira ao tempo de fábrica de 8 anos, e depois, com o de vinda à cidade de São Paulo ser de outros 20 anos “certinho”, segundo ela, quando totaliza 38 anos. Seja qual for o período de tempo cronológico em que Gardênia trabalhou na fábrica, foi um período duro, de “sacrifício” como diz, mas também de aprendizado e de reconhecimento de suas aptidões, mesmo sem dar-se conta da cultura patriarcal machista e da modernidade capitalista (só mulheres trabalhavam na linha de produção), com resquício colonial de pensamento escravocrata (feitor-chefe).

A coerência que percebemos é a dos marcos de 8 anos estarem associados emocionalmente a períodos de opressão e de muito trabalho (início de um tipo de

atividade produtiva); e os de 20 anos à mudança de vida (local e atividades). Isso vai ficando mais evidente no decorrer do restante da história. Assim, a “Gardênia – com fome de vida nova” permanece parceira da “Gardênia - oprimida em fuga”, mas, dessa vez, a mudança que ocorre é em função da perda do trabalho, do sustento de vida. A necessidade de migração também se desenvolve: do galho de maré, roça de meio de mato para a cidade; agora, para outro estado, São Paulo. Três de seus irmãos já estavam em São Paulo, sinal de que a vida nessa cidade nordestina não é considerada suficiente para a sobrevivência, e Gardênia faz sua segunda migração, vem para o Sudeste. O motivo de nem ela nem os irmãos terem migrado para outra cidade grande do Nordeste, provavelmente, tenha sido a força da imagem historicamente constituída sobre São Paulo, ainda o maior polo atrativo de migrações e imigrações do Brasil.

QUANDO INVISÍVEL, TORNA-SE SEVERINA

Como inicia sua vida em São Paulo

Quando eu cheguei aqui, eu me lembro de que eu cheguei com 150 reais... Há 20 anos...era muito dinheiro...Daí, o primeiro que me enganou, adivinha quem foi?...Meu irmão! Aí ele pega meu dinheiro e some com meu dinheiro. Diz “vou pagar”, pagar o que? Deixe pra lá!

A chegada de Gardênia a São Paulo, com tudo o que tinha conquistado em sua vida, até então 150 reais foi-lhe roubado e, por seu próprio irmão. Conforme ela cita, o primeiro a enganá-la aqui, o que indica que outros existiram. Ela afirma “ter deixado para lá”, na ocasião, mas veremos que mudou de opinião com relação ao dinheiro, que é seu de direito, como parte de seu processo de conquista de autonomia, mediante o surgimento de novas personagens.

Casa grande e... quarto de empregada

Aí eu vim aqui pra essa casa, daí, quando eu cheguei aqui, eu penei aqui por que eu não sabia lavar uma pedra, limpar um móvel, que eu nunca limpei, eu não sabia limpar um vidro, eu não sabia nada E, aí, ele me botou aqui (o irmão), e o homem veio, o homem disse assim “deixa ela aí, deixa ela aí”! E pegou minha carteira, registrou e tudo, e o homem foi embora. E a mulher, a mulher do homem não me explicou nada e, muito menos, o meu irmão, não me explicou nada nem a mulher dele me explicou nada! E, aí, eu disse “como é que eu faço?” e, aí, eu varria a casa, passava pano pelo meio e num limpava nada direito... E tudo eu achava ruim, eu achava difícil e tudo, tudo, era ruim (!)...tudo era horrível aqui dentro! Eu cheguei aqui no dia... 2 de abril de 1991? Ou foi 92?...í.. Num lembro, eu tenho 20 anos aqui...nessa base...foi em 92. Fiquei aqui,

com seis meses certinho, foi como a mulher...a dona dessa casa veio descer...eu estava aqui dentro com uns 6 meses, eu ficava sozinha naquele quartinho lá atrás, em cima...

No início da vida de Gardênia em São Paulo “é tudo ruim”. Estava novamente sozinha, sem saber o que fazer diante de uma realidade de trabalho que lhe era desconhecida e sem explicações. Novamente também as pessoas do gênero masculino definem sua vida: um tratou o trabalho (irmão) e o outro, tratou do registro (o novo patrão). A “Gardênia - útil e funcional” continua sendo solicitada, e reposta, agora em novo cenário e, em sua ótica, não tendo recursos de conhecimento para ser útil de fato. Apesar disso, tenta fazer as coisas do jeito que pode, não desiste.

A mulher-patroa

Ela veio aqui, me viu, pegou meus documentos, foi embora, disse “fica aí, toma conta da casa”, comprou um material de limpeza e.. (estalar de dedo)... por aqui...passou 6 meses certinho, Ela...com 6 meses, ela veio. Aí aqui, eu penei (!), quando a mulher chegou, eu não sabia cozinhar nada!...Nem o feijão... o feijão, eu cozinhei... deixei o feijão cozinhar demais e deixei o arroz cru. E queimado! Estava cru e estava queimado! Menina, essa mulher danou comigo! A mulher não teve nenhuma paciência, danou comigo, mas eu disse “não sei fazer, mais é nada”. Daí, eu, eu... como é que diz...eu era envergonhada, não olhava nos olhos dela, não conversada com ela...quando ela falava alguma coisa eu abaixava a cabeça e me mandava...me trancava dentro do quarto. Não enfrentava ela pra nada! E aí...o marido calado, o marido calado e quando foi um dia, o marido se aborreceu pegou ela e me chamou...e disse, assim, “olha, as duas vão ter que se combinar”, mas, eu digo: “doutor, eu não sei fazer nada aqui, doutor Paulo”. Aí ele disse assim (para a esposa) “então, você vai ensinar ela a fazer tudo; você vai ensinar a ela como é que se limpa os vidros; você vai ensinar a ela como é que.... lava as pedras, você vai ensinar tudo pra ela, principalmente como é que se cozinha...você vai ensinar pra ela”. Ela disse: “eu não vou fazer isso porque o irmão dela disse que ela cozinhasse”... digo, ela falou assim “ela disse que cozinhasse” e eu: “nunca te disse que cozinhasse!”... “eu nunca te falei que eu cozinhasse, nada!”. Aí, o homem disse assim “você vai ensinar ela direitinho”. Aí ela disse “Ah! Mas eu não tenho paciência pra ensinar ela...e não sei o quê” e a mãe dela veio de São Paulo.

Com a “Gardênia - útil e funcional”, aparece novamente a “Gardênia - oprimida em fuga”, mas cujo refúgio máximo é seu quarto de dormir. Sente-se tão acuada e sem saber o que fazer, a vergonha não permite que ela olhe nos olhos nem fale com contratante. A análise interpretativa atenta do contexto da narrativa neste e nos próximos trechos permite entender que o contato com as pessoas e a nova cultura foram processados como *inferioridade*. Ela entende comer errado, ter hábitos errados, falar errado, pois o certo, o padrão, é o modo de cozinhar, os hábitos de vida e a forma de

falar do Sudeste. Surge a presença de um “patrão-cuidador” que intervém para ajudá-la a enfrentar e superar o desafio da “mulher-patroa-sem paciência-que nunca aparece”. O mundo no Sudeste também pode ser de domínio feminino e oprimi-la. Gardênia começa a experimentar a “severinidade”.

A visibilidade do “Sul”

...Muito (palavra dita com ênfase) legal aquela senhora! – Disse, assim, “eu vou ensinar a Gardênia”, aí uma senhora, uma senhora de que? Com uns 70 e poucos anos! Já era bem velhinha!...Mas, ô mulher altona, fortuna,... Aí, ela veio, quando essa mulher chegou aqui, essa mulher me ensinou a fazer tudo, me ensinou a fazer pastel, me ensinou a fazer arroz, me ensinou a fazer bolo, aí, ela fazia assim, disse “faça tudo por essas medida”, a medida da água, a medida da comida...O café...esse bule, ela me trouxe até a panela de água do café...do tanto da garrafa, disse assim “até aqui, ôi, pega essa colher, são três colheres dessa daqui cheias (palavra dita com ênfase) no café!” A mulher me ensinou a fazer tudo, tudo, tudo tudo...me ensinou a pôr mesa, mas...a mulher me ensinou a lavar, me ensinou passar, porque eu não sabia nada, eu quando saí da roça, eu trabalhei 7 anos numa fábrica. A minha vida era operar máquina, eu não sabia mais nada, eu trabalhava de dia e dia noite na fábrica, eu chegava em casa, eu pegava um...um...caranguejo e cozinhava, um bife ou um coisa, cozinhava assim com água e tudo e comia e pronto! A minha comida era essa! Era tanto que o meu estômago estava me matando (!)... porque eu não me alimentava direito. Não sabia o que era nada (!), mais nada, nada, nada, sabe uma pessoa que penou aqui dentro, que não falava pra ninguém que penou aqui dentro...uma...foi eu...que penei aqui de-dentro dessa casa sozinha...e, por aí, fui dando.

Com a mudança do Nordeste para o Sudeste, a personagem “Que pena, mas aprende rápido”, cuja marca de surgimento é a *adaptação*, passa a encontrar um desafio maior com relação não só a uma nova forma de trabalho, em um novo lugar, mas em função da realidade cultural, de hábitos e costumes diferentes, que precisa aprender. Afinal, Gardênia já havia trabalhado como doméstica no Nordeste.

Surgem evidências da conscientização de cuidado pessoal, mas, veremos que só mais adiante é que de fato ela cuida de si. Por enquanto, a conquista é aprender a “fazer tudo”, cozinhar e a fazer serviços domésticos no modo do Sudeste; sua experiência e aprendizado no “Norte” não são nada, e ela entende que seu estômago doía por isso. Talvez sim, talvez não, pois dores de estômago surgem relacionadas também a tensões emocionais.

A vergonha de tentar tornar-se visível

Ela tornou a ir embora. A mãe me ensinou umas coisas, quando a cunhada dela veio me ensinou outras, quando o cunhado dela homem muito (palavra dita com ênfase)

maravilhoso me ensinou outras...Foram embora todo mundo(!)...ela passou 1 ano (!), de novo, sem vir...1ano!....Não sabia abrir conta em banco... Não sabia nada, aí ele (patrão-cuidador) disse “Gardênia, você tem que saber abrir conta em um banco”, disse “vá lá e converse com o gerente”, me ensinou, me explicou tudo direitinho E....aí o filho dele me disse “Gardêêênia” – era assim que ele me chamava – “para de ter vergonha e olha nos nossos olhos”...aí eu “ói” (gesto de cabeça baixa), todo mundo conversando e eu aqui, “ói” (gesto de cabeça baixa), não olhava pra ninguém! Se eu olhasse, era a morte! Não olhava pra ninguém! Aí ele disse: “olha nos olhos da gente; a gente não vai... não se intimide com o nosso olhar pra você. Não se intimide muito pelo contrário: aprenda a enfrentar o nosso olhar no seu!” E aí eu fui... Sim! É foi... Foi ele, o rapaz!...E foi o cunhado, o irmão, dela...e a mãe dele, a mãe dos dois, a...mãe dela, minha patroa.

O início de vida em São Paulo é marcado por muitas mudanças sobretudo impulsionadas pelo “patrão-cuidador”, que continua incentivando Gardênia a aprender; e também pelo “patrãozinho-rapaz”, que foi o primeiro a encorajá-la a vencer a vergonha, esta por sentimento de inferioridade, recomendando que ela enfrente os olhares. Afinal, fazer-se ver no olho do outro, por enfrentá-lo, é romper com a invisibilidade, com a “severinidade”. As três personagens principais: “Gardênia – útil e funcional”, a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” e a “Gardênia – oprimida em fuga”, interagem com mais intensidade e são confrontadas no que se entende serem seus afetos mais presentes: solidão, angústia e vergonha.

Severina sim, sentada nunca!

Eu sei que 1 ano quando ela (Tereza, a mulher-patroa-sem paciência – que - nunca-aparece) voltou... quando chegou aqui, estava tudo diferente! Ela chegou tarde da noite, eu estava dormindo. Aí, ela entrou dentro de casa, e a primeira coisa que ela...que ela olhou, foi o quarto dela, tirou o chinelo, calçou uma meia branca e pisou no chão...Quando acabou de pisar no chão, aí ela foi, levantou a meia, e a meia estava branca...Aí...ela foi dormir. Quando foi de manhã, 8 horas da manhã, ela levantou. Quando eu levantei, levantei cedinho, umas 7 e pouco...hum...não era 7 horas ainda...a dona Lina (mãe de Tereza, quem a ensinou tudo) estava acordada, estava sentada aqui fora. Nós tomávamos aquela mesinha...naquelas mesinha ali fora (mostra a área dos fundos da casa onde há plantas e uma piscina; onde estamos fazendo a entrevista)... Ela estava sentada na mesinha. Aí eu: “bom-dia, dona Lina!” (mãe de Tereza); ela, “bom-dia Gardênia! Acordou?”, “Acordei!”, eu disse: A Senhora quer café?”. Ela disse: “Quero! “Faça café pra nós tomarmos”. Aí, eu fiz o café e...eles lutavam pra eu sentar nessa mesa. Quem foi que disse que eu sentava?... Sentei nessa mesa aqui com eles? Eu nunca sentei! Nunca me sentei!

O marco do número oito continua a indicar período de desafio de opressão e aprendizado trabalhista: 8 horas da manhã. Curiosamente, ela também descreve a cena

da dona da casa (Tereza) chegando e verificando a limpeza, mas, diz que estava dormindo. Ou não estava e espiou a cena, ou ouviu o relato da própria dona da casa ou imaginou a cena da vigilância sobre seu progresso – o mais provável.

A “Gardênia – útil e funcional” e a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido”, são aprovadas e mostram ter se adaptado às novas exigências, mas a “Gardênia - oprimida em fuga” resiste, já não pensa em fugir, mas mantém-se afastada, não senta junto. Faz o que mandam, mas não se entrega! Recusa-se a alimentar a hipocrisia da acolhida, pois se existe a “severinidade”, ela deixa claro sua submissão por necessidade e não por aceitação nem concordância. O caráter da mudança e da adaptação agora é outro. Em um primeiro momento, Gardênia vai manter-se invisível, como sua posição de empregada doméstica requer, conforme ordena a nova realidade social em que está. Trata-se de uma questão de adaptação do mais fraco (inferior) ao mais forte (superior).

Por mais que existam pessoas na mesma casa que, em paralelo, comecem a afirmar-lhe sua dignidade merecida, ela começa a recusar-se a sentar à mesa quando convidada, pois o estar com o grupo tem sinalizações específicas para lembrá-la de seu lugar⁵³. Por isso, ela afirma com orgulho que nunca sentou com eles; ela cumpre à risca seu papel, mas deixa claro sua não concordância com a hipocrisia, mostra sua resistência e passa a lutar pela sua visibilidade.

Criado mudo e outras expressões

Quando acordou umas 10 horas, 10 pra 10h30 que ela acordou, e disse “Bom dia, Gardênia!”, eu disse “Bom dia, dona Tereza”... Aí ela disse, assim: “Meus parabéns!”...aí, eu disse “brigado...mas, parabéns por quê?”...bem assim...eu falava devagar, eu...eu nunca ria...nunca ria...e eles prestando atenção nisso...aí ela disse “A casa está limpa”...ou “tá tudo limpo”... “não tem mofo, não tem areia, não tem nada, está tudo limpo...gostei! Aprendeu, não foi Gardênia?”...eu digo “Eu estou aprendendo!”, aí eu comecei a conversar mais com eles, mas, pouco...só respondia só o que eles perguntavam, o que eles não perguntavam, não...No que eles não perguntavam...não tinha nada!...Eu não sabia falar direito, tinha coisa que eu falava eles não entendiam... Eu tinha que repetir duas, três vezes... eu falava muito rápido e...minha voz não saía. Eu não sei como era que eles viam... que eles diziam que não entendiam o que eu falava, não entendiam. Aí...e, por aí, eu fui!

A “Gardênia – oprimida em fuga” continua à prova, sendo abalada, pois a necessidade do salário a impedem de fugir definitivamente. Observamos também que

⁵³ É chamada para participar do grupo, na condição de estar atenta às necessidades do mesmo: trazer mais bebida, limpar algo que caiu, etc.

sua vergonha é indicada pela dificuldade de falar direito, mas, que se trata da diferença de sotaque regional, que dificulta a compreensão por parte de seus contratantes, mas que para ela é elaborado como não saber falar direito; é a vergonha por *inferioridade* que permanece. Mantém-se muda como a política de invisibilidade determina aos criados, desde a colonização; o criado não deve falar, e sim, ficar à cabeceira dos senhores atendendo às suas necessidades de apoio. Ela também não ri, mas só vai perceber isso posteriormente, embora já comece a contar que os outros percebiam.

O milagre de rir

5 anos depois...certinho 5 anos depois...foi que eu fui dar uma risada com eles, eu estava ali sentada, e eles tudo aqui nessa sala...nessa salinha, aí (aponta para a sala de dentro da casa, às minhas costas)..., eles todos aí bebendo uísque, tinha uma porção dos amigos deles, tinha um cara que morava aí de frente, um amigo dele, que até esse homem ficou a fim de mim pra caramba...um coroa altão, bonitão, mas eu nunca quis nada com esse coroa,...Aí eles estavam todos aí sentados e... eu num sei...um deles falou uma coisa, e eu achei graça, mas, foi muito engraçado, e aí, eu dei uma gargalhada. Sem querer aquilo saiu espontaneamente: “pá”! E aí todo mundo bateu palma... Aí, eu me assustei...e aí eu digo “por quê vocês”...aí, eu...aí eu olhei pro Carlos Eduardo (patrãozinho-rapaz), que eu estava acostumada com ele, aí eu digo “Viu? Por quê vocês bateram palma?”, falei com ele, “por quê vocês bateram palma?”. Ele disse, assim: “você tem 5 anos aqui, você nunca deu uma risada pra ninguém, Gardênia! E você agora dá risada?!? Isso é um milagre, é um milagre!” e daí, todo mundo levantou...eu disse (diminuí tom de voz olhando para o lado, com a mão perto dos olhos, como se estivesse surpresa, no momento da cena) “Olha Jesus, minha Nossa Senhora!”... (e com fala normal).. “Tá! se eu soubesse que era assim, eu já tinha rido pra vocês”, Aí eles disseram: “Mas, por que você riu?”, eu digo “É ele, com outro cara ali amigo dele, que falou num sei o que ali, e eu achei engraçado”. Aí, o outro disse, assim “Foi engraçado mesmo”... Bom, daí por diante eu comecei a me soltar,... mas 5 anos depois! 5 anos depois... (breve silêncio)

A “Gardênia – oprimida em fuga” continua a enfraquecer-se, já não está tão em fuga, mas ainda mantém-se firme e reservada. Sua atitude reservada evidencia insegurança, haja vista que precisa afirmar o testemunho de outra pessoa de que riu de algo, porque era realmente engraçado e só se dirige ao “patrãozinho-rapaz”, porque estava acostumada com ele. Só assim passa a se “soltar”, sente-se aceita e todos comemoram sua capacidade conquistada de rir, após 5 anos “certinho”. A palavra “certinho” aparece novamente na descrição de um evento marcante de enfrentamento e nova conquista: a surpresa de perceber que não era capaz de rir diante de pessoas para quem prestava serviços. A vergonha de Gardênia vai apresentar-se de outras formas, veremos que não desaparecerá de uma vez só. Ela percebe também, que é atraente para

homens dessa nova terra, mas frisa que, apesar de “altão”, “bonitão”, nunca quis nada com esse amigo do “patrão-cuidador”, o que acredito ser indicativo de sua resistência à normatização histórico-colonial de exploração sexual de mulheres subalternas, desde as senzalas, uma vez que Gardênia menciona o referido homem em um trecho de uma entrevista em que trata várias passagens de descrição de sua percepção da “severinidade”.

O pecado capital da preguiça

Quando... Alí...tive muitas oportunidades de estudar...e a preguiça? Por que lá eu...como lá eu trabalhada de dia e de noite o tempo todo, na roça quando eu morava no interior, e quando eu vim pra cidade também a mesma coisa, quando eu cheguei aqui, eu queria mais era dormir...dormir a noite toda! Estudar nem pensar!...e de dia, eu ficava fazendo as coisas na casa, pra não deixar nada à toa, pra não deixar nada pra ela criar...pra quando ela chega não ver nada sujo, então, eu trabalhava a semana toda, e como eles não vinham....eles quase não vinham, de dia de domingo, eu ia “zoar”...com meu irmão, na casa das cunhadas...com...no final de semana eu fazia a festa! É! Descansava. E, na semana, eu trabalhava e, à noite, dormia a noite toda. Tive muita oportunidade de estudar, não estudei, porque fui preguiçosa!

A “Gardênia – útil e funcional” além de iniciar a ruptura de sua timidez também volta a abrir espaço à ação da “Gardênia – com fome de vida nova”, que se fortalece. A primeira continua ativa para evitar problemas com a “mulher patroa sem paciência que nunca aparece”, já a segunda, dá-se o direito de descansar, de dormir às noites durante a semana, como parte de uma vida nova que deseja, e de se divertir aos finais de semana, com a família. Mas, aparece a culpa e a condenação, como preguiçosa por não ter estudado: a tensão entre as duas personagens que promoverá a transformação e o desaparecimento de uma; a tensão entre a normatividade da política de identidade, de invisibilidade e o desejo de mudança.

A trava

Eu tinha vergonha de tudo, os homens, às vezes, chegavam e começavam a perguntar as coisas pra mim, e eu não sabia responder, entendeu? Eu não sabia responder... Certas palavras que eles falavam pra mim, eu achava que eram ímorais e não eram...[...] Tinha medo... Já pensou? [...] ir pra cama com um homem? Não ia de jeito nenhum!... Chegar perto? Pra abraçar, pra beijar, pra... Vixi! Nem encostava! De jeito nenhum! Nem encostava! [...] daí, eu vim ter relacionamento com homem, aqui. Porque lá no Norte onde me conheciam, que eu era meio travada, ninguém ultrapassava, entendeu? Não me forçavam de jeito nenhum. Os daqui? Eram mais espertos. Também já era outra época, já eram outras coisas...

A criação repressora que Gardênia teve e o referencial masculino negativo de seu “pai-patrão”, cuja possibilidade de abuso sexual já se mencionou crer ter ocorrido, ficam evidentes na descrição de sua dificuldade em aceitar e ver de forma positiva a aproximação de qualquer pessoa do gênero oposto. Afinal, objeto de trabalho, útil e funcional, não tem corporeidade. A vergonha aqui descrita é por *erotização*. O moralismo e o medo misturam-se e consolidam a postura de “travada” que ela afirma inclusive ser de conhecimento daqueles que conviviam com ela em sua terra natal. A razão do respeito dos conterrâneos é questionável, porque ela mesma já narrou sobre a vigilância e ameaças de seu pai com relação a qualquer um que se aproximasse dela. A “Gardênia – oprimida em fuga”, atua não deixando ninguém “chegar perto”.

Como é que fazia, como é que não fazia

[...] Eu fui aprendendo com as meninas aqui, com as amigas, com uma vizinha que morava ali (gesto apontando à esquerda), que era deixada do marido e era nova, tinha uns 40 anos, e ela gostava muito de balada, de forró e como aqui eu ficava sozinha, ela pegava e me levava. E quando ela via que os homens se aproximavam de mim, eu fugia, ela dizia “Não faz assim, não! Assim, você não vai ter ninguém, não vai ter namorado. Você não quer se casar? Você não quer ter filho?” e daí ela começou a me explicar, eu falava das coisas que os caras diziam e perguntava “isso não é imoral?”, ela dizia “Não!” (risos)... Foi essa mulher! Porque a minha mãe, não me explicou nada, né? Nada, nada, nada, como era, como não era, como é que fazia, como é que não fazia, não explicou nada!

A dificuldade afetivo-sexual de Gardênia mostra-se também como uma das evidências da “Gardênia – oprimida em fuga”, como dito acima, que ao menos nessa área da vida, começou a receber orientações para que mudasse. Mais uma vez houve uma intervenção auxiliadora, para ensinar e orientar Gardênia, agora na pessoa de uma vizinha (“Foi essa mulher!”). Aos poucos, com o aprendizado, ela foi se dando conta do moralismo e da falta de orientação materna sob os quais cresceu.

Isso existe? Existe!

[...] você acredita que eu namorava e não tinha... Vontade? Sabe, aquela coisa que você está só com o namorado e tem o cara que quer porque quer, porque quer? Quer fazer tudo? Eu não tinha... Muito, pelo contrário, eu esfriava! [...] Na hora, às vezes, que o cara estava todo empolgado... dizia “Está acontecendo alguma coisa com você? Você está doente, está com vergonha?”. Eu esfriava, e os caras também esfriavam, né? Aí, eu conheci um rapaz do Rio de Janeiro, chamado Afonso. [...] E aí, esse homem, quando chegou aqui, eu não andava mais com a Maria (vizinha que a ajudou), andava com as minhas irmãs. Eu andava meio salientezinha, mas mesmo assim... Daí, eu conheci esse Afonso, e esse Afonso ia me explicando... Menina, ele me explicou cada

coisa! e eu dizia “Isso existe?”, e ele dizia “Existe!”. Daí, ele explicava como é... Olha, ele explicou tudo, tintim por tintim... Ele explicou coisa dele, do homem, que eu não sabia; e explicou coisa minha, da mulher... “Mas, tudo isso tem?”, “Tem!”. Tudo foi esse Afonso. Ele tinha... Na faixa da minha idade. E foi com ele que eu comecei a sentir. Comecei a namorar com ele, ficar com ele...

Vencido o bloqueio inicial de permitir a aproximação do gênero oposto, Gardênia ainda assim não havia vivido um romance, em que afeto e desejo são experimentados juntos, até aparecer uma pessoa que se posicionou também como um educador paciente, orientador e cuidador de Gardênia em uma questão aparentemente sem solução. Repete-se a expressão “Tudo foi esse Fulano (a)!”. Afonso é nominado e lembrado positivamente em suas atitudes, de uma forma que nem os pais das filhas de Gardênia conseguem aparecer em sua narrativa de vida. Com ele é que ela descobre ser possível partilhar afeto e desejo com o gênero oposto, sem condenação nem culpa e, finalmente, começa a “sentir” e, com isso, a “Gardênia – com fome de vida nova”, vai intensificar sua atuação, aumentando as chances de surgir repentinamente uma nova personagem: a “Gardênia – mãe solteira”!

O que até então parecia não existir, torna-se realidade. Aqui se reproduziu apenas o trecho essencial, mas na transcrição completa da segunda entrevista, onde ele é mencionado, aparece também seu súbito afastamento e sumiço, identificado por ela como motivo de um possível casamento. Ainda assim, ele reaparece depois em sua vida, em sua narrativa.

QUANDO SEVERINA ROMPE COM A SEVERINIDADE

Mais gente, menos útil

Quando eu engravidei da Flor-1!...6 anos, estava com 6 anos aqui...eu engravidei da Flor-1. Quando engravidei da Flor-1, nem sabia que estava grávida!...Aí eu disse “ai!...estou toda ruim...toda molenga, estou com muito sono...uma coisa ruim, vou no médico! ...Nunca mais tinha ido no médico...fui no médico, lá na Vila Rã. Quando cheguei lá, o médico disse assim: “Você está com sintoma de grávida!”. Disse: “grávida doutor?” Ele disse: “É!” Eu digo “Vixi! Nossa Senhora!”... Ele disse: “Cadê o marido?” Eu digo: “Que marido, doutor?”?... Não tenho marido, tenho é um paquera!”... ele disse: “Tem um paquera?”... Eu disse: “É!”... mas ele disse “Mas, está grávida”... eu disse “Ah... mas tá bom!”. Aí...tive a Flor-1. Tive a Flor-1 sozinha! Passaram os 9 meses, tudo aqui dentro e eles não vieram...de jeito nenhum. Aí, eu...aí eu...quem veio foi o cunhado deles e disse “A Gardênia está grávida...já em tempo de ganhar neném”, disseram “Nossa! A Gardênia engravidou e não disse nada pra ninguém?”, não disse nada pra eles... Eles nem vinham, mas a minha obrigação era ter

dito pra eles, não é não?... “Olha, doutor, estou grávida e tudo...” e aí... Eu tinha que ter falado! Mas a minha vergonha, o meu... meu acanhamento era tão grande que eu não falava nada...

O período de adaptação cultural ao Sudeste estende-se por mais de 6 anos e, com isso, há a aparente estabilização das personagens que, por outro lado, vai ser rompida bruscamente quando Gardênia se descobre grávida pela primeira vez. A personagem “Gardênia - mãe solteira”, surge da mudança corporal da identidade de Gardênia aliada à decisão, da escolha das demais personagens em mantê-la. Ou seja, surge de uma interconexão genético-afetiva entre Gardênia e o novo ator emergente no cenário (sua filha Flor-1). Isso vai custar o enfraquecimento da “Oprimida em fuga” e da “Útil e funcional” e, respectivamente, pela necessidade de manter a responsabilidade assumida do sustento da nova vida gerada e pelos limites físicos impostos. Por outro lado, dará abertura para o desenvolvimento, em um futuro breve, da “Trabalhadora e consumidora” e a “Que engole sapo porque precisa”, que vão surgir, por *intenção de autonomia*, rompendo cada vez mais com a “severinidade”: a primeira, vai se permitir consumir produtos e serviços e exigir ser tratada com respeito pelas contratantes de seus serviços, mas, por isso, ainda terá de se sujeitar, em parte, aos interesses das mesmas pela responsabilidade de manter outra vida.

Gardênia passa a gravidez sozinha, sem coragem de contar para sua família e à contratante de seus serviços. A descrição do diálogo com o médico mostra, além da perda da funcionalidade para trabalhar, a principal razão para a vergonha: sem marido, com paquera. Vergonha por *transgressão*, afinal a normatividade social interiorizada (de cunho machista e religioso) não aceita mulheres grávidas sem marido. Mas, terá de enfrentar tudo.

Menos útil, mais gente

Quando ela chegou aqui eu estava com 15 dias de parida...quando ela chegou, ela pensou que nem ia me encontrar grávida...não encontrou mais eu grávida, de jeito nenhum, mas ela chegou aqui eu estava com 15 dias de parida... Aí... a casa não estava tão limpa, porque, no último mês, eu...fiquei meia ruim...cansada...as...as costas, como eu tenho dor nas costas desde pequenininha porque eu trabalhei o tempo todo assim (curva as costas e faz pose de segurar enxada) de enxada, então, minha coluna...é meio estragada. Aí, eu... muita dor nas minhas costas, a casa estava meio suja...disse: “a casa está suja!”, quando ela viu...aí, o doutor Paulo disse assim “mas ela está parida, você não está vendo que ela está de resguardo?...Você quer que ela limpe casa desse jeito?” ... “Não vai limpar a casa desse jeito”... Aí, ela me disse “Por que você não me

disse, por que você não me disse nada?!”, aí, eu fiquei quieta...a minha ignorância era tanta que eu quis dizer assim pra ela “e era da sua conta? A barriga era minha, o filho era meu, não era seu...por que é que eu tinha que dar conta? Você não era pai desse menino!”...veio tudo isso na minha mente pra eu falar, mas dali a pouco, eu digo “não vou falar nada não....isso...isso vai pegar mal, vou perder meu emprego....deixa pra lá!”

Felizmente, mais uma vez, o “patrão-cuidador” intervém a favor de Gardênia e a defende, ajudando a conscientizá-la de seus direitos e de sua humanidade que deve ser respeitada. A “Gardênia – oprimida em fuga”, além de não mais fugir, transforma-se e faz surgir a “Gardênia – que engole sapo porque precisa”. Ela sabia que deveria ter contado aos contratantes sobre sua condição, mas, ao mesmo tempo, percebemos sua irritação por ser questionada pela “mulher - patroa - sem paciência – que nunca aparece” com relação à queda de rendimento de trabalho da “Gardênia – útil e funcional” e não pela preocupação em ajudá-la diante da gravidez e da maternidade, das dores físicas que sentia. Mais uma razão para o enfraquecimento da personagem “Gardênia – útil e funcional”: perceber-se gente.

Pagou, levou

Tive a Flor-1 de cesariana...fiquei lá....sozinha no quarto, aí a madrinha dela chegou também, e aí essa mulher começou a me ensinar...só....porque ela já tinha tido um filho, começou a me ensinar as coisas, como dar de mamar a ela, que eu tivesse paciência....e eu sem paciência nenhuma com a menina! Eu não tinha paciência nenhuma, e a Flor-1 não pegava chupeta, não pegava peito, não pegava nada e só chorava, com fome, que eu sei que ela estava com fome, e eu sem paciência nenhuma, não queria ver ninguém... porque é muito pra uma mulher sozinha! Criar família sozinha?!?! Ahhhh! Pelo amor de Deus! Eu não desejo pra ninguém! É horrível! Quando minha mãe chegou, aí a minha mãe disse assim “Ah! Você já ganhou e não me disse nada!”... Eu digo “Mãe, não reclama não! Deixe pra lá!”, eu estava com uma dor de cabeça! Eu estava com tudo! “não me reclama não, que eu não estou me sentindo legal”...ela disse “tá bem!”...Quando foi no outro dia, eu vim pra casa...Paguei meu parto todo pra não ficar lá enrolando, que eu via muitas meninas ficarem enrolando, e eu como tinha meu dinheirinho, eu fui lá e paguei tudo...exigi médico...aí paguei tudo.. foi tudo maravilhosamente...foi tudo pago...e quando é tudo pago, quando é tudo no dinheiro você é tratada assim (faz gesto de carregar bandeja com a mão), vim embora pra casa.

A “Gardênia – mãe solteira” teve de se aliar à “Gardênia – que pena, mas aprende rápido”, para enfrentar a nova situação, mas, felizmente, aparece mais uma vez alguém para ensiná-la. O afeto marcante é a impaciência, mas, pela indisposição física e pela novidade da maternidade. Por outro lado, a capacidade de exigir seus direitos

embora associada neste primeiro momento à conquista da independência financeira e não à sua humanidade. Assim, vemos que a “Gardênia- útil e funcional” começa a transformar-se na “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, que paga seu próprio parto e faz exigências. A personagem “Que engole sapo porque precisa” vai se firmando, seguida da “Trabalhadora e consumidora”, pois mais do que nunca Gardênia tem de manter seu emprego, embora a decisão da maternidade tenha provocado uma mudança efetiva na avaliação da relação *necessidade – submissão à opressão*, uma vez que ela já aprendeu a como ser contratante e o que avaliar e exigir com base no dinheiro pago, que custa ser ganho. Podemos dizer que ambas surgem por *intenção de autonomia*.

Tudo doía

“...com um mês certinho, eu comecei a limpar essa casa, porque a menina que eu botei aqui, a menina não limpou...como ela estava comendo meu salário, porque eu dava meu salário pra ela, e ela não limpava a casa...ela não limpou... Eu lembro que ali tinha uma máquina de lavar... aonde tá essa da dona Virginia (atual contratante) e quando eu fui passar a mão, estava da cor da tela, desse gravadorzinho (ela aponta para o celular da cor cinza chumbo), e, eu digo, “Jesus do céu! A casa tá suja!”...e tudo meu doía (!)...que foi um corte de lá pra cá (aponta a própria barriga, da esquerda para a direita)...tudo meu doía...tudo meio inchado...meio grosso...muito ruim, pra caminhar era horrível(!)...e a Flor-1 me exigia muito (palavra dita com ênfase), comia muito! E eu...pra subir essas escada? (aponta para a escadaria de três lances no meio da casa) Inflamou... é corte, é cirurgia, inflamou tudo...com...um mês e pouco eu voltei pro médico e o médico disse “como foi que você inflamou essa...sua cirurgia, essa cirurgia estava ótima...” – o mesmo médico – ele disse “como foi que você fez isso?” e eu digo “Doutor...se eu contar a minha vida, eu sou mãe solteira, eu trabalho em uma casa de caseira, e eu tenho que tomar a casa e, ele disse, “a casa tem escada?”, eu disse “tem três escadas” e, ele disse, “não suba nas escadas”, e eu disse “quer que eu perca o meu emprego? Agora com uma filha pra criar?...Vou subi, sim!” Ele disse: “Mas tome o maior cuidado do mundo!”

A “Gardênia – mãe solteira” e a “Gardênia – que engole sapo porque precisa” unem-se apoiadas na responsabilidade da maternidade e desenvolvem mais resistência, o que permite o fortalecimento da “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, que verifica a qualidade do serviço que contratou de uma outra diarista e preocupa-se com o dinheiro gasto. Permanece a ação periódica de alguém que oferece apoio e compreensão, apesar daqueles que continuam indiferentes à sua humanidade, e Gardênia ganha força. Novamente, a palavra “certinho” vem descrever um evento desafiador afetivamente e marcante.

Meio a meio

Nisso, a dona Tereza desceu e, desceu e encheu essa casa de gente e eu com 1 mês e 15 dias de parida...a mulher me desce, e eu sem poder fazer nada! Aí, eu ia pro fogão, deixava a Flor-1 lá chorando, dava peito, dava peito e, daí, ela ficava lá quietinh. Dali a pouco danava a chorar...muito quente, que ela nasceu em outubro, no final de outubro, foi horrível, e a menina era bem branquinha, bem branquinha, e ficou toda vermelha de...de brotoeja, ficou horrível, ficou horrível... e ela chorava demais...e eu, eu nessa cozinha, um calor infernal neste fogão, mas cozinhou....tinha pra mais de 50 pessoas aqui dentro...era um barulho! Dor de cabeça que eu não sei como eu não morri, não morri louca... e eu, tudo isso enfrentando...tudo isso enfrentando, tudo isso enfrentando!

Ai, quando foi uns 6 meses, 1 ano, minha mãe disse assim...por que você não compra algum barraco, alguma coisa pra você? Você não vai ficar aí todo o tempo...Você está se enjoando muito com a dona da casa...Aí eu fui e comprei meu barraquinho...e aí construí uma casinha...fui construindo já com, a Flor-1... Era com a Flor-1 e construindo a casinha,...e fui lutando, fui lutando, fui lutando e... construindo e fui...e, trabalho, sempre nesta casa (casa dos contratantes)...essa casa me deu de um tudo, essa casa...foi muito boa, ela me deu de um tudo! Tá vendo?... Ela me deu muitas coisas pesadas, muita... como é que eu vou dizer...muita tristeza, muita raiva umas horas, muito desgosto, mas também me deu muitas alegrias, muita paz....tudo...foi dividido, foi dividido, foi meio a meio.

A tríade “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – mãe solteira” e a “Gardênia – que engole sapo”, porque precisa adquirir a primeira conquista: a construção de uma casa própria. Cresce o fortalecimento de Gardênia e o reconhecimento de tudo o que viveu desde a sua chegada a São Paulo; a casa onde trabalha gerou mudanças, conquistas e o enraizamento da Gardênia (assim como o arbusto que se encontra no jardim, cujo nome ela tomou como pseudônimo). Uma das mudanças foi a capacidade de ficar e enfrentar as situações e conquistar o que precisa. Se, no início de sua narrativa, a vida não era vivida, mas era enfrentamento, agora passa a ser luta para aquisição. Ela colocou em prática o aprendizado, respectivamente, na relação com o hospital (pagamento do parto), com a mulher que contratou para limpar a casa enquanto ela estava hospitalizada e, agora, com a compra da casa própria. Gardênia está em meio à ruptura da “severinidade”, está se tornando visível.

Ou capa, ou morre

E eu fiquei por aqui, e daí engravidei dessa (aponta Flor-2, brincando no quintal), aí Jesus! Dessa, eu não queria sair grávida... Meu Deus, me perdoe! Minha filha hoje é uma ótima companheira, minha companhia pra tudo que é lugar, tem hora que eu grito com ela, mas é minha vida a Flor-2. “Vem aqui, eu quero isso, eu quero aquilo”, ela faz, ela me ajuda, diz “mãe, quer alguma ajuda?”, é boa aluna, é boa filha, é tudo! Mas, eu não queria, quando disse que eu estava grávida, eu disse “Jesus, pra onde é

que eu vou grávida? Pra onde é que eu vou grávida”, maldito... Pra onde é que eu vou grávida, e eu me xingava, me batia...daí fui pro doutor de novo, disse “Doutor, estou grávida de novo!”, e ele disse, “Vamos botar esse menino pra fora!”. Daí, eu digo assim, “Doutor, dessa vez, me cape!... Se o senhor não me capar.... Que eu queria me capar da Flor-1, e o senhor não deixou”, pois foi o médico que não deixou. Eu tinha 38 anos! Pra que eu queria mais? Aí ele disse “quem tem um filho, não tem nenhum”. Foi quando...eu disse: “Se o senhor não me capar, eu juro que eu mato o senhor!”, ele disse “Não, não! Dessa vez, eu vou capar você, não se preocupe”. Daí, dessa vez ele foi lá, fez a minha laqueadura... eu digo “Nunca mais eu quero filho na minha vida!”

Apesar do susto de uma nova gravidez, a “Gardênia – mãe solteira”, não se sente mais solitária depois da chegada da Flor-2 e de seu crescimento e das atitudes de filha dedicada, obediente e acompanhante em suas tarefas. Há um reflexo atenuado de repetição do modelo familiar aprendido na primeira infância por Gardênia, quanto ao cumprimento de ordenanças e obrigações. O médico permanece sendo um apoiador e orientador, embora tenha recebido a manifestação de agressividade de “Gardênia - trabalhadora e consumidora”, exigindo que seu desejo de consumo (a laqueadura) seja atendido, que se entende ser um desabafo com alguém em que ela confia e sente-se à vontade e não oprimida.

Os pais de suas filhas

Eu conheci o pai da Flor 1, mas, aí eu já estava... Sabia de tudo, como era, como não era, tudo bonitinho, tudo certinho [...] Aí, eu comecei a curtir, a gostar do namoro, “É bom, é diferente!”. Me apaixonei pelo pai da Flor 1, também porque ele era um cara calmo, moderno, sabia conversar e tudo... Era bem um cara legal! Conheci o pai da Flor 1, fiquei com o pai da Flor 1 durante 1 ano, 1 ano e pouco... Quase 2 anos com pai da Flor 1.

Quando eu engravidei da Flor 1, ele me ligou. O Afonso. Aí, quando ele ligou, [...] Eu vou pra aí, pra casa da minha irmã, posso ir aí?”. Eu disse “Não! Porque eu estou casada.” [...] eu disse “Eu não ia esperar você! Você deixou de ligar, deixou tudo! Você sumiu, nunca falou em casamento comigo!... Eu estou casada, e estou esperando um filho. Estou esperando uma menina”. Aí, ele disse “É! Meus parabéns”. Mesmo assim, ele me ligava. Dava volta e meia, ele estava me ligando [...] dizia “Vamos nos encontrar, vamos nos encontrar! Vamos nos ver!”, aí, eu dizia “Não, não, não!”. Eu tinha medo de me encontrar com ele, não sei por que eu tinha medo de me encontrar com ele! [...] Não sei por que eu tinha medo de me encontrar com ele... Aí eu fiquei com o pai da Flor 1 por um tempo, depois o pai dela foi trabalhar e... foi trabalhar lá para os lados de Bertioga, e um dia ele me ligou, em um dia de domingo, de tarde, e dizia que não estava bem e que não vinha para o aniversário da Flor 1. A Flor 1 estava com 1 aninho. Desse dia pra cá, foi a última vez que ele me ligou...

Após Afonso, Gardênia abre-se efetivamente a outros relacionamentos, agora com vontade e escolha. Envolve-se sem barreiras morais e engravida de sua primeira filha, reconhecendo-se casada, mesmo sem qualquer compromisso documentado. Ela não entende porque tinha medo de reencontrar Afonso, mas pelo compreendido até o momento, percebe-se um misto de medo de transgredir moralmente, já que “está casada”, e de reavivar a paixão por Afonso e sofrer outra perda. Tanto ele como o pai de sua filha decidiram sumir repentinamente, quando ela se dedicava exclusivamente a cada um deles, mas Gardênia não expressa de modo direto seu desapontamento, e sim de forma reticente, silenciando a fala. É a atuação integrada da “Gardênia – com fome de vida nova” com a “Gardênia – que engole sapo porque precisa”.

Primeiro mãe, depois mulher

[...] 2 anos depois o Antônio disse que viu ele [...] Disse que quando falou na filha, ele correu! Se mandou! Entendeu? Aí criei a minha filha sozinha, depois arrumei o pai da Flor 2, fiz a Flor 2 e disse “Vou ficar arrumando homem e arrumando filho? Vou parar com isso! Isso está horrível né? Arrumo homem, faço um filho; arrumo outro, faço um filho? [...] Também depois da Flor 2, eu dei uma travada. Namorei uns dois ou três, depois parei! Tem uns 6, 7 anos que eu não tenho relação com homem nenhum. [...] Não sinto nada... A gente lembra! A gente lembra! (risos) Às vezes, eu penso assim “Caramba! Eu podia sair pra dar uma namoradinha, não era?” Podia comprar umas camisinhas, e pôr na bolsa e sair por aí... Já achar namorado, coisa que não acho! [...] Quero viver com ninguém, não! Para trazer pra dentro de casa, eu não trago, por causa das minhas duas filhas, que estão mocinhas tudo bonitinha, e o cara chega pra ficar comigo e vai querer ficar com a mãe e as filhas? Nem pensar! [...]

O pai da segunda filha de Gardênia mal é mencionado, mas visita a filha periodicamente até hoje e colabora de modo esporádico com seu sustento e criação, informações essas anotadas no diário de campo, de um comentário breve feito por Gardênia, após a segunda entrevista. Mas, o principal a destacar aqui é que, além de Gardênia ter aprendido a viver sua sexualidade com prazer, conscientizou-se também de que cabia a ela evitar ter mais filhos, já que ficava por criá-los sozinha. O despertar do feminino em Gardênia desenvolve-se cada vez mais com base na experiência do prazer afetivo-sexual e da maternidade.

Na época do nascimento de Flor-2, Gardênia pediu ao médico e fez a laqueadura, como já apresentado. Assim, entendemos que a travada que ela deu e menciona aqui, refere-se às decepções com os envolvimento afetivos. Ela decide ficar só, pois não quer dar uma namoradinha (entenda-se ter relações sexuais) apenas; ela

quer achar namorado, um companheiro afetivo, para além do sexo, o que é diferente. A “Gardênia – mãe solteira” também quer proteger suas filhas da possibilidade de abuso sexual, caso ela coloque um companheiro dentro de casa.

Deus no céu, coragem na terra

...e, aí, eu fui quebrar a minha cabeça com ela...com elas duas...O salário aqui diminuiu...porque eu ganhava quase dois salários, com as duas meninas o homem cortou um salário, só deixou um porque ele ficou doente e aí ele precisava do dinheiro pra se cuidar...pra doença dele (um câncer maligno), pro tratamento dele. E, aí, eu fiquei com as duas meninas e um salário-mínimo só...e construindo a casa...aí eu vi peso, aí você não sabe o que foi passar na minha vida... Aí, tinha dia que eu olhava assim pro céu... era um desgosto assim tão grande que eu chorava, eu chorava, eu chorava...aí, depois, eu dizia “Meu Deus me dê força!”. Eu comecei a me apegar com Deus, “Meu Deus me dê força”, eu ia pra Igreja, eu ia...eu rezava sozinha em casa, eu orava sozinha em casa, eu me pegava com Deus o tempo todo, eu só pedia “Deus me dê força”! “Deus me dê saúde e me dê força”! “Deus me dê saúde e me dê força”, “e coragem e coragem e coragem coragem”, e, tudo isso, ele me dá até hoje!...

Continuando sua narrativa de enfrentamento e conquistas, observamos como foi difícil a trajetória de Gardênia. A angústia e a solidão não foram vencidas facilmente, mas, com luta e mudanças, sempre. Neste novo momento intenso de angústia e falta de perspectiva e de soluções, aparece a busca pelo extraordinário, para dar-lhe coragem, pois do ponto de vista humano, ela não tem perspectivas: trabalha muito, tem duas filhas para criar sozinha e sua saúde não é perfeita. Agora, ela afirma ter se apegado a Deus e entendemos que aqui surge efetivamente a “Gardênia – fervorosa”, que precisa de forças, saúde e coragem. Se a coragem apareceu em um primeiro momento na narrativa de Gardênia sendo tomada por empréstimo de um noivo para enfrentar a normatividade dentro do grupo familiar e romper, sobretudo, com as relações escravocratas, agora aparece tendo de ser desenvolvida por ela mesma, para enfrentar a normatividade social quanto aos padrões de relações do trabalho assalariado. Podemos dizer que o surgimento da personagem “Fervorosa” deu-se também por *intenção de autonomia*, diante da limitação da atuação das personagens/papéis de Gardênia que a impedem de suprir suas necessidades materiais.

O “patrão-cuidador”, que antes era símbolo de proteção, de garantia material e justiça na vida de Gardênia, reduz seu salário indevidamente, ignorando as necessidades dela, pois ele está doente, prestes a sumir definitivamente da vida de Gardênia. Aqui também podemos perceber que a redução salarial que Gardênia sofreu, indica que

estava registrada em carteira (como disse no início) com um valor e recebia outro por fora ou que antes houve a baixa na carteira e sua situação era de informalidade. A “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido”, a “Gardênia – com fome de vida nova” e a “Gardênia – mãe solteira”, vão ter de reagir; a “Gardênia – que engole sapo porque precisa” vai ter de mudar ou desaparecer.

Fome de Vida

[...] E lutei! Depois saí daqui, fui me embora morar lá (palavra dita com ênfase) num barraquinho lá dentro da favela. Fiquei numa casinha deste tamanhinho (palavra dita com ênfase), enchendo de água, quando a chuva tava lá no céu, eu olhava a casa a água tava pelo meio d'água! Eu perdi guarda-roupa, eu perdi cômoda... [...] As pessoas me davam, e eu punha na casa... Daí, a chuva vinha, e acabava! Aí eu ia nas Casas Bahias, fazia cada carnê, de cada prestação pra pagar com 2, 3 anos! Antes de pagar, não tinha 1 ano, a chuva vinha... E cadê dinheiro pra eu aterrar a casa, cadê dinheiro pra eu... Mas, menina! Foi uma vida! [...] Eu não ia nem pedir pra minha mãe, muito menos, pros meus irmãos... E eles chegavam “Gardênia, tá tudo bem?” digo “Tá tudo bem.”. Quantas vezes eu fiquei com fome pra deixar comida pra elas! Eu morrendo de fome digo “Se eu comer esse pão, eu dou o quê pra elas?”... Sobrava um pouquinho de café, um pouquinho de açúcar, eu dizia “Eu tenho que deixar pra elas!”.

Ao falar da experiência de passar fome pela primeira vez em sua vida, Gardênia descreve a vivência da política de identidade de invisibilidade, típica da realidade brasileira da população de baixa renda, em que se tem um “não cidadão”, um consumidor, que permanece em condições precárias de moradia, de alimentação e de saúde, etc. Nesse momento de recordação, aparece a fome como o que colaborou para que a “Gardênia – mãe solteira”, a “Gardênia – que engole sapo porque precisa”, a “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – com fome de vida nova” e a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” interagissem para a mudança da realidade vivida e preparassem a vinda posterior da “Gardênia – guerreira poderosa” e da “Gardênia – com vida nova cuidando de si”. Ela ainda não consegue pedir ajuda, falar, mas, diante da fome vai ser inevitável que aprenda. O sentido da vida é luta para conquista de recursos.

Toma que o filho é seu!

Sabe o que era que eu pensava? Olha o meu pensamento! [...] “Se eu for pedir o que é que eles dizem? ‘Eu te fiz filho? Eu não fiz o filho em você! Você arrumou filho, então, se vira!’”. Então, eu tinha vergonha da pessoa chegar e falar pra mim isso – um irmão, uma irmã ou a minha mãe – falar isso pra mim e eu morrer de vergonha e não saber responder e, no fundo, eles tinham razão! Eles não me deram o filho, eu arrumei! Então, eu que me virasse! [...] Eu passava cada (palavra dita com ênfase) necessidade, mas cada (palavra dita com ênfase) coisa! Eu me lembro que eu comprei um sutiã pra mim, quando eu tava solteira, que a Flor 1 nem existia, e eu fiquei com esse sutiã até esses anos... A Flor 1 tinha o quê?... Uns 12 a 13 anos já! E eu tava com os mesmos sutiãs! Com as mesmas calcinhas... Graças a Deus que os homens inventaram essas roupas que não rasgam de jeito nenhum! Que essas roupas são maravilhosas, isso não acaba nunca!

Perda sobre perda fará das necessidades de Gardênia a força para ter de pedir ajuda, falar e manifestar-se. A vergonha aparece novamente, mas agora, em transição de contexto entre ser por *transgressão* (mãe solteira) para ser por *incapacidade* (de prover tudo de que precisa e de pedir ajuda). Ela vai precisar da coragem, como já dito, para romper com a normatividade social interiorizada (moralismo machista e religioso) quanto à sua conduta (tornar-se mãe solteira), perante a família e perante os contratantes de seus serviços, para pedir ajuda. Definitivamente a “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido”, a “Gardênia – com fome de vida nova” e a “Gardênia – mãe solteira” vão ter de reagir.

O princípio é o verbo

[...] Às vezes, quando eu ia trabalhar, fazer faxina na casa das mulheres, eu tinha vergonha de pedir, porque tinha muita comida na geladeira, tinha muita sobra que, às vezes, a dona não queria e, às vezes, ela chegava e “Ah! Limpa a geladeira aí e joga fora! Não quero, não!”... E agora? Eu queria dizer pra mulher “Não joga fora, não! Me dá!” porque tava tudo são! Tava tudo bonzinho, não tinha nada azedo, não tinha nada podre, não tinha nada passado! (breve silêncio) Eu jogava, não pedia! Chegava no caminho eu dizia “Mas, por que eu sou tão burra!?! Por que é que eu tenho tanta vergonha de pedir as coisas pras pessoas?”. Aí eu pedia “Deus, me dá coragem! Me dá coragem pra eu pedir! Pra eu chegar nas pessoas e dizer ‘Não joga fora, não! Me dá!’”. Aí, eu comecei... Quando eu chegava em casa, que eu via elas, que eu ficava chorando de fome pra dar comidinha pra elas... Quando eu chegava na casa das patroas eu dizia “Por que a senhora não de dá?”, “Você quer levar?” – admiravam-se quando eu pedia! – eu dizia “Se a senhora me der, eu levo, tenho duas filhas, não tenho marido, não tenho ninguém!”. Já tinha aquelas que já tavam conhecidas de mim, já me deixavam, já feita. Elas diziam, assim, “Olha, leva pra suas filhas, leva pra você!”. Aí, começaram a dar roupas, a dar sapato, tudo que sobrava, mas não era só usado, não! Começaram a dar novo (palavra dita com ênfase), pra elas (palavra dita com ênfase)! Aí minha vida foi mudando, foi mudando, foi mudando, foi endireitando; elas foram

crescendo, foi mudando, foi endireitando, que hoje em dia, o que eu posso dizer: Sou uma mulher realizada! Hoje, em dia, eu tô realizada! Eu tenho a minha casa, já posso ajudar as filhas...

Nesse processo de mudança, entrou a “Gardênia fervorosa” em ação mais uma vez, associada às demais personagens supracitadas. Diante do aparente impossível, só recorrendo ao extraordinário, pedindo a coragem necessária. Novamente, Deus é evocado, mas, curiosamente, o agir é de Gardênia, e não há a espera de um milagre externo a si e sobrenatural. Ela não entende porque tem tanta dificuldade de pedir, tanta vergonha, mas sabe que é algo dentro de si que precisa: coragem! As vergonhas por *inferioridade, transgressão e incapacidade* misturam-se. Ela ainda denomina as contratantes de “patroas”.

A pressão diante das necessidades cresce e, finalmente, ela fala. Aprende a verbalizar suas necessidades, a falar do que precisa. E sua vida foi “mudando”, “endireitando”. Hoje, ela reconhece o momento crucial que viveu para a mudança que se manifesta em realização, pois, além de ter vencido a barreira da vergonha e não passar mais necessidades tem ainda a possibilidade de ajudar às filhas. Na verdade, ela rompeu com sua invisibilidade, com a “severinidade”, por meio da parte da normatividade social interiorizada que a impedia de falar das necessidades que tem com o intuito de saná-las, vencendo as vergonhas por *inferioridade, transgressão e incapacidade*. Essa ruptura e suas conseqüências vão ficar mais evidentes apoiadas na intensificação do exercício da fala de Gardênia, que irá vencer ainda uma última vergonha – por *insegurança* - de falar o que pensa e defender suas opiniões. Mas, novas personagens precisarão surgir para isso.

Promoção de vida

[...] Eu comprava leite Ninho pra elas; elas passavam mais (palavra dita com ênfase) de 1 mês e meio com uma (palavra dita com ênfase) lata de leite Ninho! Ninho de... De 800 gramas, que não era nem um quilo! Tá vendo? Hoje em dia ela (Flor-1) compra uma lata de mais de quilo, acho que é 1Kg e 200, parece, a menina (Flor-3) vai... Um mês só! Comigo, uma lata de leite daquelas levava uns 2 meses! Por que é que elas são magras? Eu punha um tantinho (gesto com dedo polegar e indicador, mostrando pequena porção) assim só de leite! Eu punha mais farinha do que leite. Era pouquíssimo, pouquíssimo, pouquíssimo! Era só pra dizer que tinha leite. Aí punha açúcar, comprava açúcar... E, até hoje! Até hoje eu vivo nos supermercados comprando nas promoções! Eu vivo naquele Extra comprando as coisas na promoção. Quando tem promoção de açúcar, eu compro açúcar; quando tem... Eu como azeite na minha casa! Eu tenho azeite! [...] Eu sempre tô fazendo as minhas coisas na promoção. Açúcar na

promoção, fruta só compro na promoção, tudo na promoção! É uma diferença imensa! Eu aprendi a viver! Aprendi, o que eu não sabia!

A interação das personagens de Gardênia evidencia vários aprendizados e mudanças, que se refletem inclusive na vida de sua neta (Flor-3), já mencionada aqui, mas, em cuja cronologia aparecerá mais à frente. Destaca-se aqui, sobretudo, a interação da “Gardênia – trabalhadora e consumidora” com a “Gardênia – mãe solteira” e a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido”. Ela aprendeu a viver. Viver é também saber otimizar recursos, para melhor qualidade de vida, e não só lutar para conquistá-los. Com isso, a “Gardênia – com fome de vida nova” vai começar a se transformar, para futuramente, surgir a “Gardênia – com vida nova cuidando de si”.

QUANDO SE PERCEBE DESATOLADA

Como eu era

O de Piauí mora lá na Enseada. O outro morava cá em Bertioga, mas agora não sei por onde ele anda. Esse é baiano. Eu não sei por onde esse homem anda! Já procurei saber, porque eu queria saber...pra falar...pra conversar com ele, pra falar sobre a Flor-1...Mas, não acho jeito...e como eu não tenho o nome dele completo pra entrar na internet, pra descobrir... Aí, danou-se! Porque... naquele tempo...olha...olha como eu era burra, atolada há 14 anos atrás: o homem vivia aqui comigo e qual era a minha obrigação? Não era pegar o documento dele tudo direitinho?... Hoje em dia eu descobria quem ele era, como era o nome dele, como era o...tudo direitinho, certinho... “Por que é que eu não fiz isso há catorze anos?”... Não estou dizendo que eu era atolada?!? Era muito atolada!!! Mas, onde eu fui criada, ainda eu vim trabalhar na cidade, eu vivia dentro de uma fábrica enooorme...e fechadona! Com muita gente, mas cada qual com sua repartição! ... Eu não conversava com ninguém... e as pessoas também, era como... Era muuuito atrasado, ninguém não olhava muito em ninguém, era tudo...era tudo retrógrado, era tudo pra dentro de si mesmo... Foi com essa fábrica é que eu fui tirar documento, eu não tinha documento... nenhum... Eu não tinha documento, aí foi quando eu fui tirar a carteira de identidade, a carteira de...profissional,... Foi tanta coisa que eu fui tirar!...O CPF, título de eleitor... que eu não tinha nada disso! Nada disso eu tinha! Nada, nada, nada...Fui começar por aí... Comecei por aí... Foi nessa fábrica em que eu comecei... Está vendo?... Mas, mesmo assim eu fiquei... atolada até 2005, 2006... Foi quando eu entrei na escola, que a escola me botou pra frente! ...

Ao falar dos pais de suas filhas, Gardênia pensa como era e usa um termo interessante (atolada), que denota associação com estagnação, com estar preso em um estado/modo de ser, sem iniciativa, sem movimento, sem mudança. Fala do padrão de sua criação e de todos em sua terra, exemplificando os funcionários da fábrica onde

trabalhou. Ausência de diálogo, de ação comunicativa, que ela expressa como as pessoas serem retrógradas, atrasadas, ficando dentro de si mesmas. Ela também diz que “ninguém olhava muito em ninguém” – a dificuldade do “olho no olho”, de enfrentamento, que ela já descreveu sobre si mesma na relação com as pessoas da casa quando chegou a São Paulo. É o retrato das pessoas subjugadas à política de identidade de invisibilidade. Mas, até aqui, sobretudo a “Gardênia – mãe solteira” já surgira, e com a “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” tendo desatolado em definitivo a Gardênia que proporcionaram outras mudanças e personagens a ponto dela saber, hoje, que poderia e deveria ter reivindicado o registro da paternidade de suas filhas. Observo ainda que, por meio da fábrica, de seu primeiro emprego formal, Gardênia adquiriu documentos - primeiros referenciais de sua pessoa (segundo a normatividade social), onde começou a mudar. Mas, destaca o que a fez desatolar, ser posta em movimento, para frente, mudando a forma de pensar: foi a escola.

Escola da vida

E segurei tudo quanto foi trabalho, tudo quanto foi desaforo, tudo que foi de cara feia, tudo que foi de passamento na cara, que nego passava, que nego dizia...ah!...nego dizia, assim, “eu estou te pagando pra fazer isso, faça!”... “Eu não estou te pagando? Meu dinheiro não é de graça, não, querida! Faça, é pra você fazer!”. E aí eu “tudo bem, vou fazer!”; e eu metia a cara e fazia mesmo! E, aí, eu comecei a fazer as coisas de...por mim mesma. Eu via as pessoas como iam fazendo, como iam falando, e eu fui aprendendo a falar,...eu aprendi a ler nas revistas...,assim, nos livros...eu via uma coisa...uma pessoa bonita...aí, um artista bonito...e via o nome do cara embaixo, só que eu não sabia qual era o nome. E, aí, eu comecei a soletra de letra em letra, pra saber o nome da pessoa...quando pensei que não, eu estava lendo! Eu fiquei boba de ver que uma pessoa que nem eu estava lendo! [...] Sem ir pra escola nenhuma, eu comecei a ler....tá vendo? Me...me interessava por uma reportagem, às vezes eu via uma cidade, uma coisa, ou algum desastre...que acontecia lá fora, e estava...estava aquela parte, aquele textozinho ali, de quatro-cinco linhas, pequenininho...eu digo “mas eu tenho que lê!”, “quando foi que aconteceu, quando foi que aconteceu isso? Está a data aqui”, a data, eu sabia que data era porque o número eu sabia, mas eu não sabia como foi que começou como foi que terminou... Aí eu comecei a ler. E, aí, quando elas cresceram, que essa daqui (Flor-2, a caçula que está no quintal) ficou com 8 anos e a de lá (Flor-1, que está na casa de Gardênia) tinha...tinha 10, eu disse “agora as duas ficam em casa que a mamãezinha vai estudar!”... “vai mesmo mãe?”, eu digo “vou (palavra dita com ênfase)!”...

A tríade “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – mãe solteira”, a “Gardênia – com fome de vida nova” e a “Gardênia – que engole sapo porque precisa”

aparecem novamente em ação conjunta em conquistas: Gardênia pegou outros serviços para sustentar suas filhas e sair da dificuldade de ter tido sua renda reduzida pela metade, e Gardênia – com fome de vida nova é fortalecida pelas outras personagens e em meio ao trabalho e as pessoas que surgem em função do mesmo, vai aprendendo por conta própria a falar como as pessoas de São Paulo, sobretudo as contratantes opressoras e a ler. O marco dos 8 anos, que indica início de nova etapa de desafio aparece aqui na idade da primeira filha mencionada. Cronologicamente, conferimos depois que os números, datas, não batem, mas repete-se o marco de desafio novo, um trabalho a enfrentar, agora na escola. É interessante observar os reflexos da política de identidade também na descrição de que ficou surpresa pelo fato de uma pessoa, como ela estar lendo sem ter ido à escola. Ela foi descobrindo cada vez mais seu potencial, sua capacidade, e a escola teve um papel fundamental nisso.

Chegando lá

O que me animou a tomar a decisão?...Elas! Por que o quê...é...elas faziam... (Gardênia emocionou-se e não conseguiu falar por mais de 30 segundos. Seus olhos encheram-se de lágrimas rapidamente; pausa de 10 minutos, para ela tomar um copo de água e se recuperar da emoção.) [...] O que me levou a estudar foram elas, porque elas chegavam em casa com um texto, com lição pra fazer, e...cadê eu (?) saber explicar as coisas pra elas, nem pra elas...e como é?...ter paciência com elas, e eu leio junto com elas, explicar pra elas como elas respondiam, como é que elas não respondiam...Muitas coisas eu não entendia, eu não sabia o que era, por que eu lia revista, eu lia jornal, mas era só isso!... Não é coisa de escola! Coisa da escola é bem (palavra dita com ênfase) diferente! E como é diferente! E sabe de uma coisa, eu digo “eu vou é estudar!”... “mãe, a senhora vai mesmo?!”. As duas ficaram felizes da vida, “mãe, a senhora vai mesmo?!” eu digo: “vou estudar!”. Fiz a inscrição no colégio “Ari”... [...] Aí, meu Jesus! Como eu enfrentei resistência, como eu vi resistência na...na...no...estudo (!). Nossa Senhora! Tudo era difícil, tudo era difícil... as pergunta que os professores faziam eu não sabia responder...e tinha uns professores que não tinham paciência, mas tinha uns que eram... que são camaradas, são amigos, e aí explicavam direitinho, conversavam...como...a gente ficava nervosa eles vinham e diziam, assim, “Não, não vai fica nervosa, não! Fique tranquila, que você chega lá. E você é boa aluna.” E, aí, eu fui chegando lá; aí, eu vim, quando ela chegava em casa com alguma coisa, eu já tinha alegria de responder pra elas, de ler pra elas...aí ela dizia assim “Mãe, como é que eu faço isso?”, aí: “tá perguntando isso assim, assim. Com...qual é a resposta?”, aí, eu parava e pensava...e...e aí eu dizia “O que você entendeu? Me diga o que você entendeu.”. Aí, ela dizia o que entendia, e o que não entendia; eu dizia “Não é isso assim-assim, não?”, e aí elas faziam, e aí eu dizia “Ai, meu Deus! Será que eu estou fazendo errado? Acho que não! Não estou fazendo errado, não!”. Já eu para professora e a professora dizia “Não, tá certo!”.

A “Gardênia – com fome de vida nova” alia-se à “Gardênia – mãe solteira”, vontade e satisfação própria unem-se ao cuidado materno e modelo a ser seguido pelas filhas. Cada vez mais, observamos a capacidade de Gardênia, sua inteligência e fortalecimento para vencer desafios e ir em busca do que necessita e quer, mas, não só para si. A escola foi tempo de gestação e surgimento de outra personagem, da “Gardênia – que ensina e aconselha”. Ao ir para a escola, veremos que Gardênia fortalecerá essas personagens que marcam profundamente a sua vida e a de quem conviver com ela, não só as filhas.

Provavelmente, mais uma vez, a Gardênia – fervorosa vai ter de entrar em ação para apelar ao extraordinário, que já aparece em suas expressões, pois está diante de um novo desafio, encontrando resistência, uma dificuldade de nova etapa de aprendizado e precisa vencer sozinha, no sentido de que ninguém pode fazer por ela. Mas, também se vê, novamente, pessoas que compreenderam seu limite como momentâneo, acreditaram em sua capacidade de vencê-lo e a ajudaram a fortalecer sua estima.

Caminho sem volta

Quando eu cheguei na quinta série, eu passei pra quinta série eu fiquei feliz! Quando chegou na sexta...na sexta série, com o miolo tampado, mas passei! Aí...eu fui passando aos poucos... quando chegava no mês, eu dizia assim “eu não vou pass..se eu não passar, seu não passar não vou continuar!”. Deus me ajudava, eu passava. Passava tranquila. Aí, eu fui indo, fui indo, fui indo,... quando chegou pra fazer o primeiro, o segundo e o terceiro...eu... “será que eu vou aguentar?”. Aí...aí eu lembrava delas...eu dizia “se eu, se eu volta pra trás, se eu parar, se um dia elas quiserem parar eu não posso dizer ‘estude’, porque eu parei”. Então... “Gardênia, você vai até o fim!...Não é hora de você voltar. Vá em frente!”. Aí, eu fui em frente!, tá vendo? Aí, eu fui em frente, e eu nunca repeti – graças a Deus! – mas não era muito boa em matemática, mas nas outras matérias eu era, eu era – modéstia a parte – eu era maravilhosamente bem...mas, também nunca tirei tão baxiinho, tão...tão...nunca fiquei de vermelho de matemática!...Mas....não era muito boa...tá vendo?...Quem é boa de matemática, é ela! (toda sorridente aponta para a Flor-2) Só tira dez de matemática! Graças a Deus não puxou a mãe! Ainda bem que não puxou a mãe!

Gardênia vence cada etapa de estudo, do ensino fundamental ao médio. A “Gardênia – que pena, mas que aprende rápido” e a “Gardênia – que engole sapo porque precisa” vão desaparecendo. A “Gardênia – que ensina e aconselha” vai se fortalecer e desenvolver cada vez mais para aliar-se à “Gardênia – mãe solteira” e à “Gardênia – com fome de vida nova”, para outras conquistas de vida. A prioridade é o futuro das

filhas, dando exemplo. O apelo da “Gardênia – fervorosa” confirmou-se ao extraordinário, evocou o Deus dela, aguentou, passou sem nunca repetir.

Fala!

... os professores me ensinaram a olhar nos olhos das pessoa, e a responder às coisas....e tinha um professor que dizia assim “Vá pra ali, ó, vá ali pra frente ó, que eu quero que você fale...tudo isso aqui, que está aqui ó, que você leu pra mim aqui. Você lê baixo, ninguém escutou, agora eu quero que você fale! Você não vai ler!...Eu abri o olho assim e disse (voz chorosa) “Mas, professor, eu não vou ler, eu não...me dê, me dê a coisa pra eu lê!”eu tremendo, ele disse, assim, “Para de tremer, mulher!”... “Uma mulher desse tamanho, uma mulher dessa idade está tremendo! Que coisa feia!... Vá lá pra frente e fala! Fala pra todo mundo!” ...tinha o Marcos, e dizia, assim, “Eu estou aqui, estou lhe olhando...e vou ficar olhando nos seus olhos!”... E dizia, assim, “Vamos lá, Dona Gardênia!... Eu quero ver você falar!... Vamos!”... Aí, eu dizia assim “Jesus me ajude! Aí, depois daquilo, me subia aquele fogo, sabe aquela coisa que sobe assim na gente, arrepiando a gente todo! “Mas, é pra falar...professor?!?”. Ele disse “É pra você falar!”. “Fala tudo que você entendeu!”...aí...eu digo “e se não entendi alguma coisa?...”, ele disse assim “Fale o que lhe vier à cabeça!”... bota fora o que tá na cabeça!”. Aí eu comecei!...Foi a escola! Mais foi a escola!...

Gardênia inicia a última etapa de seus estudos tremendo, estando diante de outro desafio aparentemente impossível onde a solução, novamente, só poderá vir do extraordinário para ela conseguir agir. Uma figura masculina marca esse momento, como um sacerdote conduzindo um rito de passagem, um professor que faz Gardênia enfrentar um último tipo de vergonha: a vergonha por *insegurança*, por medo de falar o que pensa, obrigando-a a olhar nos olhos e a expressar seu entendimento de forma assertiva, ter coragem de falar o que pensa. O local torna-se o marco referencial, como vai ficando cada vez mais claro no decorrer da análise interpretativa. A escola ensina, muda o modo de pensar e, no caso de Gardênia, o extraordinário está aí. Este é o “solo sagrado”, sua mente. Começa a ser elaborada a “Gardênia-guerreira poderosa”, cuja marca principal é falar o que pensa, olhando nos olhos, negando, ou mesmo, questionando a normatividade social, e desenvolvendo o agir comunicativo, mas, para isso terá a ajuda de outra personagem, também emergente: a “Gardênia – fervorosa, mas não religiosa”.

A trindade

eu peguei uma professora de biologia, e uma professora de matemática, e uma de português. Eram essas três mulheres. Mas, menina (!), eu nunca... Puta três mulher virada na zecerena!... Aquelas três mulheres... Uma veio de lá do fundo... da favela lá

de dentro, a de biologia. Tá vendo? A outra nasceu numa família rica, mas a família... foi se perdendo toda assim por um mundo...ela se virou sozinha, a de matemática... A de português, não! A de português nasceu numa família rica, e continua de família rica... é uma mulher toda recatada, toda bonita...mas é firme! Ela dizia assim “Não senhora! Quero reportagem disso, quero reportagem daquilo e você não vai procurar na internet, não! Você vai ler em jornal, em revista, em livro e entregar pra mim!”... Eu disse “professora fiz!”, ela disse assim “tá bem feito?”, disse “tá!”, ela...ela, ela já estava com aquela reportagem lá...é claro que ela já estava com ela lá, eu só num estava vendo. Aí, ela disse assim “Leia pra mim!”, mas eu dizia “Mas, professora não é pra senhora ler?”, ela dizia assim “Vai pra lá... vá pra lá, ó, e lê pra mim”... “Lê vai, lê!... Eu vou ver se está certo mesmo.”

Três mulheres também marcam essa etapa da vida de Gardênia e vão mostrar-lhe a possibilidade da “Gardênia – guerreira poderosa” vir à tona. Uma veio da pobreza como ela e, hoje, ensina; outra tem recursos, mas não pode contar com a família; e a terceira, é rica, tem família e é recatada, mas é “firme”. Três pontos de identificação e inspiração para Gardênia: ser pobre, mas poder vir a aprender e ensinar; ter família, mas conseguir se virar sozinha; ser recatada e bonita (feminina e cuidada), mas ser firme (não frágil). A “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” vai desaparecer de vez; enquanto emerge efetivamente a “Gardênia – que ensina e aconselha”. Observamos, ainda, que para Gardênia, o grande aprendizado adquirido com apoio da escola é o de falar o que pensa e confiar em si mesma. E não dos conteúdos educativos específicos. Os professores marcaram sua vida como exemplos de pessoas e de histórias de vida de conquista e sobrevivência e também de atitudes de encorajamento para com ela, ensinando-lhe a perceber seus potenciais e a vencer mais e mais seus limites. Gardênia recorreu ao extraordinário para conseguir vencer o desafio da escola, ter coragem e foi atendida por meio dos professores.

O nome do santo e do solo sagrado

Foi a escola que me fez isso! Foi a escola que me fez isso...! Eu me lembro de que quando a dona Virgínia (moradora da casa onde ainda trabalha; professora aposentada) chegou pra aqui há 10 anos, eu conversei com a dona Virginia, e com seu...com seu Eugênio, não tinha...muita...como é que diz? (...) Muita filosofia, muita conversa, muito papo... não olhava muito nos olho deles... Mas, de um 6 anos pra cá? Aí, a escola me ensinou... me ensinou muita coisa... e essa mulher também me ajudou muito! Noooossa! Ela começou a me dar livro, começou a me dar coisa... começou a me emprestar livros, disse “Olha, Gardênia esse livro aqui”. Às vezes, eu estava limpando as janelas, e ela dizia assim, dizia: “Puxa! Esse livro aqui é muito bom! Por que você não leva pra casa e lê?”... Ela! Aí eu comecei, e ela me incentivou a ler, me disse assim “por que você não estuda, mais? As suas filhas estão grandes!”... Ela me

ensinou a comer! Porque eu não comia direito... Lembra que eu não comia direito, comia tudo errado?... O meu... o meu estômago só fazia me mata! Era, era uma dor, era uma gastrite, era agonia... Era tudo horrível! [...]Hoje em dia, eu não tenho nada disso! Eu fui pra médico? Aí se, se, por exemplo, se fosse uma pessoa que dissesse, assim, “Ah, foi um curandeiro...”, por que não tem essas pessoas que acredita em gente que reza, em gente que ora em gente, que faz aquelas coisas... que ficou boa? Não! Eu acho que a pessoa saber viver, saber comer, saber enfrentar as coisas... Saber o que é bom e o que é errado... tá vendo? Eu acho que é isso... A dona Virgínia me ajudou demaaaais! Nossa Senhora! Se essa mulher tivesse vindo na minha vida há 20 anos, eu acho...eu acho que hoje em dia, eu não estava nem com ela! Estava estudando, só que eu estava formada em alguma coisa, não estava nem morando com ela... trabalhando pra ela. Tá vendo? (...) E aí, foi a escola!

Há uma quarta professora, aposentada, mas, ainda educadora, que também participou da promoção da “Gardênia – guerreira poderosa”, do desaparecimento da “Gardênia – que pena, mas aprende rápido” e do surgimento efetivo da “Gardênia – que ensina e aconselha”. Observo que se considerando a cronologia e não só o tempo psicológico da narrativa, e com base na consulta às anotações do diário de campo, constatamos que a dona Virgínia foi a pessoa que sugeriu a Gardênia que fosse estudar, uma vez que suas filhas já estavam grandes e precisariam de sua orientação nos estudos. Essa senhora e seu esposo são as pessoas que compraram a casa do Dr. Paulo (“patrão-cuidador”) e Tereza (“mulher-patroa-sem paciência-que nunca aparece”), quando este adoeceu em 2002, e permaneceram com Gardênia como prestadora de serviços domésticos até hoje. Trata-se de um casal de aposentados que a registrou em carteira, mas que também a orientaram a prestar outros serviços de faxina em outras casas para aumento de sua renda. O extraordinário respondeu a Gardênia por meio deles também.

Nessa declaração de Gardênia fica evidente, a meu ver, a transformação da “Gardênia – fervorosa” na “Gardênia – fervorosa – mas não religiosa”, que adquiriu consciência da importância de se ter informações e saber reverter isso em qualidade de vida, em capacidade de enfrentar dificuldades, em discernimento. Ela não atribui às práticas religiosas de evocação do extraordinário (rezas, benzedura de curandeiros, etc.), mas a seu desenvolvimento pessoal, adquirido com a colaboração de outras pessoas em sua vida. Gardênia não rompe sua crença no extraordinário, mas rompe com boa parte da normatividade social de cunho religioso, e conseqüentemente, abala a política de identidade de invisibilidade, a “severinidade”. Notamos que as personagens “Gardênia – guerreira poderosa”, “Que ensina e aconselha” e a “Gardênia – fervorosa – mas não

religiosa” desenvolvem-se por meio do *fortalecimento* psíquico de Gardênia, como um todo.

A sem vergonha

Olha, eu me sinto muito bem com essas fases de mudança! Eu me sinto... como é que diz...não é ressuscitar... como é que a gente fala? Eu me sinto... uma mulher que...começou de baixo e hoje em dia...está lá em cima(!)...Eu me sinto uma guerreira! Sabe (?) essas mulheres guerreiras... que começam de lá de baixo...tem que por...quando pensa que não, tão rica, tão milionária, tão empresárias, tão dona disso e daquilo outro? Eu me sinto Assim!...Eu me sinto uma mulher assim!

(quando perguntada sobre a Gardênia, envergonhada, que não olhava nos olhos)

Desapareceeeeeeu! Desapareceu! Aquela foi embora! ... A escola foi mais importante porque eu me lembro de que...eu era...eu aprendi a falar, mas nem tanto...Eu não encarava...mesmo com elas duas já...em...2004-2005, não era tão...extrovertida, como eu sou hoje...Eu hoje, não conheço uma pessoa, eu chego pra uma pessoa e falo, de igual pra igual...Pode ser advogado, pode ser empresário, pode ser jornalista...eu olho no olho da pessoa e converso, numa boa!...Tranquilo, sem vergonha, sem medo, sem pudor... sem vergonha de responder às perguntas que eles fazem, também sem vergonha de perguntar sobre o porquê da pergunta deles... [...] Se uma pessoa chegasse e falasse uma coisa por telefone e depois dissesse, assim, “Eu estou descendo aí pra nós conversarmos pra acertar um trabalho, e quanto é que você quer por esse trabalho?”. Eu dizia assim “Eu quero 200 reais”...a pessoa se calava e dizia “Tá bom, estou descendo...”. A pessoa não falava que ia pagar, só falava que estava descendo pra nós conversarmos... E quando chegasse aqui a pessoa falasse “Você pediu 200...”, eu “É!”, “está muito, vou lhe pagar 50”...aí, eu (encolhe-se com o corpo)... “Tá muito dinheiro, vou ter que pagar 50”... Aí eu (...) me calava. Agora, não! A pessoa chega e diz assim “É... está muito dinheiro! É 200 reais!”, eu...eu digo assim “Era 200 reais, eu falei 200 reais, só que eu estou vendo o trabalho, e agora é 400...não é mais 200, querida!”... “Agora é 400, não é mais 200”... Eu não tinha esse poder, eu não tinha essa força... entendeu?Hoje em dia eu estou em uma patroa...eu estou em um trabalho...várias mulheres que eu trabalho, várias!...Eu estava em um serviço trabalhando, ela chegava e dizia “Não! Pare aí! Não!”... eu digo “mas, eu não acabei, não!...”... “Não, pare aí vamos fazer ali”, aí, e eu parava. Agora, não! Quando ela chega “pare aí”, eu digo “Não senhora! Eu vou terminar aqui e vou pra lá, se der tempo, eu vou pra lá, se não der, eu vou embora e venho amanhã!”... Entendeu?...Eu... eu não tinha essa coragem!

Aqui fica um exemplo claro de como a “Gardênia - que engole sapo porque precisa” desapareceu, na superação definitiva de sua vergonha, e como a “Gardênia – guerreira poderosa” surgiu. Antes só respondia perguntas, agora faz perguntas e quer saber o porquê de ser interrogada, seja por quem for. A “Gardênia – trabalhadora e consumidora” em parceria com a “Gardênia – guerreira poderosa” não hesitam em negociar devidamente sua remuneração e ensinar às contratantes a respeitá-la e a

cumprirem o que tratam; adquiriu poder, fortaleceu-se, como ela mesma diz e, ao final, corrige-se rapidamente ao mudar sua fala de “estar em uma patroa” para “estar em um trabalho” e detalha que, hoje, tem várias mulheres (não patroas) com quem trabalha. Sua autoestima fortaleceu-se a ponto de enfrentar qualquer situação e não se deixar oprimir, nem deixa que seus direitos sejam ignorados. Está se desenvolvendo a “Gardênia – com vida nova cuidando de si.” Ela reconhece suas mudanças. Além disso, no início, observamos que ela quase usou um termo relacionado a seu referencial de Deus, mas, curiosamente traz o referencial da mudança rapidamente para si mesma. Entendemos que ela atribuiu as mudanças a seu processo interno, pela participação peculiar da personagem “Gardênia – fervorosa – mas não religiosa”. Ela conquistou mudanças, como guerreira venceu a guerra, não renasceu por milagre, por algo externo a si.

Multiplicando os pães

E pra ensina-las? Pra explicar tudo direitinho por que não é só briga, não é só pancada, não é só grito, eu tenho que chegar e conversar com ela, explicar para as duas, explicar como é que se faz como é que não faz... Está vendo? Como são os estudos, como é que se fala com as pessoas, como é que se atendem às pessoas, como é que se conversa, como é que encara, como é que se responde (!)... Porque, às vezes, tem coisa que se responde que não devia responder, eu falo pra ela “pra que respondeu assim?”, aí eu vou explicar pra ela “você responde, assim, desse jeito”... Está vendo? “Fique calada uma vez...nas duas você responda, mas responda com educação; nas três, você fale comigo que aí eu vou lá e converso com a pessoa”... Está vendo? Tudo isso eu explico pra elas e, até aqui – Graças a Deus! – elas veem me atendendo m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-a-m-e-n-t-e bem, tão se saindo muito bem, hoje em dia quando uma pessoa fala alguma coisa pra elas, quando elas veem que não tão com a razão, elas ficam quietas... Elas veem que estão com a razão elas vão em cima e falam...em um nível de... no nível certo, digo, por que eu entendi uma coisa, que ninguém é melhor do que ninguém, a gente aqui na Terra – de rico a pobre, de preto a branco, de surdo a mudo, cego, aleijado – ninguém é melhor do que ninguém!

A dinâmica das personagens “Gardênia – guerreira poderosa”, “Que ensina e aconselha” e a “Gardênia – mãe solteira” tem uma forma peculiar de fazer a Gardênia agir, de ensinar, como ficará mais claro, a partir daqui. Afirma a igualdade entre as pessoas demonstrando seu aprendizado de autovalorização, ensina suas filhas a terem humildade e respeito em suas relações. Ensina-as também a saberem defender seus direitos, quando estiverem certas, mas com educação e brandura, conforme ela, porém, afirma sua posição de mãe cuidadora para o pronto socorro em caso de suas filhas não serem respeitadas. Tudo isso vemos como um processo de grande conquista na vida de Gardênia, diante da infância dura que teve de falta de cuidado, de proteção e de

orientação. Ela não se mantém repetindo o modelo familiar, parece que transformou tirania e subjugação em proteção, cuidado e orientação de vida, mas veremos que ainda não por completo.

O poder da palavra?

Uma vez não chego na escola e me irrita? Ouço “A Gardênia chegou! Nossa Senhora! Hoje o pau vai quebrar!”, eu digo “Não! Que é isso?! Não vim aqui pra bater em ninguém!”... “Eu vim aqui pra conversar!”... Eu vou falar e quero que as pessoas me escutem e as pessoas vão falar pra mim, e eu vou escutar. Aí nós vamos chegar em algum acordo. “Eu não vim aqui pra brigar! Eu vim pra aqui pra conversar! Eu vim pra aqui...”. Eu tenho ajudado muitos professores lá dentro! Pelo menos, o Ari... porque tem muitos professores que têm medo dos alunos, e eu digo “Não tenham medo, não!... As mães não aparecem? Bota os meninos no Conselho Tutelar, porque os meninos vão tendo...” Ixi! Converso com os meninos que não são nada meus... Está vendo? Teve um dia aí que eu conversei com um menino... Eu passei 2 horas do relógio conversando com o menino... e o menino não queria olhar pra mim, eu pegava no queixinho dele, assim, e dizia “Olha pra mim! Olha pra mim e me responde: o que é que está errado e o que não está?”, está vendo? “Cadê a sua mãe?”, “Minha mãe está em casa”, e eu digo “Tua mãe não liga pra você, né?”... “Não liga, não... Sabe por que num liga? Por que você não faz por onde ela ligar pra você! Faça por onde ela ligar pra você!... Estude! Mostre uma coisa bonita que você faça pra ela que daí ela vai começar a olhar pra você. Vai começar a presta atenção em você”... Está vendo?...Aí, ele baixou a cabeça, e eu digo “Não baixe a cabeça!... Sempre olho no olho da gente, assim ó: olho no olho!”... “Eu vou sair dessa escola!”, eu digo: “Não saia! Vá em frente! Não saia da escola, nunca saia de nada!... Se for uma coisa boa, vá em frente! Nunca saia do bom pra entra no ruim! Nunca faça isso! Não vire um marginal, vire um homem!”... Ele ficou assim me olhando... Ele ia voltar pra trás, né? Daí, pegou o caderninho, botou no bolso e entrou pra escola.

A “A Gardênia – mãe solteira”, a “Gardênia – que ensina e aconselha” e a “Gardênia - guerreira poderosa” unem-se e passam a ajudar os outros a se desenvolverem, de forma peculiar, como dito: priorizando o diálogo e não a briga, encorajando os outros a enfrentarem seus problemas mesmo diante da vergonha, sabendo que podem recorrer à lei se necessário, auxiliando um desconhecido a enfrentar olhares, como ela aprendeu um dia, e a perceber que sua atitude é que tem de ser a primeira a mudar, e a não desistir, nem optar por caminhos ruins. Mas, em situações persistentes e que envolvem violência física, curiosamente, a “Gardênia – mãe solteira” chega a apelar para a ameaça, na representação da evocação ao masculino, como vemos a seguir.

O caminho, a verdade e a vida?

Às vezes, a pessoa não vai pra frente é por falta de... é por falta de incentivo, é por falta de outra pessoa encaminhar no caminho bom! [...] Às vezes, a pessoa não vai pra frente é por falta de... é por falta de incentivo, é por falta de outra pessoa encaminhar no caminho bom! Tá vendo? Eu digo “Faça uma coisa boa e mostra pra tua mãe, e eu quero ver se ela não vai prestar atenção em você!”... Aí, quando foi a diretora disse assim “Está vendo? Escuta ela...(tá vendo?)...porque a tua mãe uma vez te disse que você era um caso perdido!”... Eu digo “Essa mãe estava errada!”... Ele não é um caso perdido... Como é que ela bota um filho no mundo e diz que ele é um caso perdido? Ela está louca? Está doida?... Não é assim que se faz!”. Bota um filho no mundo, enfrenta! E vai em frente com ele, bota um olho...tudo no caminho bom, que um dia Deus...Deus entra na cabeça dele, e ele vai pro caminho bom! Ele...ele esquece tudo do ruim, o ruim desaparece da frente dele!... Tudo isso eu faço!... Maravilhoso! está bom, né?... Está ótimo! (fala enfática)

Além da atuação peculiar da tríade “Gardênia – que ensina e aconselha”, a “Gardênia – guerreira poderosa” e a “Gardênia – mãe solteira, aqui fica evidente que a “Gardênia – fervorosa – mas não religiosa” é a que apresenta a atuação mais peculiar, na verdade, pelo entendimento sobre o lugar e a atuação do extraordinário: dentro da cabeça das pessoas, para promover boas mudanças de pensamento e gerar mudança de vida, e sendo por meio de alguém que tem de orientar, incentivar e encaminhar, para que Deus faça a sua parte na mente para que a pessoa vá para “o caminho bom”; expressão essa que aqui parece ser apenas o cumprimento de uma normatividade moralista, mas que se mostrará no decorrer do restante da narrativa que significa o exercício da autonomia, à medida que a capacidade de falar do que se necessita, quer e pensa, for sendo exercida na dialogicidade consensual.

Ollho no olho

O conselho que eu dou pra elas... que elas nunca tenham medo de enfrentar nada! Nunca tenham vergonha, nunca sejam tímidas pra nada...não sejam tímidas pra nada! Nunca acreditem... na maioria, porque a maioria... você olha assim no olho da pessoa e você diz assim “Essa pessoa é boa!”...e na maioria se olha e diz assim “essa pessoa não vale nada!”, e é verdade, não vale nada!... Então eu falo pra elas “Não confiem! Confie desconfiando!”... “Mãe!” – eu digo “Nunca confiem!... Seja namorado, seja marido, seja amigo, seja amiga... Tá vendo? Flor-1 um dia desses estava chorando por causa de uma amiga... eu digo... eu digo: “Eu falei daquela menina a você, há 1 ano atrás, que num confiasse nela...porque ela é muito falsa com você”... “Como assim, mãe?”. Eu digo: “Você está com ela na sua frente, você tá conversando com ela, quando você desvia os olho dela, ela te olha dos pés...do teu dedo mindinho até o último fio de cabelo! O olhar dela está te fuzilando!...Eu falei que ela...que ela não é sua amiga”... Está vendo?...

A “Gardênia – que ensina e aconselha” em dinâmica com a “Gardênia – mãe solteira” e a “Gardênia – guerreira poderosa” revela também certo ceticismo adquirido com relação ao ser humano e a preocupação de evitar que as filhas passem pelo que ela já passou. Provavelmente, em função de muitas lutas e decepções. Lembramos que já no início, ela afirmou que o primeiro a enganá-la em São Paulo, foi seu próprio irmão. Mas, também Gardênia dá uma dica: o olho no olho como parâmetro de percepção das intenções do outro, pois, quem não olha no olho tem algo a temer, a esconder, que não somente vergonha, mas algum tipo de desprezo, ou de negação do outro, um dos aprendizados de Gardênia sobre invisibilidade social.

O rumo da vida

É isso que eu falo pra elas. Ah! “Trabalhem, nunca esperem por ninguém, nunca esperem que ninguém lhes dê nada!”... Não, porque não dá! A maioria das pessoas tem pra dar, mas não dão! E também se tem, trabalhou pra ter! Então, você também trabalhe pra ter. Não fique de olho... Nunca fique no olho dos outros! Faça o seu porque Deus te dá! Deus está aqui pra dar pra nós todos!... meu pai dizia um ditado assim...ele dizia assim pra nós: “Deus diz assim: faz que eu te ajudarei! Nunca olhe pra o do seu irmão, pro do próximo. Deixe o do próximo lá, faça o seu!... [...] E outra coisa: nunca olhe e “Ai, fulana tá com um vestido lindo, que sapato, que maravilha!”... Não! Você olha e “Fulana está com um vestido bonito, que sapato bonito. Nossa! Parabéns!”... E vá embora! Vá trabalhar pra ter um igual aquele ou melhor do que aquele, mas sem pensar no que você olhou aquela hora e esqueça! Esqueça. Ensino muuuito o rumo de vida pra elas, e elas tão tomando... Graças a Deus, tão tomando! Elas chegam em casa com conversa de amiga dizendo “aquilo, aquilo outro”, eu digo “Senta aí! Vamos conversar!” ... Faça isso!”...Tá vendo? É isso que eu falo pra elas! Eu sou sozinha, não tenho marido comigo, mas eu acho que eu estou ensinando bem pra elas... Por que até hoje, as pessoas que andam com elas, só falam bem delas! Então, acho que eu estou indo por um caminho bom!

Outros valores adquiridos, com luta e dor: perseverança para trabalhar e conquistar o que se precisa e quer, e não esperar pelos outros, pois o mundo é egoísta; não ser invejoso, e sim trabalhador. Esse é o “Rumo de vida” ou o “bom caminho”, como Gardênia já disse anteriormente e reafirma aqui, com o qual o extraordinário participa e concorda. Mas, observo aqui que o entendimento de ensinar bem esses valores de Gardênia é o das filhas seguirem exatamente o que ela diz, o que indica imposição. Mais à frente isso irá mudar, de forma inesperada.

A “mãe-omissa” redimida

Eu era a primeira, ela devia ter me explicado, mas nunca explicou nada. Também não dava tempo. Ela trabalhava... Mas, menina! Como aquela mulher trabalhou na vida dela! Meu Deus do céu! Aquela mulher veio parar de trabalhar tem uns 18 anos... Quando veio pra cá, que parou de trabalhar. [...] Ela vivia pelo mundo todo, por aqui, por acolá! Até lenha ela procurava pra cozinhar. Mas, ela deixou de cozinhar porque a lenha daqui fede. [...] Nunca queima essa lenha! E nós compramos um fogão pra ela – lindo o fogão! Azul! – e ela deixou o fogão lá tampado bonitinho. [...] Aí, nós começamos a explicar direitinho e pra ela aprender a cozinhar, nós começamos a comprar carvão pra ela. Aí, ela começou a cozinhar com o carvão e, aí, ela se sujava e passava na roupa. Aí, quando ela via, eram quatro, cinco roupas por dia! “Não quero cozinhar com essa desgraça!”, [...] “então use o fogão de gás!”. Ela começou a usar o fogão de gás. (risos) É! Foi assim que nós tiramos ela do fogão de lenha, senão nós não tínhamos tirado! (risos).

Em diferentes partes e sobre assuntos variados da narrativa de vida de Gardênia, ela comenta que sua mãe não lhe ensinou nem explicou nada. Para ela, isso se deveu ao excesso de trabalho de Benina, que não propiciava tempo para ensinar alguma coisa aos filhos, mas é questionável, parecendo-se mais uma dificuldade de ação comunicativa herdada da política de identidade de invisibilidade para com os subjugados, como a mãe sempre foi também desde a infância, como será visto. Além do excesso de trabalho, a falta de diálogo, de orientação e de informações propiciados pelo caráter simplório e opressivo das relações marca a vida da família de Gardênia, a começar entre seus pais. A confirmação vem a seguir.

A bundinha soltinha

Nós tiramos ela de muita coisa! Nós tiramos ela das roupas, que ela não queria usar calça comprida de jeito nenhum. [...] e, daí, começou a passar frio nas pernas... O frio... Porque ela chegou em uma época de frio e começou a morrer de frio nas pernas! [...] “Mas, eu acho feio, fica mostrando a minha bunda!” Aí, eu dizia “Vamos comprar uma roupa, uma blusa comprida!” Aí eu comprava uns casacos compridos, ela vestia e cobria a bunda. Aí, ela dizia “Tô com a bundinha soltinha!” e eu dizia “Bundinha soltinha, mulher?” (risos) E ela há pouco tempo dizia “Eu era caipira, não Gardênia?” eu disse “Caipira era pouco! A senhora era travada!”. Hoje em dia ela veste casaco bonitinho, bota brinco, pinta unha... Porque aquela mulher não pintava as unhas, nem pensar! Cortar o cabelo, então? Era um sacrifício! E isso não foi da família dela. A família dela não era assim. Foi do meu pai! [...] foi criada por uma porcaria de uma irmã e a irmã quando ela foi crescendo foi ficando com ciúmes dela, do macho que tinha. Porque o macho era um vagabundo, mesmo! Ele queria fazer das duas raparigas. Fez da mais velha e queria fazer da mamãe. Aí ela brigava com mamãe e só faltava largar mamãe por causa dele. Daí mamãe encantou papai. Papai com 35 anos e mamãe com 13.

Independentemente da diferença de clima das regiões Nordeste e Sudeste, fica evidente que a dificuldade da mãe de Gardênia em usar calças é de cunho moralista, repressor. A falta de cuidados básicos e a vaidade também foram tolhidas nela pelo mesmo motivo. O autor, o “pai-patrão”, que pela diferença de mais de 20 anos de idade⁵⁴ e pelas condições em que a desposou testificam uma herança colonial das relações conjugais e de gênero. A mãe de Gardênia, como tantas outras meninas, não teve escolha a não ser sujeitar-se aos caprichos do homem para quem ela foi dada, ao menos, para poder ser respeitada socialmente e não ser tratada como “rapariga”.

Observamos que o termo “rapariga” foi herdado da cultura portuguesa colonial e, no Brasil, tornou-se sinônimo de mulher de má reputação e/ou usável sexualmente por dominação. Entendemos, não só pelo uso do termo, mas, pelo contexto moralista e opressivo a evidência da herança cultural de colonização por exploração, onde as escravas eram submetidas aos caprichos de seus senhores.

Gardênia nomina Benina de “travada”, o mesmo termo que usou para si mesma anteriormente e também a expressão “tiram os ela de muita coisa”, como se sua mãe tivesse sido liberta de um cárcere. A cumplicidade entre ambas dá-se pelo ser mulher, e não pela relação mãe-filha, ao tratarem de forma lúdica a “bundinha soltinha”. A “Gardênia – que ensina e aconselha” e a “Gardênia – mãe solteira” aprenderam e, juntas, ensinam Benina. Cabe observar que não reconheci até o momento uma personagem “Gardênia – filha”, na narrativa, embora exista o laço biológico, pois Gardênia e Benina, desde o início estabeleceram uma relação diferenciada. No início, inimigas: a pestinha cobrinha e a Benina-hospedeira. Depois, funcionárias do “pai-patrão”: a mãe-omissa com a “Gardênia – útil funcional”.

Herança familiar trabalhista

[...] É raro quando uma pessoa chega assim e pede “Gardênia, faz isso para mim, por favor?”. É raro! Às vezes, eu trabalho duas, três vezes para uma mulher e digo “ela não me mandou fazer nada ainda? Está dando tudo certo se ela não me mandou fazer nada ainda...”. Eu trabalho 2-3 meses; daí, eu pergunto “O serviço está bom, Dona Fulana?” – pergunto para uma, pergunto para outra – “Está ótimo, está maravilhoso! Pode ficar despreocupada!”. E eu digo para elas (filhas) “Faça assim comigo. Faça as coisas e presta atenção que eu não vou pedir para você fazer. Eu não vou ficar mandando em você”. Aí, vocês vão perguntar se o serviço está bem, se eu estou bem... “Tá bom mãe, tá bom!”. Porque é chato a pessoa ficar mandando “fulano faça isso,

⁵⁴ Mais uma vez temos de considerar que Gardênia não é precisa em datas e números, mas, pelo contexto geral de sua narrativa, seus pais tinham mais de 20 anos de diferença de idade.

fulano aquilo está errado, fulano olha isso!"... Ah! Mas, isso é muito chato! Eu falo para ela "você é uma boa filha nos estudos, mas em casa está deixando a desejar. Ajuda!".

Gardênia utiliza-se de um exemplo de sua relação de trabalho para educar a filha em como ajudá-la em casa, já que está deixando a desejar. A dinâmica entre as personagens de tensão entre ensinar-mandar, da qual já alertei sobre a existência nas passagens anteriores. A transposição patronal fica evidente aqui, como herança familiar além da trabalhista, embora atenuada pela existência real de diálogo, da tentativa de oferecer à filha a possibilidade de agir por consciência e responsabilidades próprias, que vão ser ampliadas com o tempo, como veremos até o final na análise interpretativa, quando Gardênia torna-se avó e rompe definitivamente com a atitude de controle e subalternização em sua mente, com relação à dinâmica familiar.

QUANDO SE TORNA GARDÊNIA

De trás pra frente

[...] Nessa casa, começou tudo, como você já sabe. Nessa casa aqui, foi onde a minha vida mudou toda! Toda vez que eu fico lembrando meu passado, meu passado é tão diferente do que eu vivo aqui! E do que eu já vivi aqui! Porque eu vivi muita coisa aqui! Muita coisa boa e muita coisa ruim... Nossa Senhora! (expressão dita com ênfase). (silêncio prolongado) Desde o meu nascimento que eu luto para viver! [...]

A casa onde Gardênia trabalha até hoje é o referencial de mudanças em sua vida. Embora tenha vivido tempos difíceis, coisas boas e ruins, Gardênia lutou, mas mudou sua vida. Antes, em sua terra natal, só sobrevivia, mantinha-se viva. A casa é marco de quando ela começou a perceber-se em mudança, com possibilidade de vir a ser cada vez mais.

Começando a sonhar

E aí, fiquei por aqui, por aqui estou até hoje! Não vou dizer que sou uma pessoa infeliz... graças a Deus eu sou feliz...Eu não sou casada, não tenho homem porque não quero; porque a maioria dos homens que eu achei...eles querem casa, comida e roupa lavada. Cama, mesa e banho. Não dá! Pra mim não dá, eu sou uma mulher à moda antiga ou o cara trabalha pra se manter e me ajudar a me manter ou, então, ele comigo não tem nada... Tá vendo? Já estou uma mulher de 50 e poucos anos, já vou fazer 53 já-já... Esse mês estou fazendo 53... Estou criando elas duas... e o que é que eu peço a Deus (?), que me dê vida, saúde e coragem...isso eu peço muito pra Ele, vou trabalhando...eu quero ver as duas crescidas, se eu puder formar...no que elas quiserem

se formar eu vou...vou pedir a Deus...vou trabalhar pra formar as duas....e quando acabar, tá tudo bem pra mim, tá tudo ótimo!... [...]Eu tenho um sonho de quando... de ter uma casa melhor... em um lugar melhor, isso...tenho um sonho muito grande, que eu não sei se Deus vai me dar...Quem sabe é Deus! Tá vendo? Esse sonho eu tenho... eu queria... que eu morasse...numa casa maior – não tão maior, porque a minha é boa! – minha casa não é tão ruim, é boa! Elas têm o quarto delas, o quarto delas é grande... Mas eu queria sair porque fica bem no fundo de duas casas... Tem a estrada pra entrar, tudo bom, porque por aqui agora é assim mesmo... Mas, eu queria sair, eu queria morar assim... numa coisa mais fora...Mas, os vizinho me respeita, às vezes, quando eu falo alguma coisa lá que tá errada, eu começo a reclamar “isso tá errado!”, “isso aqui tá sujo!”, “isso aqui tá errado”, “isso vai fogo”, “olha o mosquito da dengue!”, “ó cobra, ó sapo”, “ó rato... é barata!” – que é horrível (!) barata e rato! – ái eles me atendem, vão lá e limpam... - com a cara feia todo mundo! - mas... todo mundo me respeita...

Gardênia considera-se feliz, apesar de não ter um companheiro, e não se diz solitária. Também é feliz com a casa que tem, mas se pudesse iria para outro lugar, mais reservado. Em ambas as situações, há uma mulher que adquiriu consciência de seu valor e do respeito que merece. Posiciona-se abertamente sobre o que quer e crê que merece: a ajuda de um companheiro, respeito e privacidade dos vizinhos; pois ela é “à moda antiga” e entende isso, aqui, como alguém que espera não ter de sustentar um companheiro, e não necessariamente que seja sustentada por ele; alguém que a ajude. Não quer ninguém vivendo às suas custas, nem ocupando seu espaço indevidamente. Sua meta é continuar criando as filhas e formá-las, seu sonho é uma casa maior e sem quintal compartilhado com outros. A “Gardênia – que ensina e aconselha”, a “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – guerreira poderosa”, a “Gardênia – mãe solteira” e a “Gardênia – com fome de vida nova”, juntas e em cooperação adquiriram a capacidade de Gardênia se fazer respeitar e sonhar. Recorrer ao extraordinário permanece o esteio para o enfrentamento e alcance das metas, e poder para alcance dos sonhos, esse é o papel da “Gardênia – fervorosa, mas não religiosa” em meio às demais personagens. É interessante notar a relação de Gardênia com os outros, no caso, os vizinhos, exercitando a fala para a conscientização da problemática em comum no quintal dividido. Mas, permanece o que já comentei sobre seu agir ser um tanto intenso, insistindo para que os outros façam o que ela diz (manda).

Cuidando de si

[...] hoje em dia, eu tô fazendo as coisas pra mim! Eu já tô fazendo as coisas pra mim! Eu tô arrumando a minha casa, eu tô pensando na minha aposentadoria... Quanto eu me aposentar... a maioria das faxinas, eu vou deixar porque eu tô muito (palavra dita

com ênfase) cansada... [...] Eu já tô pensando em mim! (breve silêncio) Já vou numa loja, numa coisa assim... num shopping e já tô comprando coisa pra mim, que eu não comprava de jeito nenhum! (breve silêncio) [...] Eu já tô comprando roupa pra mim, que eu não comprava! Tô comprando sandália, tô comprando muita coisa! Tô comprando comida, certas comidas que eu gostava, por exemplo, eu gosto de barra de chocolate daquela Talento. [...] Às vezes, eu saio “Ah! Vou pintar meu cabelo! Xô pintar que tá aparecendo branco por aqui, xô fazer minhas unhas”... Não! Já tô cuidando já de mim, já! (breve silêncio) Já tô vivendo mais um pouco! Às vezes, eu falo “Ah! Vou sair pra tal lugar!”, me arrumo e saio! Tá vendo? Às vezes, eu digo “Eu quero beber isso, quero beber aquilo eu não tenho, quero beber um vinho, uma cerveja preta que eu gosto, deixa eu ir lá!”, vou lá, compro pra mim, e eu já bebo! Já tô pensando em mim, já!

Finalmente, firma-se a “Gardênia – com vida nova cuidando de si”. Ela não faz mais tudo porque precisa, mas, sim, porque quer. Tomou as rédeas de sua própria vida, transformou-a e, hoje, apesar de permanecer na condição de trabalhadora doméstica, diarista, permite-se escolher, ter limites de trabalho, organizar-se para qualidade de vida e usufruir o que tem e pode ter. Não é uma escrava do consumismo, mas adquire o que quer. O cuidado com sua pessoa também aparece, inclusive, verbalizado: permite-se pintar os cabelos, fazer as unhas. Agora entende que está vivendo um pouco mais. Seu entendimento de vida mudou: antes, era luta; agora é fazer o que quer, é pensar nela mesma. Esse reconhecimento vai trazer mais mudanças.

Sobre teimosia, coragem e Deus

(quando foi perguntada sobre aquela teimosia em viver desde o ventre da mãe) Acho que é Deus que me dá! Eu tenho certeza de que é Ele que me dá! Porque quando eu me levanto de manhã, quando eu me deito de noite, eu faço umas orações [...] E as minhas orações não são tanto rezando “pai nosso-pai nosso, ave-maria, ave-maria”, são mais orações pedindo. Peço por mim, peço pela minha casa, pelo meu trabalho, pelas pessoas que me ajudam, pelos meus patrões, pelas minhas filhas... Diariamente, pela minha família, pelos meus irmãos... [...] peço por todo mundo que está no mundo! [...] E aí, eu peço pra Deus me dar muita coragem! Que me dê vida, saúde e coragem! Que me dê vida até as minhas filhas ficarem de maior! Quando elas ficarem de maior, se Deus quiser me levar... Pode levar numa boa! Mas, enquanto elas estiverem pequenas, eu peço que Deus me dê vida, me dê saúde e muita coragem! Porque ainda que a gente tenha saúde e não tem a coragem, acabou! Porque a minha sobrinha tem a saúde de ferro... Cadê a coragem dela? Está se acabando, vestindo roupa que nós damos, ela, a filha e tudo porque ela não tem coragem de trabalhar! [...] Eu tenho uma coragem que cansa de eu chegar em casa todo dia e dizer “Amanhã eu não sou mulher pra nada!” aí eu me levanto às 5h30 [...] visto uma roupa e vou andar! Corro a praia todinha! Quando eu volto, tomo um banho, pego minha bolsinha e venho trabalhar! Então, ele me dá coragem! Porque eu não sinto dor no corpo, eu não sinto dor nas pernas... Não sinto dor em nada! Vou sentir dor a partir das 3 horas da tarde! Começo a sentir aqui

nos meus joelhos... Mas é que eu estou de pé o dia todo, já fiz muita coisa, então, a minha fé é muito grande, é muito grande, em Deus! A minha fé em Deus é muito grande, e é isso que me segura!

Aqui, Gardênia nos revela algo melhor pela atuação da “Gardênia – fervorosa, mas não religiosa”, de muita importância para que, até o final deste capítulo seja possível compreender como se deu o desenvolvimento do sentido emancipatório. A prática de fé de Gardênia, não está na dependência de frequentar uma instituição religiosa, não segue o padrão de reza (repetição) comumente ensinado, e sobretudo, não atribui o fazer puramente ao extraordinário. Seu Deus dá força para o humano agir, seu Deus manifesta-se como fonte de resistência e fortalecimento e não de milagres incompreensíveis!

Em sua narrativa, os momentos dos impossíveis como ditos, são momentos em que suas forças estão minguando, sua afetividade está em meio às emoções e sentimentos negativos (angústia, medo, solidão e impotência, etc.) e ela recorre a Deus para vencer o desafio, encontrando solução. Ao mencionar que suas orações “são mais pedindo”, fica evidente a recorrência ao extraordinário para falar, ser ouvida, sobre o que sente, o que pensa, o que necessita e quer, já que na vida em sociedade ela não tem espaço para isso, nem um lugar. Com isso, ela adquire forças para resistir, se fortalece e cria coragem para falar com as pessoas com quem está em contato e agir, normalmente, a fim de enfrentar aspectos da normatividade social imposta.

Sozinha ou a três?

Pra mulher...pra idade que eu já tenho, pro trabalho que eu fiz, e...que eu vejo muita mulher se queixar de tudo, e eu não tenho nada, ah...o...o único meu problema é a coluna. Se eu não tivesse essa coluna, eu juro que eu voava a pau e pedra...eu juro...eu saía voando como um pássaro!...O meu problema todo é a coluna. Por que tem dia, tem dia que eu... que eu me levanto todo dia, praticamente todos os dias de domingo a domingo, 6 horas da manhã!...Eu estou de pé! Pra não acordar elas, eu vou pra praia...eu ando quase 2 quilômetros, de praia...pra riba e pra baixo, mais de 2 quilômetro que eu ando. E, aí, eu volto pra casa, pois chego em casa, aí eu... vou tomar banho, e aí começo a chamar essa...e aí a outra já tá se arrumando pra ir pra escola... E quando é dia de domingo e dia de sábado, agora ela (Flor-1) tem um servicinho, ela vai e se manda, vai embora, 7 horas ela está de pé e vai embora para o serviço e, daí, eu chamo essa (aponta para Flor-2) porque essa deixa tudo por aqui por acolá, né? Ela chega com uma bolsa assim, ela deixa aqui, ela chega com um sapato, ela deixa ali, ela chega com um brinquedo, ela deixa acolá, entendeu? Aí, eu tenho que chamá-la para vir arrumar, eu digo “eu não vou arrumar suas coisas, você que vai arrumar”... “Já chega de eu arrumar tanta coisa pra vocês, vocês agora estão na hora de começar a

arrumar as coisas de vocês... Eu sou sozinha ou somos nós três? Vamos ajudar uma a outra?

Reconhece seu fortalecimento, especialmente, sendo mulher, tendo trabalhado muito e com mais idade e sua capacidade de ir longe. Pensa que está limitada por sua coluna, o que em parte é verdade, mas ver-se-á que ela vai voar mais alto, pois, a “Gardênia – com fome de vida nova” já se transformou em “Gardênia – com vida nova cuidando de si”. Cuida de sua saúde caminhando todos os dias e começa a conscientizar as filhas de que as três formam uma família onde todas têm de colaborar. Gardênia não está mais sozinha, e é a primeira vez que aparece nitidamente o pensar da relação familiar de forma que todos se ajudem, e não uns se favorecerem dos serviços dos outros, de forma obrigatória e impositiva.

Novas conquistas

É um novo desafio! Está vendo? É um novo desafio... Lá vai eu! Por que eu adoro costurar, tá vendo? Por que até cortar eu estou cortando! Está vendo? Até cortar eu estou cortando...Eu comprei um pano...cortei um vestido pra uma menina, cortei um vestido pra minha sobrinha e ficou liiindo o vestidinho nela! Quando foi pra boneca da Flor-2, ficou tudo bonito os vestidos... Até cortar, eu estou cortando! Cortar minhas blusas, quando a dona Virgínia me dá umas blusas aqui, eu digo "Eu vou jogar essa blusa fora ou dar para os outros? Nada! Eu vou pra tesoura, corto aqui, corto acolá, e quando penso que não, a blusa tá perfeitinha no meu corpo! ... É, eu vô em frente! Quando eu sismo de fazer uma coisa, eu faço! Tá vendo, agora a costura, eu vou dizer: a máquina...eu estou meio com medo de pegar na máquina... Eu juro que eu estou?... Eu estou meio a...porque ela é muito rápida! Se ela fosse um pouco mais devagar, um pouquinho, mas... a hora que eu ponho o pé, desaparece?!? E eu digo “Jesus do céu! Dentro de um segundo?!?...Aí eu fico pensando assim...Como é que as costureira cobram tão caro da gente,... pra costurar? Se eu fosse... se eu não tivesse medo da máquina, que eu vou perde essa cisma dela!, eu costurava cinco pares de roupa dentro de um... dentro de uma hora, gente! Por que é rapidinho! Eu fui fazer uma costura lá, aí as meninas disseram assim “Mãe, a senhora foi num segundo, a senhora fez as costura!”... Por que elas cobram tão caro, meu Deus do céu?!?! Pra cortar, eu já não digo nada! Por que pra cortar é meio difícil um pouquinho... Mas, pra costura?... Pra costura é muito rápido, minha Nossa Senhora! Mas, eu estou com med...eu estou com a cisma de costurar...eu juro que eu estou! Mas, eu chego lá!

Hoje, Gardênia consegue reconhecer e falar sobre suas qualidades, seus medos e limites, mas também de sua capacidade de não se deixar vencer, ao contrário, demonstra uma assertividade incrível. A dinâmica entre a “Gardênia – trabalhadora e consumidora”, a “Gardênia – mãe solteira”, a “Gardênia – com vida nova cuidando de si” e a “Gardênia – Guerreira poderosa” proporciona o experimentar de uma nova

trajetória, um novo desafio, na costura. Nas anotações do diário de campo, nos intervalos das entrevistas na casa da dona Virginia, surgiu a informação de que essa senhora é quem também ensinou a Gardênia vários trabalhos manuais (corte e costura, bordado, tricô, etc.) percebendo seu interesse e aptidão e incentivando-a a uma nova opção de ganho financeiro, caso queira vender sua produção, ou mesmo, como economia doméstica, costurando para as filhas, para si e para sua casa; ou lazer, já que ela diz adorar costurar.

De repente, desorientada

Eu levei um susto danado (palavra dita com ênfase) quando eu descobri que ela estava grávida [...] Meu mundo caiu! [...] Ela foi meio desonesta comigo, aliás, ela foi totalmente (palavra dita com ênfase) desonesta porque eu falava “Não! Arrumou namorado, tudo bem! Quer namorar, namore! Se previnam... Não arrumem filho agora porque vocês são muito novinhos...”; e eu conversei com os dois! [...] eu perguntei se eles tinham entendido, e eles falaram “Não! Entendemos, sim!” – ele falou “Não, tia! Eu entendi!” e ela falou “Não, mãe! Que é isso, mãe! A senhora acha que eu vou fazer uma coisa dessas?”. Eu digo assim “Isso é como fogo e gasolina! [...] Então, tá tudo muito avançado, tá tudo muito liberal, eu não me importo! Podem namorar o tanto que quiserem, agora, se previnam!”. [...] Quando penso que não, ela tava com quatro meses de grávida. E eu só descobri, porque eu fui no médico [...] Aí quando eu cheguei em casa, eu chamei os dois e disse “E, agora, como é que fica?”. “Não, tia!” – que ele me chama de tia – “Eu vou levar ela pra casa [...] pra casa da minha mãe porque eu não tenho casa, só tenho meu quarto lá trás, e eu vou ficar com ela lá trás”. Eu digo “Tá bom!”. Ai, eu tava com tanta raiva – não vou mentir, não! Eu tava com muita (palavra dita com ênfase) raiva! – tava desorientada... Eu não queria saber de nada! Eu falei oi pra ela, eu disse assim “Saia da minha vista, saia, saia, saia!”. Porque a minha vontade era de pegar e dar umas porradas nela! Mas, eu digo “Se eu der umas porradas nela, eu vou matar é a criança! Eu vou ser assassina? Não, Deus me livre, não! Ela já fez a besteira dela, então, deixa ela com a besteira dela! Vai, vai, vai!”.

Em 2014, Gardênia é pega de surpresa pela gravidez da filha mais velha. A expressão “Meu mundo caiu!” descreve bem o que de fato aconteceu, pois Gardênia estava acostumada a aconselhar e ensinar às filhas, e estas seguirem exatamente o que ela dizia ou, ao menos, é o que ela pensava. É a segunda vez na vida de Gardênia que surge uma personagem pelo que denominei de *interconexão genético-afetiva* com outro ator (a Flor-3, sua neta), e a “Gardênia – mãe solteira” torna-se repentinamente a “Gardênia – mãe solteira avó”. Mas, a permanência da nova personagem de Gardênia dependeu primeiramente da decisão de sua filha (Flor-1) em não abortar, além da própria Gardênia em aceitá-la. A “Gardênia – que ensina e aconselha” e a “Gardênia-guerreira poderosa” foram abaladas pela sensação de traição e impotência diante do

ocorrido e não entendem o que foi que deu errado, o que saiu do controle, pois afinal o que ela ensinou não foi seguido. O destaque é para a raiva e a desorientação, mas ela decide não repetir o modelo de violência de sua educação familiar, pois, afinal, não quer prejudicar a neta que está por nascer, apesar de sua autoridade ter sido ignorada.

Uma possibilidade

[...] Eu fiquei um bom tempo doente, aí depois, eu pedi pra Deus “Meu Deus, me ajude que eu faça esquecer isso tudo...” – como é que diz? Que eu acostume, porque esquecer a gente não esquece, né? – “...que eu acostume, que eu fique mais serena, que eu fique calma, não precisa eu desanimar porque ela não é a primeira que faz isso; eu não vou ser a primeira nem a única mãe a passar por isso...” [...] Eu fiquei na minha, fiquei uns dias nervosa, que eu nem queria falar! Falavam eu nem respondia! A gente fica perturbada, é uma coisa muito ruim! Fica uma coisa ruim na cabeça, no coração, fica tudo ruim! Aí, eu fui me pegando com Deus, me pegando com Deus? [...] Aí, Deus me ajudou, aquilo começou a sair! Da minha mente, da minha cabeça, do meu coração, com toda a raiva, desgosto, tudo que eu tava tendo, tudo começou a sair! Digo “Ainda bem! Graças a Deus saiu!”. [...]

Abalada a ponto de adoecer, a “Gardênia – fervorosa, mas não religiosa” parece também ter sido atingida, demorou um pouco para reagir, mas recorre a Deus diante de mais um aparente impossível, para conseguir superar o evento sem volta. Além de perceber que não fizeram o que ela ensinou e aconselhou, há também o incômodo do abalo moral sutilmente apresentado na fala de que a filha não é a primeira a fazer isso nem ela a primeira e última mãe a passar por isso. Ou seja, apesar de Gardênia ser mãe solteira e ter duas filhas de dois pais diferentes, ela demonstra a interiorização do moralismo machista de herança religiosa quanto a uma mulher engravidar sendo solteira. Percebemos que a preocupação não é exatamente a de a filha passar pelas dificuldades que ela passou. Há crise de perda de poder (não seguiram o que ela falou) e de moralismo, ou seja, há a possibilidade de uma ruptura na normatividade interiorizada. Novamente, há o apelo ao extraordinário, Deus é evocado por Gardênia para enfrentar e vencer a situação para que mude o que há em sua mente, para sair a raiva. Mas, acontece mais do que isso, como será visto.

QUANDO GARDÊNIA, ELA MESMA

Uma grande mudança

Hoje em dia, eu me vejo assim: eu achava, eu... Sei Lá! Eu tive os filhos, e eu achava que eles tinham fazer o que eu queria ou o que eu gostaria que eles fizessem... [...] Não

tem nada a ver! A minha vida é uma, a vida delas é outra! A gente cria os filhos pro mundo, a gente só deve criar eles bonitinho, arrumado, trazer eles com saúde, com a barriga cheia, dá estudo pra eles enquanto eles quiserem porque não interessa a gente forçar. [...] O impacto foi grande! Mas... Tudo bem! Já estou me levantando! Aliás, eu já me levantei! [...] Graças a Deus o rapaz que ela achou, é um rapaz maravilhoso (palavra dita com ênfase), que eu nunca (palavra dita com ênfase) pensei que ele fosse ser um rapaz daquele! [...] Então, graças a Deus!

Gardênia supera o ocorrido e começa a entender que seus conselhos, orientações e experiência de vida, depois de compartilhados, podem ser aceitos ou não. Ela começa a conquistar a liberdade de reconhecer a liberdade dos outros; de distinguir proteção de controle. Seu consolo e fortaleza permanecem na busca do extraordinário, em Deus, para superação, na forma de fortalecimento psíquico. Fica evidente a mudança com relação à normatividade interiorizada. No diário de campo foi anotado um comentário da Virgínia, no intervalo da terceira entrevista, quando nos serviu café e Gardênia falou de sua netinha para ela. Virgínia lembrou Gardênia de uma conversa que tiveram: “Não falei que você tinha de ter paciência, que as coisas iam se resolver e você precisava aceitar?”. Fica a evidência da colaboração de Virgínia com o entendimento adquirido por Gardênia para livrar-se da raiva.

A partilha da liberdade

[...] Comecei a pensar na minha vida, porque eu achava que... Não sei por que eu entendia que ela tinha que... Ficar dentro de casa comigo, estudar, se formar, pegar um emprego, depois arrumar um casamento, casar... Por que é que eu tinha na cabeça de... de ela ter que seguir tudo isso, que eu queria que ela seguisse? Era eu que gostaria que ela seguisse esse caminho! Mas, não era ela que queria que seguisse! Então, eu me achei um pouco... é... Deixa ver como é que eu digo... Eu me achei um pouco pegajosa! Sabe? De querer que ela fizesse uma coisa que não... Não tava nos pensamentos dela! Tanto que essa outra (Flor 2), eu já... Eu converso com ela! Tudo bem, bonitinho, eu converso direitinho, explico as coisas pra ela, mas eu não tô mais segurando [...] Diga pra mim `mãe, eu não quero o que a senhora tá pedindo pra fazer. Eu quero fazer isso. Posso fazer isso?`. Aí, eu vou perguntar pra você: é do seu gosto? É da sua vontade? Você tem certeza de que você vai se dar bem?, `vou!`. Deus acompanhe, então, vá em frente!” [...] Olha como é a cabeça da gente? Olha como é o pensamento! Olha como é o ser humano! E eu que falava tanto, quando eu via uma pessoa, uma mãe muito segurando uma filha “Faça isso, faça aquilo”, eu dizia “Por que não solta a menina?”. daí [...] eu me vi fazendo isso! Eu digo “Nossa! Olha eu fazendo a mesma coisa!”. [...] Eu não entendia! Ignorância...porque, às vezes, a pessoa diz “Eu não sou ignorante, não!” Muita coisa do que a gente faz tá dentro da ignorância... [...] Eu fazia isso (palavra dita com ênfase) e achava que tava fazendo o melhor! (breve silêncio) O melhor pra pessoa quando a pessoa se emancipa, fica emancipada com uma certa

idade e diz “Não! [...] Eu acho que eu fiquei com uma criação, como a minha mãe porque a minha mãe e o meu pai foram assim. [...]

Gardênia conscientiza-se da herança parental de controle e autoritarismo e, finalmente, liberta-se. Seu entendimento de ficar emancipada é: o que há de melhor para uma pessoa, é crescer e saber dizer não. Ou seja, assumir sua vida, fazer escolhas, desenvolver autonomia. Ela se deu conta também de que o padrão socialmente estabelecido de um filho ficar dentro de casa com os pais e seguir nos estudos, arrumar emprego e casar, não necessariamente precisa ser cumprido. Só se for da escolha da pessoa. A partir do enfraquecimento da “Gardênia – guerreira poderosa” e da “Gardênia – que ensina e aconselha”, vai se desenvolvendo a “Gardênia – eu mesma”, também em função de *fortalecimento*

Baixando a guarda

Na semana passada, meu irmão falou assim “Gardênia, você ainda é tão jovem... Você está jovem, está inteirona... por que é que você não caça um namorado?”. Eu digo “Eu vou pensar na sua sugestão”... Depois, eu chego em casa cansada do serviço e penso “Ainda vou querer namorado no meu pé?”... Tem um cunhado meu, que mora com a minha irmã há uns 10 ou 12 anos, o Ronaldo... Se eu achasse um homem como o Ronaldo, vá lá! E a minha irmã não sabe dar valor ao cara, acredita? A minha irmã vai perder aquele rapaz, depois ela vai se arrepender! Porque o que ele faz com ela, ele cria a filha dela... Ele faz tudo dentro de casa! Ele cozinha, ele lava, ele passa...Trabalha como um louco da vida e põe todo dinheiro na mão dela! [...] Como aquele homem, não tem! É educado, ele não grita com as filhas dela, ele não xinga, ele não bate... Eu nunca (palavra dita com ênfase) vi um homem daquele! Não tem! Ali na favela? Só tem ele! [...]

Gardênia não está fechada à possibilidade de ter um namorado, mas, em seu meio (a “favela”, como diz) é raro, conforme ela, pois as qualidades do homem que almeja são de um ajudador no lar e na orientação dos filhos, provedor financeiro/trabalhador, que seja educado e não violento. Ao descrever as qualidades que busca em um parceiro, ela apresenta a realidade predominante do perfil de gênero de seu meio social. Seu ceticismo anteriormente apresentado parece estar diminuindo.

Um novo referencial masculino

[...] Mas, a minha neta hoje em dia chegou, tem 4 meses, é linda, maravilhosa! Quando olha corre pra me dar aquele sorriso Colgate! [...] o pai, assim que chega do serviço, vem pegar ela. Nunca deixa comigo até às 11, quando a mãe passa da escola. [...] “Não, é pra não cansar a senhora porque a senhora trabalha o dia todo!”, eu digo “Você também trabalhou o dia todo! Você é jovem tudo bem, mas também trabalhou o

dia todo” [...] Por enquanto a experiência tá boa, tô gostando, eu quero muito bem a bebê, também quero bem a minha filha, não tô com raiva dela... [...] Aí, ela (Flor-1) arrumou uma creche, mas, aí, ele danou-se! Não quis! Quando ela chegou “Arrumei uma creche pra botar a Flor 3”, ele disse assim “Não vai, não! A Flor 3 só vai pra creche com 1 ano! Antes de 1 ano, ela não vai!”. E eu dou toda a razão pra ele! Eu também quando ganhei elas, eu não botei elas na creche com menos de 1 ano! [...] Aí, ele disse “Já que você quer trabalhar, por que não procura a Avon? Não faz uma prova no Avon pra vender? Porque as suas tias vivem tirando coisa no Avon, sua mãe tira” – porque eu vivo tirando coisa no Avon! É rara a vez que eu não deixo lá cem, cento e pouco de compra do Avon, então! Eu falo pra ela “Porque Avon você pode pôr ela no carrinho e sair vendendo pra suas tias, suas primas, você tem gente de mais... Suas amigas, você tem muita amiga!... As professoras, faz isso! ”. Ele... Ele tem uma cabeça maravilhosa!

A experiência de ser avó, de ser sogra, traz para Gardênia em um primeiro momento a possibilidade de conhecer um novo referencial masculino em sua vida. Seu genro demonstra ser cuidadoso ao querer poupá-la de trabalho desnecessário e é grato à sua atuação como avó; é amoroso e cuidador da filha, posicionando-se como marido e pai em defesa da criança; é compreensivo às necessidades e desejos da companheira e a apoia, mas ajudando a pensar priorizando a filha do casal. Isso não passa despercebido a Gardênia que reconhece no genro uma mentalidade masculina diferente das que ela está acostumada a lidar em sua vida até o momento.

Tal reconhecimento mostra que Gardênia tem uma postura bem definida e consciente sobre ter um companheiro ou não a seu lado, no que diz respeito a saber que existem homens diferentes, mas, que não são a maioria dominante em sua realidade social. Não se trata de um trauma, e sim discernimento e escolha de qualidade de vida.

A maternidade da avó

De vez em quando me dá cada dor de cabeça (frase dita com ênfase silábica)... Aí, eu digo assim “Jesus! Flor-1 casou, saiu de dentro de casa, mas ela continua (palavra dita com ênfase) me dando dor de cabeça!” Aí, minha mãe um dia disse “A gente é mãe, Gardênia, até a gente morrer! Enquanto a gente é viva, e os filhos tão com a gente, eles podem tá no fim do mundo, a gente continua sendo a mesma mãe, porque quando eles têm qualquer dorzinha de cabeça, eles tão por lá, adivinha pra onde eles correm? É pra nós! Então, não se preocupe não, minha filha! Que ela vai vir o tempo todo pra você, então você relaxe, quando você quiser fazer, faz; quando não quiser, passe a mão nela, puxe as orelhas dela, pra ela aprender; conversa com ela e pronto! Vai vivendo!”; eu digo “Tem razão! Eu tô ficando mais velha, e eu tenho que aprender!”.

A experiência da maternidade de Gardênia vai sendo modelada fase a fase de sua vida e vai fazendo com que ela e sua mãe compreendam-se melhor e compartilhem o ser

mulher, ser mãe e ser avó. Gardênia se dá conta de que sempre terá o que aprender, que a vida é mudança constante. As três gerações – avó, mãe e filha – estão vivenciando a maternidade em momentos diferentes e em integração e interação entre si; as três gerações têm a experiência de relacionamento com alguém do sexo oposto de forma diferente: 1- A avó: tirania acompanhada, 2 – Gardênia: independência solitária, 3 – Flor-1: construção conjunta. Mas, a relação do feminino entre si não é diferente: cooperação, compreensão, ajuda de geração a geração.

Voltar para trás?

[...] Mais tarde, a mãe se manda pro mundo com o pai pra trabalhar e eu tenho certeza que ela vai pra lá! (breve silêncio) Eu tenho certeza que ela vai! [...] Porque eu já tô vendo porque ela não foi procurar a creche da menina, porque essa creche aqui quer que a gente ponha o nome pra 1 (palavra dita com ênfase) ano, depois a creche pegar. Ela não pôs o nome dela lá, ainda. Entendeu? E eu tô vendo que eu é que vou ter que fazer isso! Porque eu não vou ficar com o bebê dentro de casa o tempo todo comigo. 1 ano, 2 anos, ela grandinha... [...] Eu vou voltar para trás tudo de novo! Eu vou lavar, passar, cozinhar, trocar fralda e... Não é? [...] Fiquei avó muito nova, né? (breve silêncio) Ah! Eu não queria ser avó agora, não! Queria ser avó lá... Sei lá! Com uns 70 anos! Aí, assim, tudo bem! Mas, avó com 54 anos! [...] Gente, eu sou muito nova pra ser avó! [...] Aquela coisa gostosa (palavra dita com ênfase) quando ela me encara e abre aquele (palavra dita com ênfase) sorriso! Aí, fica batendo palminha e fazendo “brrruu”... Cada coisa que ela faz pra mim!

Embora amorosa e colaboradora para com a filha (Flor-1) no cuidado da neta, Gardênia tem a devida noção de seu papel de avó ter limites para o bem de sua liberdade e qualidade de vida conquistada. Ela não vai voltar atrás; pretende continuar caminhando, progredindo. As personagens “Gardênia – mãe solteira e avó”, a “Gardênia – com vida nova cuidando de si” e a “Gardênia – eu mesma” estão em dinâmica de desenvolvimento; já a “Gardênia – trabalhadora consumidora”, a “Gardênia – guerreira poderosa” e a “Gardênia – fervorosa, mas não religiosa” estão em enfraquecimento.

Extravagâncias

Penso de fazer uma extravagância, mas aí o meu dinheiro tá meio pouco, mas acho que dá pra fazer! Mas, aí eu tenho que levar as duas, porque eu não quero ir sozinha, eu quero levar as duas!... Conhecer minha terra... Por que as duas nasceram e se criaram... nasceram e tão se criando aqui, as duas são filhas daqui mesmo...só que são filhas de pai baiano, de pai piauiense...não são filhas de homem daqui! Elas nasceram aqui, mas não são filha de gente daqui! ...

O futuro de Gardênia inclui mostrar sua terra natal para as filhas, o que entende ser mostrar para as filhas de onde também elas vêm, pois, apesar de terem nascido no Sudeste, não são filhas de gente daqui. Pela primeira vez, Gardênia mostra ter orgulho de sua origem cultural que para ela permanece distinguindo-a e às filhas também “da gente daqui”. Viajar a lazer é extravagância; só viajou até hoje em busca de uma vida melhor, como migrante em busca de trabalho. Mas, veremos que isso a remeterá à compreensão maior de sua mudança.

Até onde a perna alcança...para frente

Me acho! Hoje em dia, eu me acho! Porque as coisas que eu quero, eu não...eu não sou uma pessoa de querer, por exemplo, é... “Ah, Fulano tem um carro! Então, eu preciso ter um carro! Eu tenho que ter um carro!”. Aí o fulano tem uma casa arrumada, eu quero ter uma casa arrumada... Eu não imagino isso, não! O que Deus me deu, o que Deus tá me dando, tá bom! Então... Tá bom! Tá vendo? Eu não vou dizer que eu vou ficar só nisso... Eu tô indo pra frente, aos pouquinhos. Até onde a minha perna alcança, eu tô pondo a passada! Mas, eu tô bem, tô feliz, tô tranquila... Tô realizando meus sonhos... Tô vendo que elas tão se encaminhando bem! (breve silêncio) [...] Queria ver a Flor 3 moça feita, chegando “Vó, vó!”, [...] Eu queria ver a Flor 3 fazendo isso comigo! Eu gostaria muito! Mas, se caso eu não tenho que viver esse tempo, o que eu tinha pra viver, eu já vivi! E de agora por diante, de um tempo desse pra cá, depois da Flor 1 (da gravidez), de 2013 pra cá, eu tô vivendo... mais! Intensamente, sabe? As coisas que eu quero fazer, eu tô fazendo... Eu quero fazer, eu vou fazer; eu quero comer, eu vou comer; eu quero vestir, eu vou vestir... Eu vou pra tal lugar, eu vou! Eu tô fazendo! Porque as coisas que eu venho vendo no mundo... Tá meio estranho! Tô conversando aqui com você, saio na porta, levo um tiro de bala perdida e pronto, caio dura! Já que tá assim as coisa, eu vou viver enquanto Deus me der... vida pra eu viver... Eu vou vivendo! E no mais, tá tudo bem!

Nessa nova etapa de vida, permanece a evidência de que as personagens “Gardênia – mãe solteira e avó”, a “Gardênia – com vida nova cuidando de si” e a “Gardênia – eu mesma” estão em dinâmica de desenvolvimento; já a “Gardênia – trabalhadora consumidora”, a “Gardênia – guerreira poderosa” e a “Gardênia – fervorosa, mas, não religiosa” estão em enfraquecimento.

Gardênia não é obstinada por consumo, não é consumista, mas não se priva do que quer. Após a gravidez da filha, aprendeu que não cabe a ela decidir a vida dos outros, só a sua mesma. Continua a menção ao extraordinário, pois há imprevistos e a certeza de que a morte chega a algum momento, e ela não tem a pretensão nem o poder de controlar. Mas, o que ela quer ela faz enquanto pode. A relação com o extraordinário desenvolveu-se da tradição memorizada, para o fortalecimento psíquico e, agora, para o

exercício da vontade. Certamente, a interação entre as personagens e as experiências que Gardênia vier a ter vão proporcionar mais mudanças. Gardênia está vivendo a vida intensamente e feliz.

O curso do futuro

Como eu me vejo no meu futuro?... Olha, eu...ainda não parei pra pensar! ... Como eu me vejo no futuro... Eu só sei que eu não quero volta pra trás, não! Eu quero olhar pra frente, entendeu? Eu quero ir mais pra frente... Eu...eu ainda penso... eu ainda penso de fazer uns cursos de língua, que eu acho muito bonita a língua espanhola...Eu não acho bonita a língua inglesa, não! Mas, como a gente precisa dela, então eu... então eu posso estudá-la... ela é uma necessidade,... Então, mas... a língua espanhola eu acho muito linda a língua espanhola! Nossa Senhora, eu acho aquela língua linda!... Então... eu ainda penso em fazer...um curso disso, também... Essa prefeita que eu nunca vi! Meu Deus do céu, bem que os prefeitos podiam ajudar a gente, mas nunca ajudam! Aí, tinha curso de uma porção de coisa! Tinha curso de costura, tinha de bordar – que eu acho bom também um curso de bordar, olha aí uma coisa que eu pretendo fazer: um curso de bordar.

Ainda há desejo de desenvolvimento, não mais por necessidade, mas, por prazer. A “Gardênia – com vida nova cuidando de si” e a “Gardênia – eu mesma” oferecem uma dinâmica em que a Gardênia só quer olhar para frente. A vida que era de sobrevivência, tornou-se enfrentamento, depois luta, mas agora é para ser vivida, é para se fazer o que gosta, como já apareceu anteriormente. É um novo projeto. Cabe observar que uma única vez aparece diretamente um comentário de Gardênia sobre política, ou melhor, políticos em exercício de cargo público: nunca ajudam.

Quem eu quero ser

Quem eu quero ser? Ah... Eu não sei quem eu quero ser. Eu acho que do jeito que eu estou, eu quero ser eu mesma! (breve silêncio) E não penso... Tem hora que eu penso, às vezes, de fazer... Sei lá, mais tarde, se os netos vão deixar, de fazer mais alguma coisa, de procurar... Sei lá! Um curso? Uma coisa pra fazer assim... Ainda penso, porque tem coisa que eu acho bonito fazer, como costurar... Eu queria fazer um curso pra costura, bordação... Acho lindo bordado! Mas, será que os netos vão deixar eu fazer isso? [...] Não é não? (risos)

Gardênia tem a pretensão de ser ela mesma! Entendo que essa expressão, aqui, não significa o desejo de estagnação, de permanecer a mesma; e sim autenticidade pela autonomia. Tem planos de fazer mais coisas, aprender por prazer e não obrigação; hoje, é dona de sua vida é ela mesma e não o que os outros determinam que ela seja. Até mesmo os netos, seu poder de interferência em sua vida, é pelo amor que ela sente por eles. Não opressão imposta.

O grande final ou um grande começo?

A avó, hoje, tem aquele pensamento que eu tinha lá com 8 anos de idade, meus 10 anos, meus 15 anos, por aí assim, nossa! Tem... Sabe que tem hora que eu fico na cama deitada... E meu sono não vai embora? Pensando isso tudo! [...] Pras coisas que eu pensava, pra hoje? Nossa (palavra dita com ênfase)! Que diferença! Meu Deus do céu! (breve silêncio) Tem hora que eu digo “Que diferença é essa!?!”... Ah! Não tenho mais aqueles pensamentos, não! Mudou muita coisa! Mudou o jeito de pensar, mudou o jeito de ver, mudou o jeito de conversar, mudou o jeito de agir... Tudo! Mudou tudo!

O espanto toma conta de Gardênia, quando ela pensa em tudo que viveu até hoje. Da menina catadora de caranguejo no mangue e roceira, para a jovem avó dona de si mesma, houve uma grandiosa mudança, em muitas mudanças. Mudou a forma de pensar, de ver a vida, de se comunicar e agir; o que ela resume em "tudo". Ou seja, não é apenas a idade que passou; ela não é mais a mesma. Aqui se tem a expressão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação que, pelo desenvolvimento do agir comunicativo, proporcionou autonomia em busca do desenvolvimento do sentido emancipatório. Mas, como a própria Gardênia já afirmou, é preciso seguir à frente, para entender melhor como se deu esse desenvolvimento.

2.3 O sentido emancipatório de Gardênia

A narrativa da história de vida de Gardênia, sua autobiografia interpretada, compõe um mosaico complexo de processos que se interconectam, assim cabe detalhar alguns aspectos, para a compreensão do desenvolvimento do sentido emancipatório. O primeiro processo que podemos identificar é o proporcionado pela dinâmica das personagens (Apêndice), quanto aos tipos de formação, como os dados do Quadro 1 apresentam resumidamente a seguir.

Quadro 1 – Tipos de Formação das Personagens de Gardênia

As Personagens	Tipos de Formação
• Pestinha cobrinha • Útil e funcional	• Por <i>atribuição</i> de papéis impostos por outros atores diante dos problemas e necessidades existentes no contexto familiar.
• Oprimida em fuga	• Por <i>conflito</i> de Gardênia na percepção do contraste entre a realidade familiar, com atores que interagem com Gardênia, mediante violência, desprezo e exploração e a realidade social, com atores que a respeitam, defendem, ensinam, cuidam e protegem
• Com fome de vida nova	• Por <i>conciliação</i> de interesses de Gardênia com oportunidades surgidas por meio de eventos concomitantes à realidade do contexto familiar e à do contexto social externo.
• Que pena, mas aprende rápido	• Por <i>adaptação</i> de Gardênia ao tipo de atividade profissional, a fim de atender aos interesses dos atores para quem trabalhava como assalariada, sendo, primeiro, no centro urbano de Estância/SE (fábrica; trabalho em produção), depois, em centro urbano do Guarujá/SP (em residência; trabalho doméstico e em outra cultura). Este último incluindo a adaptação aos hábitos e costumes da nova cultura, além do tipo de tarefas.
• Mãe solteira • Mãe solteira e avó	• Por <i>interconexão genético-afetiva</i> entre Gardênia e outros atores. Primeiro, entre Gardênia e a sua filha Flor-1; depois, entre Gardênia, sua filha Flor-1 e Flor-3, sua neta. A <i>mudança corporal</i> e a <i>decisão</i> de não interromper a gravidez e ter a criança por parte de um único ator são os fatores que efetivam a formação inicial da personagem e a mantém, além de provocar a emergência de outros papéis/personagens nos outros atores diretamente envolvidos. Ocorre a ruptura de aspectos da política de identidade de invisibilidade, da “severinidade”, impulsionando o surgimento de outras personagens que darão continuidade à ruptura.
• Trabalhadora e consumidora • Que engole sapo porque precisa • Fervorosa	• Por <i>intenção da autonomia</i> de Gardênia em romper cada vez mais com aspectos da política de identidade de invisibilidade, da “severinidade”, provocada uma mudança efetiva na avaliação da relação <i>necessidade – submissão à opressão</i>. Há submissão aos interesses de alguns atores e independência com relação a outros.
• Que ensina e aconselha • Guerreira poderosa • Fervorosa, mas não religiosa • Com vida nova, cuidando de si • Eu mesma	• Por <i>fortalecimento</i> do psíquico de Gardênia, à medida que a capacidade de falar do que se necessita, quer e pensa, vai sendo exercida na dialogicidade e exercício da autonomia.

Fonte: a pesquisadora.

O tipo de formação das personagens indica que as surgidas por *atribuição* caracterizam uma primeira etapa, que antecede o desenvolvimento do sentido

emancipatório. Trata-se da *etapa de sobrevivência* à realidade da relação com os outros atores do grupo familiar, que sendo mais fortes impõem-se (por violência física, psicológica, por condição de desenvolvimento etário, etc.), e as personagens submetem-se totalmente pela absorção passiva da normatividade. A opressão imposta faz com que Gardênia demore a integrar sua corporeidade à consciência de ser no mundo.

Do nascimento aos primeiros anos de vida, primeiro, ela não é gente (peste, cobra), depois ela é objeto, instrumento de trabalho (útil e funcional). Somente com a ampliação da socialização para fora do lar, é que ela começa a perceber que, além de ter um corpo, é um corpo, e precisa de cuidados (produtos de higiene, roupas, etc.) e pode querê-los, pois é gente. Também passa a desejar cada vez mais livrar-se da violência e conhecer a vida a começar pelo dinheiro e o querer ir à escola. A personagem que surge por *conflito* caracteriza esse momento de transição na qual a interação com outros atores sociais, fora do grupo familiar, permitiu o conhecimento de valores diferentes, atrativos que passam a ser assimilados, impulsionando o desejo de mudanças pelo reconhecimento obtido. Mas, a mudança vai demorar um pouco, até a morte do “pai-patrão”. Inicia-se outra etapa do desenvolvimento do sentido emancipatório, a *etapa de enfrentamento*. Nela, as personagens surgidas por *conciliação* e *adaptação* têm o traço comum de terem assimilado os valores dos outros atores com quem interagem, submetendo-se a seus interesses, aos interesses da política de identidade de invisibilidade (no Nordeste e no Sudeste) e à “severinidade” (no Sudeste), com a intenção de enfrentar, encarar o que precisam. Mas, aquelas por *conciliação*, fazem-no pelo desejo consciente de mudança e, as por *adaptação*, para dar continuidade às mudanças iniciadas, havendo o desagrado com a subjugação já percebida, como por exemplo, no fato de Gardênia recusar-se a sentar à mesa com os contratantes).

As personagens por *interconexão genético-afetiva* caracterizam outro momento de transição onde à semelhança da etapa anterior elas também assimilaram os valores dos outros atores com quem interagem, submetendo-se a seus interesses, porém, vão iniciar a ruptura efetiva de aspectos da normatividade, da política de identidade de invisibilidade e da “severinidade”, além de intensificar a busca de autonomia. São personagens que surgem a começar pela *mudança corporal*, mas mantêm-se pela *decisão* do ator gerador; havendo consequente concordância, decisão, dos demais atores em interagir com novos papéis/personagens ou não. Há a percepção do “como me tornei” e não a reificação do “sou assim mesmo” (KOLYNIK, 2005), em ambas as

personagens “Mãe-solteira” e a “Mãe solteira e avó”, evidenciando a decisão, o querer e também apropriação do feminino por meio da conscientização da corporeidade.

Com esta última personagem mencionada, observamos que Gardênia poderia ter interferido na gravidez da filha (Flor 1), implicando no abortamento⁵⁵ ou poderia aceitar a situação mesmo não gostando, e ela decidiu assumir e manter a personagem “Mãe solteira e avó”. Cabe observar que essa etapa é distinta da anterior, porque ao contrário de encarar o que surge e aprender a lidar, Gardênia passa a *lutar contra* para modificar, porém, ainda há em parte a submissão aos interesses de outros atores por necessidades, sobretudo, materiais. Rupturas importantes já se iniciam e abrem caminho às personagens que surgem por *intenção de autonomia e fortalecimento*, caracterizando uma quarta etapa do desenvolvimento do sentido emancipatório, a do *querer fazer*, que indica o efetivo desenvolvimento paulatino do domínio saudável, não opressor nem de permissividade opressiva, por parte de Gardênia nas relações com outros atores sociais, o exercício da autonomia.

Esse primeiro processo apresentado destaca a categoria *atividade* do psiquismo, trata das ações encadeadas para a satisfação de necessidades, na interação com outros atores, por meio da linguagem, o que, por sua vez, envolve o pensamento (plano de ação), que vai se desenvolvendo em função do que já foi realizado (LANE, 2004). Além da consciência de reprodução ideológica inerente aos papéis socialmente definidos, há a reflexão sobre os sentidos pessoais perante o grupo, a possibilidade da consciência de si, de ser “um outro outro que também sou eu” (CIAMPA, 2005, p.187) pela ruptura da identidade pressuposta; a dialética da construção intersubjetiva individuação-socialização em andamento.

O tipo de formação das personagens, seu contexto emergente e interconexões vão indicando o desenvolvimento do sentido emancipatório que, como dito, pode ser percebido nas quatro etapas: a pré-eliminar, de *sobrevivência*; seguida de uma de *enfrentamento* das condições e situação; outra de *luta* contra essas condições e

⁵⁵ Eventualmente, pode surgir a dúvida sobre o fato de não se optar pelo abortamento ser indício de normatividade de cunho religioso, mas acreditamos que não se aplica à maioria das mulheres nem ao caso de Gardênia, uma vez que o exemplo de conhecimento e prática de abortamento existia na família. Sua mãe, que é bem religiosa, tentou abortá-la e ficou sem engravidar cerca de 20 anos. Pesquisa recente da Universidade de Brasília (UNB) e da Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ) sobre o perfil de mulheres que abortam no Brasil, indica que a maioria é de jovens de 20 a 29 anos, católicas, com um filho, que adotam a prática como forma de planejamento reprodutivo. As demais, em predominância, são espíritas e evangélicas. Para mais detalhes, consulte <http://noticias.cancaonova.com/estudo-mostra-perfil-das-mulheres-que-praticam-aborto-no-brasil/>

situações; e, por último, a de conquista do *querer fazer*, com domínio das situações. Mais do que isso, vai indicando que, como as personagens/papéis são conjuntos de valores, por serem, representações de si (PERRON *apud* LA TAILLE, 2002), sua dinâmica vai acontecendo à medida que a interação com outros atores vai acrescentando o conhecimento de novos valores que, refletidos, são absorvidos diretamente ou substitutivos de outros.

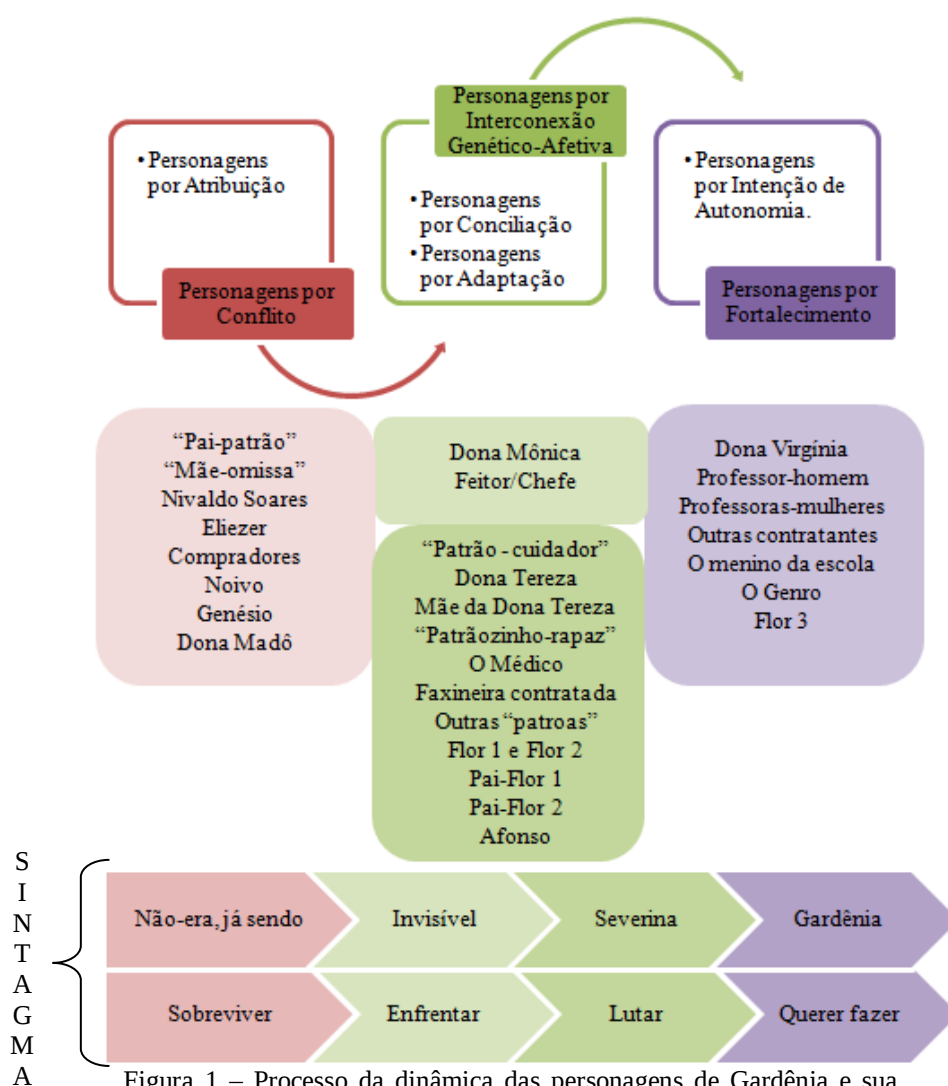


Figura 1 – Processo da dinâmica das personagens de Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.
Fonte: a pesquisadora.

No caso de Gardênia, a relação com os outros atores está fundamentalmente pautada pelas relações trabalhistas motivadoras de seus movimentos migratórios. As

migrações evidenciam a trajetória de Gardênia da invisibilidade para a visibilidade social, quando relacionadas à dinâmica de suas personagens e às etapas do desenvolvimento do sentido emancipatório. Entende-se a mudança nas relações de trabalho como consequência direta do movimento migratório que, aparentemente, é marcado pela mudança de local físico (do mangue para o centro de Estância-SE; do centro de Estância-SE para a casa da “patroa” no Guarujá-SP da casa da “patroa” para a casa própria na periferia do Guarujá-SP); mas a verdadeira mudança deu-se no psiquismo de Gardênia. Cabe observar que a presença de pessoas danosas, opressoras na narrativa de Gardênia vai diminuindo à proporção em que sua visibilidade social vai sendo conquistada.

De modo geral, a narrativa de Gardênia mostra que, desde a concepção de sua vida, houve a presença de pessoas que a reconheceram como um ser humano digno de valor e se condoeram, especialmente de seu sofrimento físico (do mangue para o centro de Estância-SE), de suas necessidades materiais (do centro de Estância-SE para a casa da *patroa* no Guarujá-SP) e dificuldades afetivas (da casa da patroa para a casa própria no Guarujá-SP). Aquelas que a desprezaram, ignoraram e machucaram estão presentes em sua fala apenas até a penúltima migração (do centro de Estância-SE para a casa da *patroa* no Guarujá-SP). Com isso, percebemos também que da *etapa de sobrevivência* até a *de luta*, os atores que interagiram com Gardênia colaboraram não intencionalmente com o seu processo de desenvolvimento de autonomia. Foram pessoas que se condoeram de seu sofrimento, de suas necessidades de capacitação profissional e de bens materiais (alimentos, vestimentas, produtos de higiene, etc.), agindo sob a forma de um assistencialismo não institucionalizado, o que acabou por fazer Gardênia perceber-se melhor no mundo, sua corporeidade e integralidade, o que não deixa de ser válido.

Mas só na relação de Gardênia com os professores da escola e com Dona Virgínia ocorreu a promoção de mudança de valores baseada na intenção de conscientização por parte dos outros atores, estabelecendo a *etapa do querer fazer* e conquistando efetivamente sua visibilidade. Aqueles que colaboraram mais diretamente com Gardênia não estiveram envolvidos em relações trabalhistas com ela. Na modernidade capitalista, onde o mundo da vida está colonizado pelo sistema, há interferência no desenvolvimento da ação comunicativa, sobretudo em função das relações trabalhistas, de concentração do poder e do dinheiro. O desenvolvimento do

agir comunicativo envolve razão prática e a vontade, que é estabelecida por desejos e valores, conforme apresentado na introdução desta pesquisa, o que nos leva à necessidade de tratar os outros dois processos identificados na narrativa da história de vida de Gardênia: o das suas vergonhas e o de sua relação com o extraordinário, que vão dar destaque maior às categorias psíquicas da *afetividade* e da *consciência*, respectivamente. O processo dos contextos provocativos das vergonhas de Gardênia apresenta aspectos interessantes, como os dados do Quadro 2 apresentam resumidamente a seguir.

Quadro 2 – As Vergonhas de Gardênia e seus Contextos Provocativos

As Vergonhas	Os Contextos Provocativos
• Por <i>indignação</i>	• A postura agressiva, “de Lampião”, do “pai-patrão” (vestimentas, fala e atitudes) em contraste com as dos outros homens no convívio social, na festa do povoado do Rio Fundo, no meio rural de Estância.
• Por <i>inferioridade</i>	• A interação com os novos atores da cultura do Sudeste. Gardênia entende comer errado, ter hábitos errados, falar errado, pois o certo, o padrão, é o modo de cozinhar, os hábitos de vida e a forma de falar de São Paulo, do Sudeste. Efeito da política de identidade de invisibilizada, como “severinidade”, que começa a ser experimentada.
• Por <i>erotização</i>	• A aproximação de qualquer ator do gênero oposto para qualquer contato íntimo, em função do moralismo e do medo que se misturam e promovem a postura de “travada”.
• Por <i>transgressão</i>	• A primeira gravidez, quando se torna mãe solteira, e com isso transgride a normatividade social interiorizada, pelo cunho machista religioso e também pela política de invisibilidade quanto à perda de eficiência da força de trabalho.
• Por <i>incapacidade</i>	• A dificuldade de pedir ajuda para atender às suas necessidades materiais, de alimento, de roupas e de recursos financeiros, para sustentar a si e às suas filhas, quando já está morando em sua casa própria.
• Por <i>insegurança</i>	• Dificuldade de falar o que pensa para expressar suas opiniões, no início do ensino médio no curso supletivo da escola.
• Sem vergonha	• Sem dificuldades para se comunicar, seja para pedir ajuda ou para expressar sua opinião ou vontade.

Fonte: a pesquisadora.

Em todo este processo, a vergonha aparece como um regulador moral das relações intrapessoais, como autojuízo de Gardênia para consigo mesma, e interpessoal,

como tomada do juízo alheio (LA TAILLE, 2002)⁵⁶. Embora a vergonha seja, por isso, normalmente associada à heteronomia, uma vez que corresponde à categoria afetiva relacionada ao controle externo, quero propor a reflexão sobre a possibilidade de a autonomia⁵⁷ estar sendo desenvolvida e, por isso, a aparição da vergonha diante do embate com a normatividade. Se observarmos o desenvolvimento do processo de Gardênia, a vergonha por *indignação* já sinaliza seu desconforto na comparação dos valores aprendidos no grupo familiar em contraposição aos do grupo social externo, a ponto de ela falar a seu pai sobre o fato. Ela se sujeita ao “pai-patrão” em função da ameaça de violência, mas deixa clara a sua não aceitação das normas familiares, como prática de vida personificada nele, e deseja mudança. Não se trata de uma mera aceitação passiva da normatividade; ao contrário, há questionamento, indignação por ter de sujeitar-se a algo que abomina.

As vergonhas por *inferioridade* e por *erotização* são evidências inegáveis da interiorização da normatividade, quanto à “política de invisibilidade”, inclusive do estigma da “severinidade” no caso da primeira, mas lembramos que, em sua narrativa, Gardênia recusa-se a sentar com a família contratante do Sudeste, o que é uma forma de ela manifestar sua visibilidade constrangendo-os (HONNETH, 2004). Ela conhece as regras do jogo, mas as aceita em parte por obrigação diante da necessidade. No caso da vergonha por *erotização*, uma vez que Gardênia tem acesso às informações sobre as possibilidades de proceder à abordagem do gênero oposto e o que gera prazer ao homem e à mulher, ela permite-se experimentar. Há uma predisposição a buscar e seguir outro caminho que não o imposto, há questionamento e curiosidade para experimentar. Há também uma nova tomada de consciência da individualidade pela corporeidade pela vivência da percepção do limite entre o meio, o eu e o outro (KOLYNIK, 2005), e assim, ocorre a superação do estado de “travada”. Quando surge a vergonha por *transgressão*, sem dúvida, há o receio pela possibilidade de punição, tanto por perda da força de trabalho como por Gardênia ser solteira e estar grávida, mas em ambos os casos, ela opta por enfrentar a ruptura da normatividade: nem aborta, nem deixa de trabalhar, mesmo estando limitada fisicamente, suportando o desagrado da contratante.

⁵⁶ Segundo La Taille (2002), só nos últimos 15-20 anos a vergonha voltou a ser objeto de interesse de pesquisadores, dentre eles Harkot-de-La-Taille, Lewis, Tosseron, Ades, Araújo e o próprio La Taille.

⁵⁷ O pesquisador Michael Lewis (ARAÚJO, S/D) identifica a vergonha como uma emoção secundária, assim como ciúmes, a empatia, o embaraço, o orgulho e a culpa, uma vez que esses sentimentos envolvem uma consciência de si, envolvem a elaboração de processos cognitivos complexos, a noção de *self* e avaliação global que o sujeito faz de si.

As vergonhas por *incapacidade* e por *insegurança* dão-se pela percepção de Gardênia não ter ainda recursos internos, o fortalecimento de seu psiquismo para falar do que precisa e expor o que pensa e quer. Há limitação de recursos, mas há consciência da mesma e busca de superação, que deve ocorrer pela ação. Somando-se o processo da dinâmica das personagens, quanto a seu tipo de formação e ao das vergonhas de Gardênia, as categorias psíquicas *atividade* e *afetividade* mostram-se mais evidentes, porém, a tensão entre normatividade interiorizada e busca emancipatória, representada pela vergonha, dão indícios de que é o movimento da *consciência* propiciada pela *atividade*, que impulsionou a *afetividade* quanto ao sentimento/emoção e o processo de seus contextos provocativos.

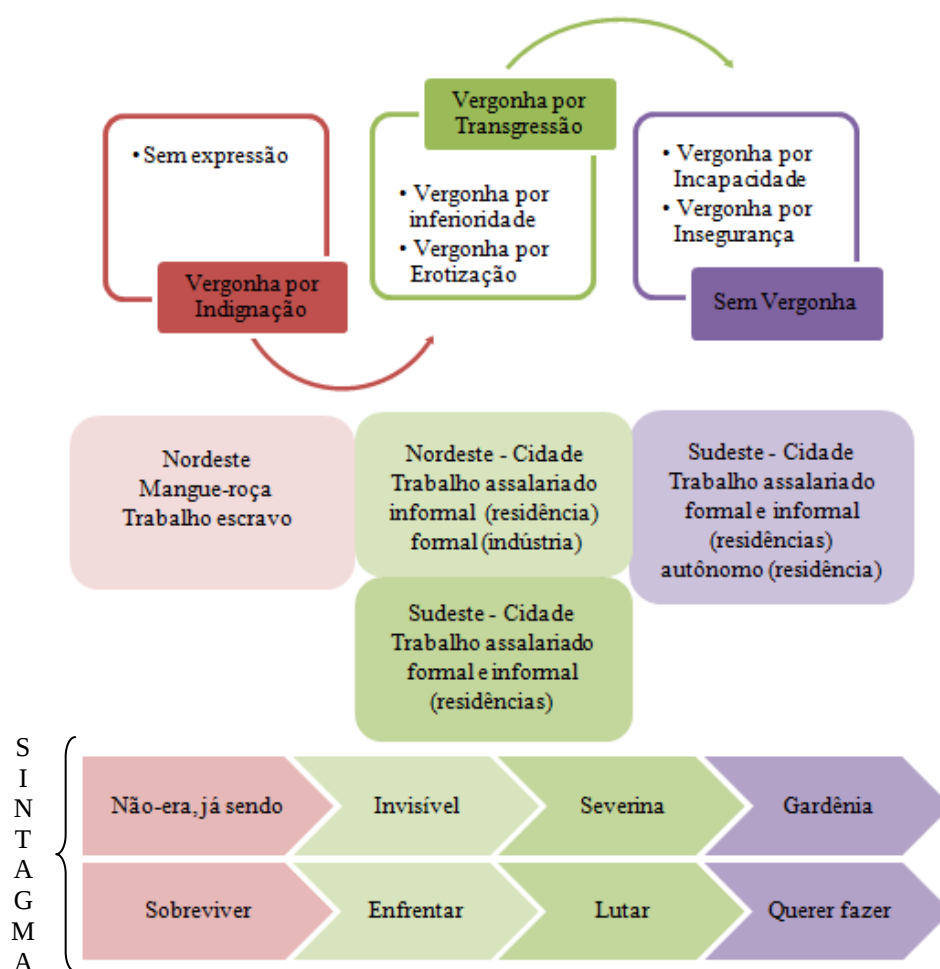


Figura 2 – Processo dos contextos provocativos das vergonhas de Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Fonte: a pesquisadora.

Para deixar mais claro o que propomos, cabe apresentar o terceiro processo identificado, o da relação de Gardênia com o extraordinário, baseada em seu contexto evocativo. Este processo pode-se resumir nos dados do quadro a seguir:

Quadro 3 – O Extraordinário para Gardênia e seus Contextos Evocativos

O Extraordinário	Contextos Evocativos
• Tradição e memória	• Observação da “mãe-omissa” diante de necessidades de sobrevivência da família (fome, doenças, futuro dos filhos, etc.). Momentos de angústia e desespero. • Ausência de coragem para enfrentar a normatividade social no contexto das relações do grupo familiar, violento e opressor, na pessoa do “pai-patrão”, que mantém Gardênia na condição de escravidão. Como ela não tem essa coragem, recorre a um noivo.
• Evocação de coragem para falar de suas necessidades materiais; força para resistir e enfrentar as dificuldades; e vida para experimentar a mudança.	• Enfrentar a normatividade social no contexto das relações trabalhistas para pedir ajuda (alimentos e roupas) e também reivindicar melhores condições de trabalho e de remuneração, pois não consegue sustentar a si e às filhas.
• Evocação de coragem para expressar seus pensamentos, opiniões e desejos; força para resistir e enfrentar as dificuldades; e vida para experimentar a mudança.	• Enfrentar a normatividade social no contexto das relações trabalhistas e pessoais para reivindicar reconhecimento.
• Expressão de vontade própria	• Exercício da autonomia.

Fonte: a pesquisadora.

De representação de tradição e memória, o extraordinário transforma-se em recurso de capacitação para a ação corajosa e conquista de resistência e firma-se como vontade própria, especialmente após o impacto da experiência de Gardênia na escola, quando o fortalecimento do psiquismo passa a se desenvolver; colaborando para a mudança no sentido emancipatório, da *etapa de lutar* para a do *querer fazer* e, conseqüentemente, para a eliminação da vergonha, da forma pela qual aparece em sua vida até o momento. Esse processo de mudança dá-se concomitante à migração da subjugação do trabalho escravo à conquista de desenvolvimento do trabalho assalariado e autônomo; e da formação de personagens *por atribuição* à formação *por fortalecimento*. Por interposição, vai ocorrendo a internalização do Deus de Gardênia e

o desenvolvimento de seu agir comunicativo pela apropriação crescente da consciência de si; ela vai adquirindo competência interativa.

Observamos que, na complexidade sócio-histórica da realidade brasileira, os padrões morais ainda são muito arraigados à religiosidade e fundamentados na recorrência ao extraordinário pela formação dada, sobretudo, pelo cristianismo institucionalizado, seja católico-apostólico-romano ou evangélico, como dissemos anteriormente, somados à mística enriquecida pela influência religiosa também das matrizes indígena e africana. A tendência é proporcionar a alienação. Para Habermas (1990), na contemporaneidade, o pensamento pós-metafísico continua coexistindo com a prática religiosa, pois embora a religião tenha sido destituída de suas funções formadoras de mundo na Modernidade, continua sendo vista como insubstituível para um relacionamento normalizador com o que é extraordinário no dia a dia, porque a linguagem religiosa ainda traz consigo conteúdos semânticos inspiradores, que não podem ser descartados e que fogem à expressão de uma linguagem filosófica e, por isso, não se consegue substituir a religião (HABERMAS, 1990).

No caso de Gardênia, é fundamental perceber que ocorre a “deflação do extraordinário” (HABERMAS, 1990, p. 58), à medida em que há o desenvolvimento da capacidade de seu agir comunicativo nos atos de fala com outros atores. Ela começa a evocar o extraordinário com base na etapa de desenvolvimento do sentido emancipatório que denominamos *de enfrentamento*, quando na dinâmica de suas personagens já há a percepção do que aceita ou não da normatividade social e o desejo de ruptura começa a intensificar-se, embora as vergonhas indiquem a necessidade de fortalecimento psíquico para tal. Assim, em suas evocações, ela pede coragem, sobretudo, para conseguir falar, o que indica ser o conteúdo semântico da linguagem religiosa aprendido a respeito de Deus, resumidamente, força e poder diante do impossível; pois, ela verbaliza, inclusive, mas, de forma menos enfática, além do pedido de coragem, o de força (para resistir; suportar) e vida (biológica; tempo para fazer o que precisa e quer). É indicativo da pretensão de reconhecimento pelos outros atores, quando em meio aos atos de fala, de expressão de individualidade, pois

no agir comunicativo as suposições de autodeterminação e de autorealização mantêm um sentido rigorosamente intersubjetivo: quem julga e age moralmente tem de poder esperar o assentimento de uma comunidade de comunicação ilimitada e quem se realiza numa história de vida assumida responsavelmente tem de poder esperar o reconhecimento dessa mesma comunidade. De acordo com isso, a minha identidade própria, ou seja, minha autocompreensão como um ser individuado que age autonomamente, só pode estabilizar-se se eu for reconhecido como pessoa e como esta pessoa (HABERMAS *apud* FERREIRA, 2000, p.88-89)

Conforme Habermas (1990), a linguagem promove a individuação e a socialização, concomitantemente, como afirmou baseado na revisão crítica e no aprofundamento dos estudos de George Mead sobre a construção social do “Self” (Eu/sujeito-Me/objeto de si) na relação com o “Outro Generalizado”, dando à dimensão pragmática da linguagem relevância sobre as suas demais funções, a semântica e a sintática. Isto se deve pelos atos de fala possuírem uma dupla estrutura - a proposicional (o conteúdo; o objeto de comunicação) e a performática (que define o tipo de comunicação) - que fazem com que a comunicação abranja, respectivamente, dois níveis: o que se refere ao conteúdo em si e o intersubjetivo, pois promove a compreensão da proposição pela assimilação do sentido e do conteúdo do que foi proferido.

Mas, deve-se entender a estrutura performática, como “ato ilocucionário”; o que permite o reconhecimento intersubjetivo mútuo entre falante e ouvinte, que é bem-sucedido com base no alcance da validade pela pretensão à verdade, à correção, à veracidade e ao sentido. Ou seja, quando há entendimento recíproco, discursivo-consensual, cumprindo as três funções pragmáticas da linguagem: a expressiva, a representativa e a interpelativa de forma bem-sucedida pela concordância mútua dos participantes (FERREIRA, 2000, p. 61-65). Conforme Habermas, esse fundamento do agir comunicativo é baseado nos “atos ilocucionários”; opostos ao agir estratégico, que é pautado em “atos perlocucionários” sendo teleológico. Por isso, é a auto-identificação intersubjetivamente reconhecida que proporciona o fundamento para a afirmação da própria identidade, apoiada na realização do agir comunicativo (HABERMAS, 1983, p.22) no “mundo da vida”.

Na etapa do desenvolvimento do sentido emancipatório que denominei de *querer fazer*, Gardênia já está exercitando a predominância de atos de fala ilocucionários na ação comunicativa, pela vivência do diálogo consensual; já não recorre ao extraordinário em desespero (embora crendo em sua existência como Deus),

e diz que o que desejar ou precisar fazer, ela fará enquanto estiver vivendo; deixou de ter vergonha. Lembramos que as personagens/papéis em dinâmica nesta etapa são as de formação por *intenção de autonomia* e por *fortalecimento* que emergiram, sobretudo, por meio da experiência com os professores da escola e com Dona Virgínia. O ápice do exercício de autonomia de Gardênia, até o momento, deu-se do evento da gravidez de sua filha Flor 1, quando ela adquiriu efetivamente o entendimento de justiça, como igualdade de liberdade e, conseqüentemente, o de solidariedade, como respeito à dignidade humana de cada indivíduo.

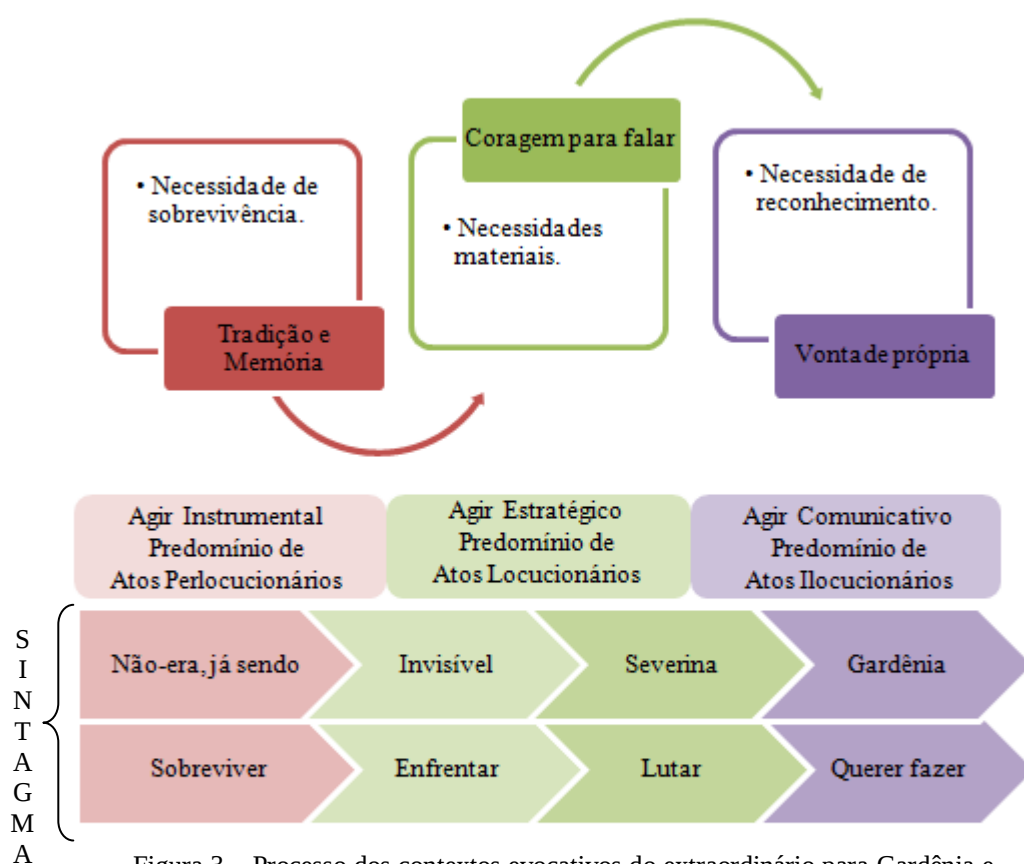


Figura 3 – Processo dos contextos evocativos do extraordinário para Gardênia e sua participação no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.
Fonte: a pesquisadora.

A coexistência e a interdependência dos três processos apresentados, quando compreendidas pela ótica do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, evidenciam que a dinâmica das categorias do psiquismo humano não é um processo linear, nem um movimento sequencial e classificatório exato que permita identificar um

padrão estático de impulsionadores do movimento entre as categorias, sobretudo a da afetividade e a da consciência. Dependendo do contexto, o movimento da consciência parece ser impulsionado pela afetividade que leva à reflexão e à ação; mas, também aparece o movimento da afetividade impulsionado pela consciência, como no caso das vergonhas de Gardênia. Sem dúvida, como já tratado por Friedman (LANE, 1995a), muitas vezes apenas o saber não permite a superação de dificuldades, havendo necessidade de uma ativação emocional, mas é exatamente este saber que entendemos denotar a consciência (consciência de si) presente, que no caso de Gardênia, dá-se pela evocação do extraordinário para pedir coragem e não um milagre externo a ela. Não houve um trabalho terapêutico para isto, como no caso da pesquisa de Friedman. Houve o movimento da consciência diante da necessidade, deu-se a atuação da razão prática, pois

a razão prática volta-se para o arbítrio do sujeito que age segundo a racionalidade de fins, para a força da decisão do sujeito que se realiza autenticamente ou para a vontade livre do sujeito capaz de juízos morais, conforme seja usada sob os aspectos do adequado a fins, do bom ou do justo. Com isso, alteram-se a cada momento a constelação entre razão e vontade, e o próprio conceito de razão prática. Com o sentido da questão “Que devo fazer?”, não é apenas receptor – a vontade do agente que busca uma resposta – que muda seu status, mas também o emissor, a própria capacidade (Vermögen) de reflexão prática (HABERMAS *apud* FERREIRA, 2000, p. 129-130)

Diante da dificuldade na qual Gardênia se encontrava, ela precisava solucionar seu problema, determinando o que deveria fazer: falar (primeiro para pedir comida e roupa; depois, para expressar seus pensamentos, sua individualidade). A escolha do meio para alcance da meta é uma escolha racional, a partir de preferências existentes, uma vez que a vontade é estabelecida por desejos e valores. Mas, ao agir, há a consideração do outro por Gardênia, expressa pela manifestação discursiva: em uma situação, ela consulta as contratantes sobre a possibilidade de lhe darem alimento e roupa; em outra, ela compartilha com o professor sua dificuldade e insegurança e ele a incentiva. Esse exercício da razão prática, mediante a manifestação da vontade discursiva, é evidência de consciência de “ser com os outros no mundo”; pois leva em consideração os interesses dos outros (FERREIRA, 2000). A cada uma dessas situações, após efetivar a ação, Gardênia vai adquirindo a coragem almejada e se fortalecendo. Consciência e afetividade interagem e desenvolvem-se mutuamente, na motivação e

operacionalização da conduta e no que diz respeito à dinâmica das personagens; surgem novos papéis/personagens em meio à atividade, e o desenvolvimento do sentido emancipatório continua.

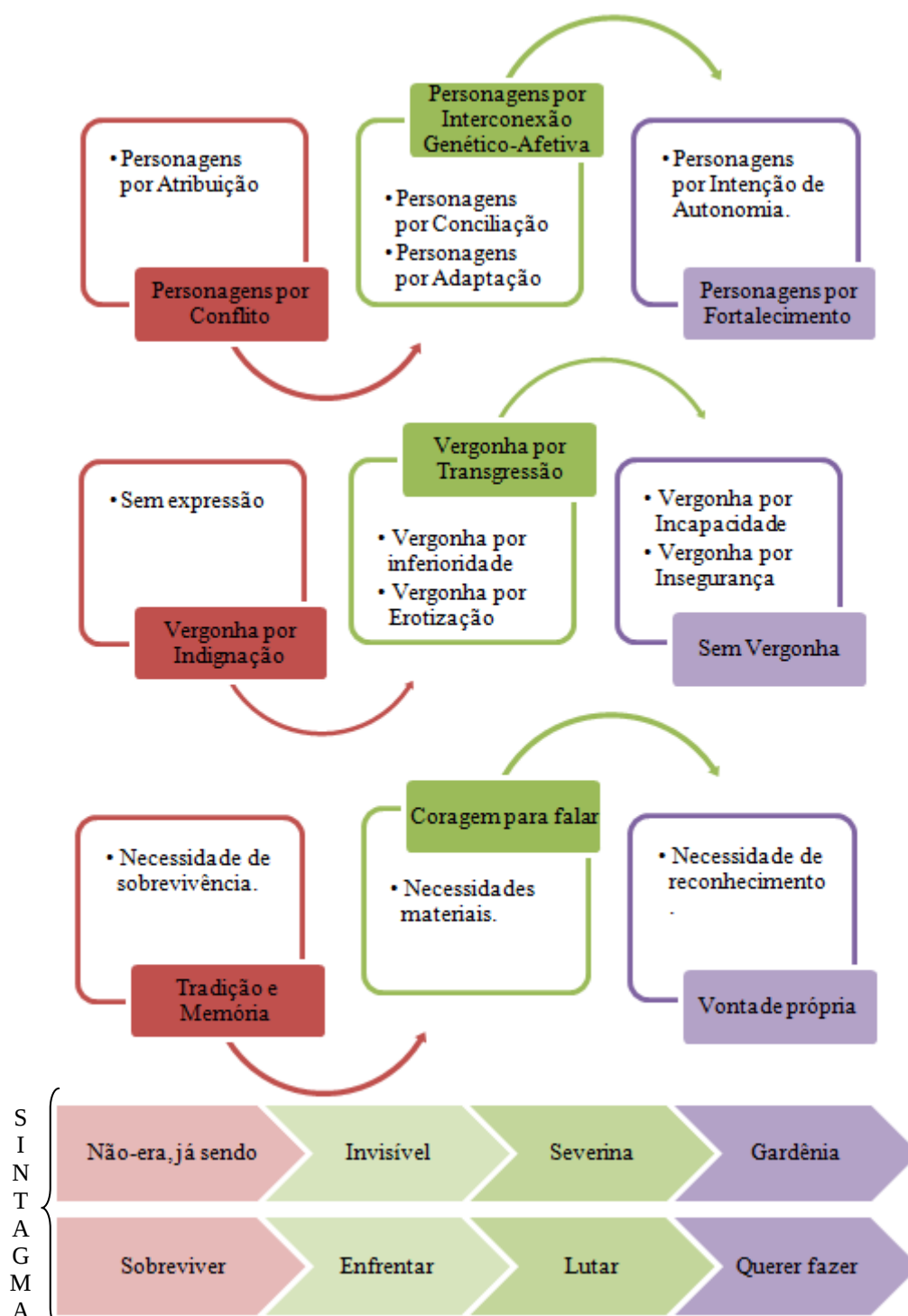


Figura 4 – Os processos de Gardênia e o sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Fonte: a pesquisadora.

Percebemos também que da *etapa de enfrentamento* em diante é que ela começa a partir para a definição de um projeto de vida. É nessa etapa que ela deixa de morar na casa de seus contratantes e vai para a casa própria, e na etapa seguinte, a *de luta*, começa a trabalhar para outras contratantes com a intenção de desenvolver sua situação econômica, que naquele momento significa desenvolver sua autonomia. Dando sequência ao desenvolvimento do sentido emancipatório a *etapa do querer fazer* efetiva-se quando Gardênia vai para a escola e já conta com a Dona Virgínia como a nova proprietária da casa que é a fonte principal de seu sustento, mas não mais a única.

As personagens por *intenção de autonomia* e as por *fortalecimento* fazem Gardênia exercitar mais sua autonomia a ponto de perceber que pode realizar atividades por prazer e não só obrigação, como costurar e aprender um idioma que admira; entendimento este que tem seu ápice na compreensão de que isto vale para suas filhas também. Ela finaliza sua narrativa autobiográfica tendo efetivamente um projeto de vida: viajar a passeio e não migrando em busca de trabalho; fazer algum curso que lhe dê prazer, sem a obrigação de ser uma capacitação profissional; trabalhar o suficiente para se manter e consumir o que quer sem a dependência do consumismo ou a luta para a subsistência; viver a vida, portanto, e não suportá-la, enfrentá-la ou lutar contra a mesma. Ela tem por pretensão ser ela mesma, exercer o querer fazer, a vontade própria, sem vergonha; pois, para quem “não-era”, migrou para a invisibilidade, tornou-se Severina, mas chegou a Gardênia e daqui para frente estará sendo quem quiser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher nordestina migrante vem sendo aprisionada em uma identidade carregada de não reconhecimento, forjada por uma política de identidade de invisibilidade social construída desde os tempos da colonização do Brasil. Ela é invisível por sua etnogenia, é invisível por seu gênero, é invisível por seu tipo de trabalho, é invisível por sua condição econômica. Ela incorpora a “severinidade”, a visibilidade do estigma da invisibilidade em sua pior atribuição de irremediavelmente “miserável e inferior”. Uma identidade cristalizada que lhe foi atribuída, por interesse dos grupos de poder políticoeconômicos. Como alguém nesta condição pode desenvolver a autonomia identitária e ser capaz do exercício da cidadania para construção da democracia é comumente impensável pela sociedade que a institui.

Mas, o estudo de caso de Gardênia, baseado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação, com aportes da teoria do agir comunicativo, por meio da análise interpretativa da narrativa autobiográfica, possibilitou a captura de aspectos da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade, que levam à melhor compreensão da relação “singular-particular-universal” e de como se desenvolve o sentido emancipatório. Como resultado, primeiramente, tem-se que a dinâmica das personagens/papéis quanto aos tipos de formação contextual oferece a possibilidade de identificarem-se etapas no desenvolvimento do sentido emancipatório, a partir das mudanças na interação do indivíduo com a normatividade social e políticas de identidade dominantes.

No caso de Gardênia, foram identificadas 4 etapas, denominadas de *sobrevivência*, de *enfrentamento*, de *luta* e de *querer fazer*. A primeira deu-se do seu nascimento à adolescência, quando foi subjugada à normatividade do grupo familiar, caracterizada pelo trabalho escravo, sob violência física e verbal, que já revela a instituição da assimetria das relações interativas, o estabelecimento da relação hierárquica de desigualdade, visando à dominação, opressão e exploração efetivadas na passividade e no silêncio; um reflexo do adoecimento da família pela política de identidade de invisibilidade instituída no Brasil desde a colonização. A segunda etapa, caracterizada pela primeira migração e mudança das relações trabalhistas, do manguoeiro para a cidade, da escravidão para o trabalho assalariado formal e informal. Foi uma

etapa de continuidade de assimilação da normatividade da política de identidade dominante, porém, sob outra forma de trabalho. A terceira, deu-se sob nova migração, agora para uma cultura diferente, do Nordeste para o Sudeste, havendo nova mudança na relação trabalhista, mas baseada no estigma da “severinidade”; porém, inicia-se a luta para romper com a subjugação da política de identidade dominante e do estigma, buscando reconhecimento e exercício de autonomia. O marco deu-se pela apropriação do feminino, por meio da conscientização da corporeidade, ocorrida pela gravidez inesperada, trazendo efetivamente a decisão de mudar de vida. A quarta etapa caracterizou-se pela mudança nas relações trabalhistas, sem precisar haver migração geográfica, proporcionando a intensificação do exercício da autonomia, com a ruptura da interiorização da normatividade da política de identidade e do estigma, e a conquista do reconhecimento, da visibilidade social no meio da comunidade de sentidos (contratantes, família, vizinhos, etc.).

Como outro resultado, tem-se que a vergonha pode ser um sentimento/emoção regulador moral das relações interpessoais e intrapessoais indicativo de autonomia e não de heteronomia; quando feita a análise interpretativa dos seus contextos provocativos em relação à dinâmica das personagens/papéis e os tipos de formação contextual das mesmas. No caso de Gardênia, a tensão entre normatividade interiorizada e busca emancipatória, representada pela vergonha, dão indícios de que é o movimento da *consciência* propiciada pela *atividade*, que impulsionou a *afetividade* quanto ao sentimento e o processo de seus contextos provocativos.

Um terceiro resultado é o de que a análise interpretativa dos contextos evocativos do extraordinário pode indicar o desenvolvimento do agir comunicativo, de autonomia, pela pretensão de reconhecimento pelos outros atores; e não alienação religiosa por princípio. No caso de Gardênia, ocorre a deflação do extraordinário, à medida em que há o desenvolvimento da capacidade de seu agir comunicativo nos atos de fala com outros atores; por interposição, vai ocorrendo a internalização do seu Deus e o desenvolvimento de seu agir comunicativo pela apropriação crescente da consciência de si; ela vai adquirindo competência interativa.

Certamente não podemos limitar a reflexão sobre a vergonha e a evocação do extraordinário unicamente ao que se apresentou nesta pesquisa⁵⁸, mas o que se quer evidenciar é exatamente a complexidade existente e a necessidade de aprofundamento que surge para a compreensão da dinâmica das categorias constituintes do psiquismo humano, quando se pesquisa baseado na ótica da identidade como metamorfose, do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, e do agir comunicativo.

O que é importante frisar é o caráter fundamental de identificar os processos emergentes nas narrativas autobiográficas e suas interconexões, quanto à dinâmica das personagens e seus contextos formativos, as emoções e sentimentos emergentes (verbalizados e não verbalizados) que se destacarem e seus contextos provocativos, bem como suas relações com as etapas de desenvolvimento do sentido emancipatório, o desenvolvimento da autonomia e projetos de vida. A análise interpretativa da interconexão de tais processos é que possibilitará o desvelar de detalhes da construção intersubjetiva indivíduo-sociedade para novas reflexões a cerca da relação heteronomia-autonomia. Gardênia representa as muitas mulheres nordestinas migrantes em São Paulo, que a partir da década de 1980 começam a construir uma nova história. O desenvolvimento da autonomia identitária, o ser capaz de exercitar a cidadania para construção da democracia, começa a ser viabilizado.

⁵⁸ Habermas (2012) baseia seu pensamento em Piaget e Kohlberg e não explora a participação das emoções no agir comunicativo. Acredito ser importante o desenvolvimento de pesquisas comparativas à teoria do agir comunicativo baseadas no pensamento de Vigotski a cerca da importância das emoções como mediação entre as categorias constituintes do psiquismo humano e os processos inconscientes (SAWAIA, 1995), para exploração do sintagma identidade-metamorfose-emancipação; mas, foge do alcance desta proposta de tese.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. 1. reimp. São Paulo: Cortez, 2011. 376p.

ALENCAR, Gideon. *Protestantismo Tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. 160p.

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. *Políticas de Identidade: emancipação e distopias*. Texto base de apresentação em mesa redonda realizada no XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, Porto Alegre, 14-17 de outubro de 2003.

ARAÚJO, Ulisses F. *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. Campinas, s/d. Disponível em: <<http://www.uspleste.usp.br/uliarau/textos/artvertentes.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2015.

ARRUTI, José Maurício Andion. *A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas*. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.2, pp. 7-38. ISSN 1678-4944.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). Gerência de Estudos Setoriais. *Relatório Setorial N° 3: Terceiro Setor e Desenvolvimento Social*. Brasília. 2001. (N°3). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/tsetor.pdf> Acesso em: 30 jun. 2015.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luis Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011. 279 p.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidad, pluralismo y crisis de sentido: la orientación del hombre moderno*. Barcelona: Paidós, 1997. 125 p.

_____. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 239 p.

BORGES, Selma Santos. *O Nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade*. 125 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BRASIL. Governo Federal. Portal Brasil. Economia e Emprego. *Nova lei do trabalho doméstico começa a valer a partir desta quarta (3)*. 2013. Brasília, 2013a. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/04/nova-lei-do-trabalho-domestico-comeca-a-valer-a-partir-desta-quarta-feira-3>. Acesso em: 27 jun. 2015.

_____. Governo Federal. Ministério da Integração Nacional. *Nova Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDRII*. 2012. Brasília, 2013b. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/web/guest/nova-politica-nacional-de-desenvolvimento-regional>. Acesso: 12 jun. 2015.

BRITO, Diana. População de São Paulo ultrapassa 11 milhões, diz IBGE. *Folha Online*, 02 nov. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u609690.shtml>. Acesso em: 02 nov.2009.

CALLEGARE-JACQUES, Sidia M. [et al.]. Historical genetics: Spatiotemporal analysis of the formation of the Brazilian population. *American Journal of Human Biology*. 2003, v. 15, p. 824–834, nov/dez 2003. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajhb.10217/pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2015

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 236 p.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In CAVALCANTI, M. L.V. C.; FRANCHETTO, B.; HEILBORN, M. L. (Orgs.) *Perspectivas Antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 25-62

CIAMPA. Antônio da Costa. *Identidade Social e suas relações com a ideologia*. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.

_____. *Um Estudo da Psicologia Social sobre A Estória do Severino e a História da Severina*. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. *Identidade Humana como Metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*. Texto base de apresentação em mesa redonda no Encontro Internacional Família e Psicanálise: novas tendências clínicas. UNIMARCO, São Paulo, 23 de agosto de 1998.

_____. *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2005. 256p.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; NAZARETH, Juliana. *Redes Sociais na Experiência Migratória de Mulheres Nordestinas*. In: Encontro ABRAPSO, XV, 2009, Maceió, Anais, [S. I.]: 2009, s/n. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%Cancia%20migrat%20ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf> Acesso em: 14 mai 2012

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do Sertão Nordestino*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2010. p. 241-277.

FERRARI, Mona de Melo. *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954): secas e desigualdades*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FERREIRA, Paula Coatti. *Aconselhamento Cristão e Cidadania: desafios, reflexões e propostas na perspectiva dos nordestinos das periferias de São Paulo*. 81 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

FERREIRA, Rodrigo Mendes. *Individuação e socialização em Jürgen Habermas: um estudo sobre a formação discursiva da vontade*. São Paulo/ Belo Horizonte: Annablume/ Unicentro Newton Paiva, 2000. 157p.

FREITAG, Bárbara. *Dialogando com Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005. 288 p. (Biblioteca Colégio, 10)

FRIEDMAN, S. *Sobre a gênese da gagueira*. São Paulo: s.n., 1985. 279p.

GARCIA, Leila Posinato (Org.) *Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf. Acesso em: 13 jul. 2015.

GIORGI, Amadeo. *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978. 230 p.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 233p.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. [reimp.]Rio de Janeiro: LTC, 2013. 158p.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Tradução: Marcel Aristides Ferreira Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HABERMAS, Jürgen. *Para reconstrução do Materialismo Histórico*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983. 247p.

_____. *Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. 271p. (Biblioteca Tempo Universitário, n. 90, Série Estudos Alemães)

_____. *Teoria do Agir Comunicativo*. V. 1: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução: Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 704p.

_____. *Teoria do Agir Comunicativo*. V. 2: Sobre a crítica da razão funcionalista. Tradução: Flavio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 797p.

HERRERO, Xavier. Racionalidade comunicativa e modernidade. *Síntese*, Belo Horizonte, 1986, v. 14, n. 37, p. 13-32, maio/ago.1986. ISSN 0103-4332

HONNETH, Axel. Visibilité et invisibilité. Sur l'épistémologie de la "reconnaissance". *Revue du MAUSS*, 2004/1. n. 23, p. 137-151, 2004. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-du-mauss-2004-1-page-137.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

HOUAISS, Antonio (Ed.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* [online]. São Paulo, 2015, s/n. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=desvelar> Acesso em: 15 jul. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 14 jul. 2015.

_____. *Evolução da Divisão Territorial do Brasil 1872-2010*: publicação completa. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em: http://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_territorial/divisao_territorial/evolucao_da_divisao_territorial_do_brasil_1872_2010/evolucao_da_divisao_territorial_do_brasil_publicacao_completa.pdf Acesso em: 16 jul 2015.

_____. *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. 2010. Rio de Janeiro, 2010c. (Estudos & Pesquisa, Informação Demográfica e Socioeconômica, 27). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf. Acesso em: 17 mai. 2015.

_____. *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. 2011. Rio de Janeiro, 2011. (Estudos & Análises, Informação Demográfica e Socioeconômica, 01). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2015.

_____. *Censo Demográfico 2010: Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões, segundo os grupos de religião - 2000/2010*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf> Acesso em: 12 jun. 2015.

_____. *Trabalho Infantil*. 2013. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/trabalho infantil/ outros/ graficos.html>. Acesso em: 13 jun. 2015.

_____. *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. 2014. Rio de Janeiro, 2014. (Estudos & Pesquisa, Informação Demográfica e Socioeconômica, 34). Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf. Acesso em 17 mai.2015.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Comunicados do IPEA: perfil dos migrantes em São Paulo*. Brasília, 2011a. (Nº 15). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111006_comunicadoipea115.pdf Acesso em: 09 out.2011.

_____. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4 ed. Brasília, IPEA, 2011b. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso: 09 mar. 2012.

JACOB, Cesar Romero [et al.]. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003. 240 p. (Coleção Ciências Sociais; 7).

JUSTIÇA condena universitária por preconceito contra nordestinos no Twitter. *UOL Notícias*, 16 mai. 2012. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/16/justica-condena-universitaria-por-preconceito-contra-nordestinos-no-twitter.htm>. Acesso em: 27/06/2015.

KOLYNIAC, Helena Marieta Rath. Uma abordagem psicossocial de corporeidade e identidade. *Integração*. São Paulo, ano XI, n.43, out-nov-dez . 2005. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/337_43.pdf. Acesso em: 05 mai. 2014.

LANE, S. T. M. Uma Psicologia Social baseada no materialismo histórico e dialético. In: HUTZ, C. S. (Org.). *Anais do II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1989. p. 147-155.

_____. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). *As novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense; EDUC, 1995a. p. 55-63.

_____. Os avanços da Psicologia Social na América Latina. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). *As novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense; EDUC, 1995b. p. 68-81.

_____. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 10-19.

LA TAILLE, Yves de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 2002, v.15, n.1, p. 13-25, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100003. Acesso em: 14 nov. 2014.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2010. 376p.

_____. Acepções de identidade na obra de Jürgen Habermas: subsídios para uma psicologia social criticamente orientada. *Psicologia & Sociedade [online]*, Belo Horizonte, 2012, v.24, n.2, p. 253-262, mai/ago 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 14 ago. 2012.

_____. ; CIAMPA, Antonio da Costa. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica (Org). *Psicologia Social Crítica: Paralaxes do Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 11-29.

LISBOA, Teresa K. (2007). *Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência*. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3):000, setembro-dezembro 2007.

LOPES, Reinaldo José. DNA brasileiro é 80% europeu, indica estudo. *Folha Online*, São Paulo, 05 out. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2009/10/633465-dna-de-brasileiro-e-80-europeu-indica-estudo.shtml>. Acesso em: 14 jul. 2015.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O Que É Cidadania*. 16 reimpr da 3 ed de 1995. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros Passos; 250)

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Centauro, 2008. 110 p.

MEAD, George H. *Espiritu, Persona Y Sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. 2 ed. reim. Mexico, DF: Paidós, 1993. 403p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12 Ed. São Paulo: HUCITEC, 2010. 407 p.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 10 (suplemento t 1), p. 07-18, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v10s1/v10supl1a02.pdf>>. Acesso em: 17 jul 2015.

ONU. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). PNUD Brasil/IPEA/FJO. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

_____. PNUD Brasil. Relatório do Desenvolvimento Humano 2014. Brasília, 2014. <http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014pt.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

REESE-SCHÄFER, Walter. *Compreender Habermas*. 2. ed. Tradução de Vilmar Scheneider. Petrópolis: Vozes, 2009. 183p. (Série Compreender).

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 435 p. (Companhia de Bolso).

SANT´ANA, Ruth Bernardes. Autonomia do sujeito: as contribuições teóricas de G. H. Mead. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*, Brasília, 2009, v.25, n.4, p. 467-477, out./dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000400002&script=sci_arttext. Acesso em: 14 ago. 2012.

SANTAROSA, Marcos Paulo. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. *Nômadias Revista Crítica sobre Ciencias Sociales y Juridicas*, Madri, 2012, Número Especial America Latina (2012). Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/41773>. Acesso em: 13 mai. 2015.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7 ed. São Paulo: EDUSP, 2007. 176 p (Coleção Milton Santos, 8)

SARBIN, T. R.; SCHEIBE, K. E. *Studies in Social Identity*. Nova York: Praeger, 1983. 400 p.

SÃO PAULO (Estado). Fundação Seade. *Migrantes nordestinos ainda são maioria na Região Metropolitana de São Paulo*. Boletim nº 18. 05 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/migrantes-nordestinos-ainda-sao-maioria-na-regiao-metropolitana-de-sao-paulo/>> Acesso em: 15 jul 2015.

SAWAIA, B. B. *A consciência em construção no trabalho da construção da existência: uma análise psicossocial do processo da consciência de mulheres faveladas participantes de movimentos urbanos de reivindicação social e de um grupo de produção de artesanato*. 319 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. Psicologia social: aspectos epistemológicos e éticos. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). *As novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense; EDUC, 1995. p. 45-131

SOBREIRA, Caesar. *Nordeste semita: ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita*. São Paulo: Global, 2010. 219p.

SOUZA, Jessé. *Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Colaboradores André Grillo... [et al.] Belo Horizonte: UFMJ, 2009. 483p. (Humanitas)

_____. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 207p. (Humanitas)

_____. *Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2.ed. rev. e ampl. Brand Arenari... [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 404p. (Humanitas)

SZYMANSKI, Heloisa (Org). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora, 2002. 87 p. (Série Pesquisa em Educação, 4)

TAKAHASHI, Edna Ikumi Umebayashi. *A emoção na prática de enfermagem: relatos por enfermeiros de UTI e UI*. São Paulo: s.n., 1991. 241p.

TAVARES, Felipe Cavaliere. Democracia deliberativa ou Conhecimento da diferença? Os princípios de justiça social nas teorias de Jurgüen Habermas e Charles Taylor. *Legis Augustus*, Rio de Janeiro, 2011, v.2, n.1, p. 56-67, fev. 2011.

VILLELLA, Danielle. Nordeste cresce acima da média do país. *Estadao.com.br*, São Paulo, 23 set. 2013. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,nordeste-cresce-acima-da-media-do-pais,165312e>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALENCAR, Gideon. A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos-IHU On-line*, São Leopoldo, ano X, ed. 329, p. 15-17, 17 mai. 2010. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1274128457.0731pdf.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. *Particularidade x universalidade no processo de emancipação da identidade*. Texto de referência de comunicação apresentada no XI Encontro Nacional de Psicologia Social promovido pela Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, em Florianópolis, SC, em nov. 2001.

_____. *Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. 250 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A Solidão Intimista na Cidade Mundial: uma análise da experiência da migração*. 152 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Silvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Orgs.). *Psicologia, E/Migração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Psicologia Social-Inconsciente e Cultura). p. 29-45.

BILAC, Elisabeth D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, Neide L. (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Funap, 1995.

CIAMPA, Antônio da Costa. Políticas de Identidade e Identidades Políticas. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. (Orgs.). *Uma Psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.

_____. Identidade. In: S.T.M. Lane e W. Codo (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.58-75.

GUARESCHI, Neusa Maria Fátima. Políticas de identidade: novos enfoques e novos desafios para a Psicologia Social. *Psicologia e Sociedade*, 2000, v.12, n.1/2, p, 110-124, jan/dez 2000. ISSN 0102-7182

HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia: entre facticidade e validade. Tradução: Flavio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 354 p. v.1.

_____. *O Discurso filosófico da Modernidade*: doze lições. Tradução: Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 540p. (Coleção Tópicos)

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução Luiz Lapa. 2 ed. 1 reimp. São Paulo: Ed. 34, 2011. 291 p.

APÊNDICE

Apêndice - A Dinâmica das Personagens de Gardênia

Personagens em atuação (com grifo) e as enfraquecidas ou desaparecendo (sem grifo)	Contexto narrativo de evidência do período espaço-temporal	Contexto narrativo de evidência do estado psíquico	Personagens iniciando dinâmica (com grifo) e as que estão em formação (sem grifo)
<u>Pestinha cobrinha</u>	Período fetal até os 8 anos de idade; em transição do ventre da mãe para o ventre da família (o lar).	Entendimento de que antes de nascer foi reconhecida por seus pais como alguém que não é útil, nem funcional, e sim, um problema. Teimosia é o que marca seu primeiro contato com a vida. Vida é sobrevivência. Percepção de que fora de seu lar havia outras pessoas que a reconheciam como gente e com direito à vida. Vingança marca a relação com sua mãe: uma tentou matar a outra, mas ambas sobreviveram.	<u>Útil e funcional</u>
<u>Útil e funcional</u> <i>Pestinha cobrinha</i>	Da infância, os 8 anos de idade, até o final da adolescência; do interior da família para o manguê.	Percepção de que passa a existir de fato a partir do momento em que se torna “útil” para a sobrevivência da família; sua funcionalidade produtiva faz dela alguém existindo socialmente, como solução e não mais como problema. Percepção de que a vida é enfrentada e não vivida; e de que o mundo é de domínio masculino.	<i>Oprimida em fuga</i>
<i>Oprimida em fuga</i> <u>Útil e funcional</u>	Final da adolescência, por volta dos 20 anos de idade; em transição do manguê para a cidade.	Desejo de libertação da condição de explorada, de quem não tem nenhum tipo de ganho (remuneração ou qualidade de vida). Reconhecimento social, de sua humanidade com base na convivência com pessoas de fora da família, pelas relações comerciais e festas comunitárias. Desejo de livrar-se da violência doméstica. Morte do <i>pai-patrão</i> .	<i>Com fome de vida nova</i>

<u>Oprimida em fuga</u> <u>Útil e funcional</u>	Após os 23 anos; trabalhando em uma fábrica; já pensando na mudança do NE para o SE.	Percepção da possibilidade de aumento de capacidade produtiva por meio de novos aprendizados e oportunidades externas ao lar e à sua cidade natal. Percepção da possibilidade real de ter remuneração e de ter qualidade de vida.	<u>Com fome de vida nova</u> <u>Que pena, mas aprende rápido</u>
<u>Com fome de vida nova</u> <u>Útil e funcional</u> <u>Oprimida em fuga</u>	Aos 31 anos, quando vem para São Paulo, no Guarujá, dentro da casa de uma família contratadora de seu serviço.	Percepção da necessidade ter o emprego para seu sustento, de estar sozinha, longe de sua casa, de sua terra/cultura. Desejo e necessidade de aprender os costumes paulistas. Percepção de que o mundo no Sudeste também pode ser de domínio feminino e, também, oprimi-la. Vergonha de olhar para os contratantes, de falar e de sorrir, por sentir-se incapaz, não saber fazer, trabalhar (desconhecadora dos hábitos e costumes paulistas).	<u>Que pena, mas aprende rápido</u>
<u>Que pena, mas aprende rápido</u> <u>Com fome de vida nova</u> <u>Útil e funcional</u> <u>Oprimida em fuga</u>	Aos 38 anos, quando descobre estar grávida da primeira filha, na cidade do Guarujá-SP.	Limitação momentânea da capacidade produtiva, pela mudança corporal (1ª gravidez). Escolha da responsabilidade de sustento de uma vida nova gerada, que traz também uma forma nova de interação a ser aprendida com o novo ator (Flor-1) no cenário. Percepção da necessidade de manter o emprego para o sustento de si mesma e de sua filha. Iniciativa de contratar alguém para substituí-la no serviço doméstico, no período de ausência pela internação hospitalar.	<u>Mãe solteira</u> <u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Que engole sapo porque precisa</u>
<u>Mãe solteira</u> <u>Que pena, mas aprende rápido</u> <u>Com fome de vida nova</u> <u>Útil e funcional</u> <u>Oprimida em fuga</u>	Após o nascimento de Flor-1, na cidade do Guarujá-SP.	Percepção intensificada da necessidade de manter o emprego para o sustento de si mesma e de sua filha. Vergonha com relação à família contratante e à família biológica, por receio de julgamento sobre o estado da maternidade solteira. Raiva pela percepção de	<u>Que engole sapo porque precisa</u>

<u>Com fome de vida nova</u> <u>Mãe solteira</u> <u>Que pena, mas aprende rápido</u> <u>Que engole sapo porque precisa</u> <i>Útil e funcional</i>	Após o nascimento de Flor-1, na cidade do Guarujá-SP.	insensibilidade da <i>patroa</i>. Percepção do poder do dinheiro, por ter pago o seu parto (cesariana) no hospital e entender que isso fez diferença no trato que recebeu. Percepção do custo do ganho do dinheiro, ao voltar para casa, com a recém-nascida e descobrir que a pessoa que remunerara e deixara responsável por substituí-la na limpeza, não fez o serviço devidamente e a casa estava imunda. Indignação com relação à pessoa que contratou para limpar a casa durante sua ausência. Receio de perder o emprego, mas com percepção da necessidade de mudar sua postura nas relações trabalhistas e de aumentar sua renda prestando serviço em outros lugares. Percepção de possibilidade e necessidade de ter sua casa própria e não morar mais na casa dos contratantes.	<u>Trabalhadora e consumidora</u> <i>Fervorosa</i>
<u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Com fome de vida nova</u> <u>Mãe solteira</u> <u>Que pena, mas aprende rápido</u> <u>Que engole sapo porque precisa</u>	Após os 42 anos de idade, já com duas filhas, morando em sua casa própria na periferia da cidade do Guarujá-SP.	Angústia e percepção de impotência diante da insuficiência de sustento de si mesma e de suas duas filhas, pela impossibilidade de aumentar sua carga de trabalho e diante das enchentes que a fazem perder tudo de dentro de casa por mais de uma vez. Percepção de que precisa vencer a vergonha que a impede de admitir sua condição de necessitada e de pedir alimentos e roupas para as pessoas para quem presta serviço. Lembrança de infância, de ver sua mãe ajoelhada no quintal de terra rezando, diante da insuficiência de comida, de desastres naturais (seca), de adoecimento dos filhos, da violência do pai e também	<u>Fervorosa</u>

		do receio de seus filhos não terem um bom caráter. Deus é aprendizado familiar de recurso diante do impossível. Saúde, força e coragem são seus pedidos a Deus.	
<u>Fervorosa</u> <u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Com fome de vida nova</u> <u>Mãe solteira</u> <i>Que pena, mas aprende rápido</i> <i>Que engole sapo porque precisa</i>	Quando entra na escola e volta a estudar, em 2005/2006, na periferia da cidade do Guarujá-SP.	Desejo do aprendizado intelectual e percepção de capacidade para tal, por meio de sua autoalfabetização. Confronto extremo com sua vergonha mediante a obrigatoriedade escolar de falar sobre o que pensa e argumentar sobre suas opiniões. Percepção da necessidade de saber orientar as filhas na vida escolar, social e afetivo-sexual das mesmas; Conscientização sobre seus direitos e deveres civis. Reflexão sobre os relacionamentos afetivo-sexuais vividos, sobre o perfil predominante de homens em seu contexto social e a identificação da necessidade de proteção das filhas como prioridade na decisão de ter, ou não, um novo companheiro.	<i>Que ensina e aconselha</i>
<u>Mãe solteira</u> <u>Fervorosa</u> <u>Trabalhadora e consumidora</u> <i>Com fome de vida nova</i>	Após frequentar a escola e enfrentar situações de trabalho e escolares das filhas, na periferia da cidade do Guarujá-SP.	Reconhecimento da importância da escola no vencimento de sua vergonha, sobretudo na mudança de postura nas relações trabalhistas: sai da subjugação e posiciona-se efetivamente como prestadora de serviços. Percepção da necessidade de se fazer respeitar pelas contratantes de seus serviços de limpeza e conquista efetiva do respeito. Reconhecimento de sua capacidade de discernir e reivindicar seus direitos bem como respeito, por meio do diálogo. Não mais “engole sapo”.	<u>Que ensina e aconselha</u> <i>Guerreira poderosa</i> <i>Fervorosa, mas não religiosa</i>

<u>Mãe solteira</u> <u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Que ensina e aconselha</u> <i>Fervorosa</i> <i>Com fome de vida nova</i>	Mais recente, dos últimos 7 anos da vida de Gardênia, na periferia da cidade do Guarujá-SP.	Aquisição crescente de conscientização para realizações de escolhas e das responsabilidades e consequências implicadas. Desenvolvimento da consciência ética própria com base em sua experiência de vida e preocupação de transmissão da mesma para as filhas, com intenção de elas viverem melhor e sofrerem menos que a mãe. Entendimento de que sua coragem e capacidade de enfrentamento são dadas por Deus. A resposta vem por meio do agir da própria Gardênia, e não de origem externa. Entendimento de necessidade fundamental de três coisas: vida, saúde, coragem; sobretudo a última.	<u>Guerreira poderosa</u> <u>Fervorosa, mas não religiosa</u> <i>Com vida nova cuidando de si</i>
<u>Mãe solteira</u> <u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Que ensina e aconselha</u> <u>Guerreira poderosa</u> <u>Fervorosa, mas não religiosa</u>	Quando Flor-1 começa a trabalhar, ainda solteira (2013), na cidade do Guarujá-SP.	Percepção de que suas filhas já podem e devem colaborar financeiramente e nos serviços de casa, e reconhecimento de que ela mesma pode e deve diminuir sua carga de trabalho. Percepção de sua beleza física e de seu valor como pessoa, como mulher. Reconhecimento da necessidade de cuidar de sua saúde em função do problema de coluna. Percepção de que o ganho financeiro não deve ser prioridade em sua vida e sim o bem estar como um todo. Melhoria de vida financeira incrementada pela otimização de recursos por meio das compras promocionais, melhorando a qualidade da alimentação e realizando desejos de consumo antes impossíveis. Melhoria efetiva da condição financeira e de vida como um todo. Não enfrenta mais a vida, por	<u>Com vida nova cuidando de si</u>

		isso não tem fome de vida nova; tem prazer em viver.	
<u>Trabalhadora e consumidora</u> <u>Que ensina e aconselha</u> <u>Guerreira poderosa</u> <u>Fervorosa, mas não religiosa</u> <u>Com vida nova cuidando de si</u>	A partir de 2013, quando descobre a gravidez de Flor-1, na periferia da cidade do Guarujá-SP.	Decepção, raiva e perda de confiança em Flor-1 pela gravidez inesperada, vencidos pela fé. Percepção de atitude controladora sobre a vida das filhas, como herança familiar de dominação diante da gravidez inesperada de Flor-1, proporcionando mudança para com Flor-2. Compreensão do contexto intergeracional e dos diferentes referenciais, tanto na relação com as filhas como com a mãe. Reconhecimento de um referencial masculino positivo em seu genro. Disposição de aprendizado sem expectativas elaboradas na interação com o novo ator (Flor-3 – sua neta).	Mãe solteira e avó-sogra <u>Eu mesma</u>
<u>Com vida nova cuidando de si</u> Trabalhadora e consumidora Que ensina e aconselha Guerreira poderosa Fervorosa, mas não religiosa	Em 2014, após a crise sofrida pela descoberta da gravidez de Flor-1, da realização de seu casamento e do nascimento da Flor-3. Periferia da cidade do Guarujá-SP.	Desprendimento de convenções sociais, abrindo-se mais ainda para o diálogo. Posicionamento de controle conquistado sem esforço sobre o consumo, para não se deixar dominar. Percepção de que deve manter sua liberdade conquistada, não assumindo a criação de sua neta (Flor-3). Desejo de realizar planos, que incluem o estudo por prazer e não por obrigação, viagens e dedicação às relações familiares – sem exagero ou perda de liberdade. Consciência de todo o seu processo de mudança, desejando não abrir mão da autonomia conquistada nem por amor à família, especialmente à Flor-3 e outros netos que possam nascer.	<u>Mãe solteira e avó-sogra</u> <u>Eu mesma</u>